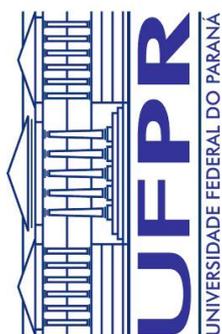


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

FERNANDO RICHARDI DA FONSECA

**OS ESPAÇOS DE LAZER DO COLÉGIO ESTADUAL DO
PARANÁ: POSSÍVEIS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM PARA
O USO DA CIDADE NO TEMPO/ESPAÇO DE LAZER**



**CURITIBA
2014**

FERNANDO RICHARDI DA FONSECA

**OS ESPAÇOS DE LAZER DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ:
POSSÍVEIS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM PARA O USO DA
CIDADE NO TEMPO/ESPAÇO DE LAZER**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Rechia



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



TERMO DE APROVAÇÃO

FERNANDO RICHARDI DA FONSECA

“Os espaços de lazer do Colégio Estadual do Paraná: possíveis espaços de aprendizagem para o uso da cidade no tempo/espaço de lazer”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física – Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa de Sociologia do Esporte e Lazer, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

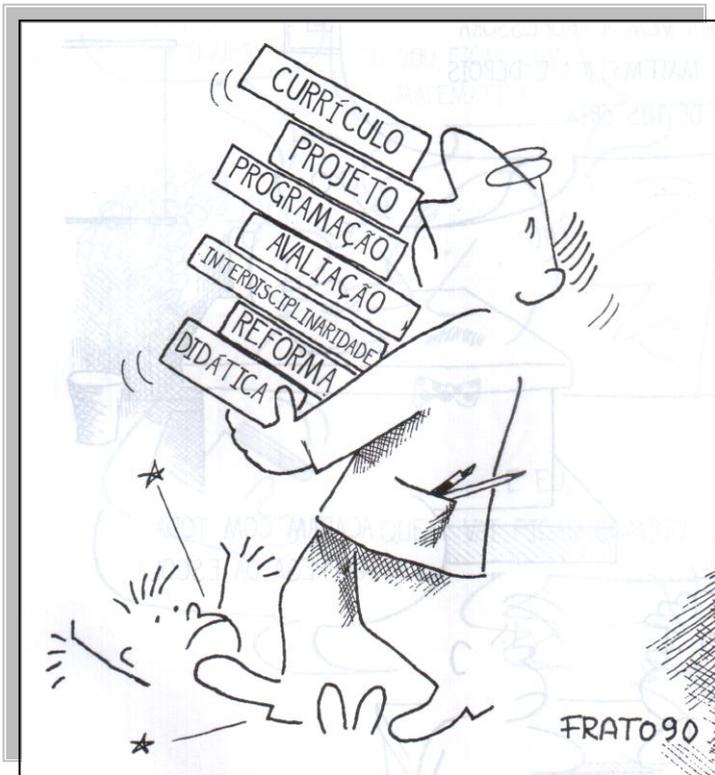
Professora Dra. Simone Rechia
Presidente/Orientadora

Professor Dr. Wagner de Campos
Membro Interno

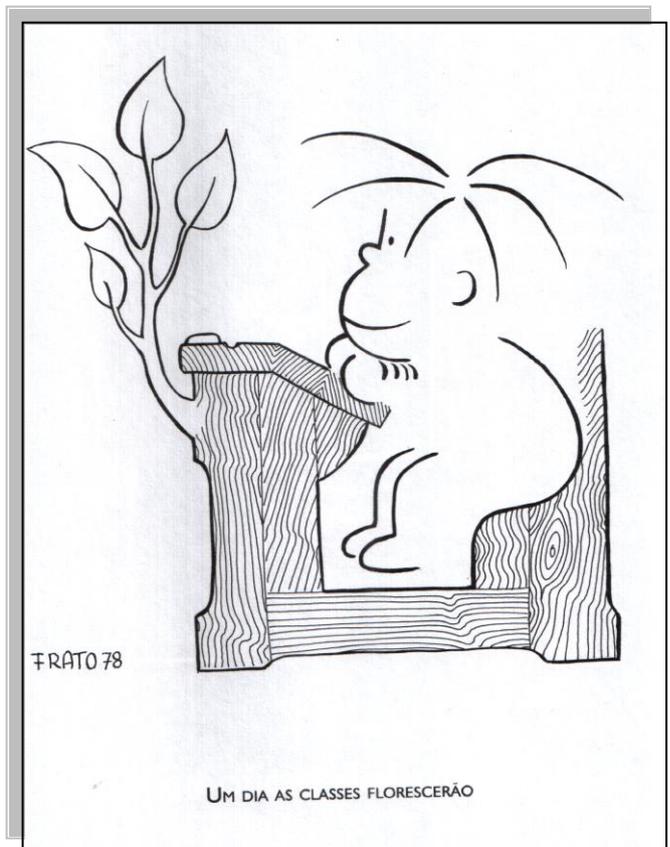
Professor Dr. Marcus Levy Bencosta
Membro Externo

Curitiba, 31 de Março de 2014.

EPÍGRAFE



*Um dia as
escolas
florescerão!!!*



AGRADECIMENTOS

“Super MÔ”, amiga, namorada, cúmplice, esposa e futura mãe, obrigado por tudo o que fez e faz por mim, sem o seu apoio não chegaríamos até aqui. Amo vocês.

Mãe, pai e família, obrigado por todas as lições que vocês me ensinaram, lições que sempre lembrarei e terei comigo onde eu estiver.

Todos os meus amigos que sempre me acompanharam e aconselharam durante toda a minha vida.

Professora Simone, muito obrigado pela compreensão, paciência e por todo o conhecimento teórico e de vida que você nos proporciona.

Todos os integrantes do GEPLC – obrigado pelos momentos de alegria e aprendizado ao lado de cada um de vocês.

Professores e funcionários do Programa de Pós Graduação em Educação Física da UFPR – obrigado por compartilharem conhecimentos, respeito e atenção, essenciais para minha vida pessoal e profissional.

Professores Christianne Luce Gomes, Wagner de Campos, Cristina Carta Cardoso de Medeiros e Marcus Levy Bencostta, membros da banca examinadora, obrigado pela disposição em ajudar e pelas significativas contribuições.

Agradeço em especial aos amigos e colegas do Colégio Estadual do Paraná, instituição que fez, faz e fará parte da minha vida para sempre e na qual aprendi muito e espero ter ensinado algo.

RESUMO

Esta pesquisa partiu da problemática em torno da possibilidade da ocorrência de experiências no âmbito do lazer na escola, mais especificamente nos seus espaços localizados ao ar livre, ou seja, para além das salas de aula, nos tempos/espaços em que estudantes e demais membros da comunidade escolar não estão inseridos nas aulas formais (intervalos e inter turnos), levando-se em consideração as formas de planejamento e organização desses espaços. Foi adotada a pesquisa qualitativa. Para contemplar os objetivos da pesquisa foram adotadas quatro etapas: (1) Mapeamento dos espaços ao ar livre; (2) Pesquisa em documentos atuais e históricos, visando a identificação do planejamento e da organização dos espaços; (3) Identificação, observação visual e descrição dos espaços ao ar livre e das formas de uso e apropriação destes espaços por membros da comunidade escolar, localizando possibilidades e experiências no âmbito do lazer; e (4) Entrevistas semiestruturadas com a equipe diretiva, professores, funcionários e estudantes, visando identificar as formas de compreensão dos espaços ao ar livre e da relação entre o fenômeno do lazer e o âmbito escolar. Por meio de uma triangulação entre as informações obtidas a partir das observações visuais de campo, das entrevistas semiestruturadas e dos documentos atuais e históricos do Colégio, foram identificadas e analisadas convergências e divergências. Os resultados desta pesquisa demonstraram que, no Colégio, os espaços ao ar livre não tinham o mesmo cuidado nem eram considerados potencialmente educativos como os demais espaços localizados internamente, mesmo estes espaços tendo sido ressignificados com o passar dos anos, passando de locais destinados, no início, principalmente à circulação das pessoas, para locais que possibilitariam novas formas de uso e apropriação por parte de toda a comunidade escolar. Desta forma, os intervalos e inter turnos eram entendidos e organizados como tempos/espaços de descanso e recuperação de energias para a volta às aulas, resultando no empobrecimento quanto às possibilidades de vivências calcadas no lúdico, principalmente em relação às práticas corporais. Este fato pode estar relacionado com a concepção de que a escola ainda é local destinado apenas ao trabalho, relegando o lazer a segundo plano ou a experiências vividas fora dos tempos/espaços escolares. A apropriação dos diversos espaços escolares pelos membros da comunidade escolar e o entendimento de que todos os espaços influenciam-se e interrelacionam-se, poderia auxiliar no estabelecimento das relações de uso, apropriação, trocas, ou seja, de ensino aprendizagem, não apenas em relação aos espaços da escola, mas com os demais espaços educativos da cidade, sejam eles públicos ou privados. Iniciar esse processo verdadeiramente educativo pelo ambiente escolar pode influenciar no uso e apropriação da cidade, já que o espaço escolar está inserido no espaço cidadão. Caberia à escola fazer a sua parte, prestar a sua contribuição enquanto instituição efetivamente educadora, o que poderia resultar em significativos avanços para a cidade e toda a sociedade, principalmente no que tange às relações humanas, estabelecidas nos diversos tempos/espaços da vida.

Palavras chave: Lazer, escola, espaço.

ABSTRACT

This research started from the problematic around the possibility of the occurrence of leisure experiences in school, more specifically in their spaces located outdoors, that is, beyond the classroom, in the time / space where students and other members of the school community are not included in formal classes (recess and inter shifts) , taking into account the forms of planning and organization of these spaces . Qualitative research was adopted . To contemplate the research objectives four steps were adopted: (1) Mapping of outdoor spaces ; (2) Research in current and historical documents, aiming at identifying the spaces planning and organization; (3) Identification , visual observation and description of outdoor spaces and forms of use and co-optation of these spaces by members of the school community, finding leisure opportunities and experiences; and (4) semi-structured interview with the management team, teachers, staff and students, aiming at identifying the ways of understanding the outdoor spaces and the relationship between the leisure phenomenon and scholastic spectrum. Through a triangulation between the information obtained from the visual field observations, semi-structured interviews and the current and historical documents of the High School, convergences and divergences were identified and analyzed. These research results demonstrated that, in the High School, the outdoor spaces had not the same care nor were considered potentially educative like the internal spaces, even these spaces had been resignified over the years, from places destined for, at the beginning, mainly for the people circulation, to places that enable new forms of use and appropriation by the whole school community. Thus, the recess and inter shifts were understood and organized as times/spaces of rest and restoration of energies for the return to school, resulting in the impoverishment of the possibilities of experiences based on ludic, especially in relation to corporal practices. This fact may be related to the conception that the school is still just a place dedicated to the work, relegating the leisure to the background or to experiences outside of scholar time/spaces. The appropriation of various school spaces by members of the school community and the understanding that all spaces are interrelated and influence each other, could help in the establishment of use relations, appropriation, exchanges, that is, in teaching and apprenticeship, not only related to the school spaces, but with the other educational spaces of the city, whether public or private. Start this truly educational process by the school environment can influence in the city use and appropriation, since the school space is inserted in city space. It is for the school to do its part, rendering its contribution as an effectively educator institution, which could result in significant advances for the city and the whole society, especially in regard to human relationships, established in different times/places of the life.

Keywords: Leisure, school, space.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	13
2 – METODOLOGIA.....	26
2.1. CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA.....	27
2.2. PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	28
2.3. INSTRUMENTOS PARA OBTENÇÃO DE DADOS E INFORMAÇÕES.....	31
2.4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS E INFORMAÇÕES	41
CAPÍTULO 1	
A EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA ESCOLA, A ESCOLA PARA ALÉM DA SALA DE AULA E O LÚDICO PARA ALÉM DO TEMPO/ESPAÇO DO LAZER	42
A LUDICIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR	55
CAPÍTULO 2	
A ESCOLA E O LAZER – POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO	64
CAPÍTULO 3	
CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO CONSIDERADO O <i>LÓCUS</i> DESTA PESQUISA - O COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ	74
A ADMINISTRAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR: FUNÇÕES E ATRIBUIÇÕES	82
UM PANORAMA INICIAL DOS ESPAÇOS AO AR LIVRE DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ	86
MANUTENÇÃO E LIMPEZA DOS ESPAÇOS.....	87
ILUMINAÇÃO, SEGURANÇA E ACESSO DOS ESPAÇOS	93
UMA ANÁLISE DOS ESPAÇOS AO AR LIVRE DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ.....	104
CAPÍTULO 4	
OS TEMPOS/ESPAÇOS ESCOLARES: DA POSSIBILIDADE À LIMITAÇÃO DE VIVÊNCIAS LÚDICAS	114
O INTERVALO – TEMPO/ESPAÇO ESCOLAR QUE POSSIBILITA VIVÊNCIAS LÚDICAS	120
O JOGO NO INTERVALO E INTERVALO "JOGADO"	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS.....	147
ANEXOS	159
APÊNDICES.....	175

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1. Fluxograma metodológico.	26
Fig. 2. Vista aérea do Colégio Estadual do Paraná.....	32
Fig. 3. Vista panorâmica do Espaço 1 - Complexo do Planetário.....	33
Fig. 4. Vista panorâmica do Espaço 2 - Pátio da Ala par	33
Fig. 5. Arena do Colégio Estadual do Paraná.	34
Fig. 6. Área coberta ao lado da Arena.....	35
Fig. 7. Vista de um dos fossos localizados na Arena	35
Fig. 8. Vista do Espaço 4 - Pátio atrás das alas e área coberta.....	36
Fig. 9. Vista do Espaço 5 - Pátio da Ala ímpar	37
Fig. 10. Atrativos do Pátio coberto da Ala ímpar	37
Fig. 11. Espaços externos do CEP observados e estudados durante a pesquisa	38
Fig. 12. Mafalda na escola.	52
Fig. 13. Adolescência.	57
Fig. 14. Jogo de tênis de mesa dos estudantes.	61
Fig. 15. Vista de parte do Espaço do Complexo do Planetário (1950 - 2013).....	77
Fig. 16. Vista do pátio coberto da Ala par (1950 - 2013).....	77
Fig. 17. Vista da Arena (1950 - 2013)	78
Fig. 18. Vista parcial do Pátio atrás das alas (1950 - 2013)	78
Fig. 19. Vista do Pátio coberto da Ala ímpar (1950 - 2013).....	79
Fig. 20. Entulhos em frente ao ginásio.	87
Fig. 21. Pedras soltas em frente ao Planetário.....	88
Fig. 22. Carros estacionados interferindo no acesso ao paraciclo.	89
Fig. 23. Foto de um dos bancos localizado no Pátio da Ala par.....	91
Fig. 24. Lixeiras danificas no Pátio atrás das alas.....	92
Fig. 25. Vista geral do Espaço 1 - inter turno entre a tarde e a noite	94
Fig. 26. Vista do bosque e das mesas em frente ao Planetário	95
Fig. 27. Falta de iluminação em uma parte do Pátio da Ala par	95
Fig. 28. Fosso localizado no Pátio da Ala par	102
Fig. 29. Charge de Mafalda e o espaço físico escolar.....	104
Fig. 30: Vista da Arena durante o intervalo.	128
Fig. 31. Estudantes jogando <i>Foursquare</i> durante o intervalo.....	129
Fig. 32. Estudantes nos espaços do complexo esportivo durante o intervalo.	131
Fig. 33. Horário do recreio na escola	137

LISTA DE TABELAS

Tab. 1. Levantamento de turmas e matrículas para o ano de 2013.....	80
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Graf. 1. Circulação diária de pessoas pelo colégio nos três turnos.....81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Calendário dos dias destinados às observações.....	39
---	----

1 – INTRODUÇÃO

Na sociedade moderna em que vivemos, muitas vezes percebe-se certo desequilíbrio entre os aspectos tempo/espço e atitude, ou seja, por vezes temos tempo, não livre, porém conquistado (GOMES, 2008) ou permitido, mas falta-nos atitude, relacionada à ação, à busca de algo que nos propicie prazer, satisfação, conhecimento. Já em outros momentos, a atitude fica latente devido à tão propalada falta de tempo, julgamos não ter tempo para realizar alguma atividade qualquer, nossa agenda está lotada, já temos compromisso etc. Por último, e não menos importante, percebe-se também a existência de espaços de lazer muitas vezes esvaziados de sentido e significado pelas pessoas, o que faz com que não sejam utilizados e apropriados.

Diante disto, o lazer seria consubstanciado a partir das relações interdependentes entre os aspectos tempo/espço social¹ e atitude, influenciados pela cultura e, como entende Stigger (2009, p. 76) relacionados aos "processos educativos que fazem parte da vida cotidiana".

O lazer, sendo fenômeno inserido no âmbito da cultura e influenciado pelas inúmeras transformações ocorridas na sociedade, favorece uma gama de temáticas possíveis de serem estudadas, dentre elas os tempos/espços que possibilitam experiências neste âmbito.

Dentre os inúmeros tempos/espços citadinos que possibilitam a ocorrência do lazer em nossa sociedade, a escola, além de um "espço para desenvolvimento de cada cidadão" pode possibilitar, por meio do usufruto dos seus diversos espços, experiências de lazer, "acrescentando a essas vivências tanto a formação educacional quanto pessoal" (TSCHOKE *et al.*, 2011, p. 8).

Desta forma, o lazer experienciado nos tempos/espços escolares, a forma como tais tempos/espços são planejados e organizados e a perspectiva de sujeitos que fazem parte da comunidade escolar (seja em relação aos diversos usos dos espços e também à possibilidade ou não da ocorrência do fenômeno do lazer no âmbito escolar) foram temas abordados no presente estudo.

¹ Para Harvey (2012) o tempo e o espço não podem ser compreendidos independente da ação social.

Busca-se compreender essas dimensões porque acredita-se que a escola é um espaço que possibilita inúmeras trocas, convivências, contradições, socializações, sociabilizações, enfim, aprendizagens. Ela é o lugar onde passamos um tempo significativo de nossas vidas, principalmente durante a infância e a adolescência.

Em tais fases da vida, influenciadas pelas transformações em nossa sociedade, percebe-se mudanças sensíveis nas formas das pessoas se relacionarem. Uma das consequências de tais transformações está relacionada à restrição e crescente redução dos espaços que possibilitam o encontro, o contato, a interação, o convívio, principalmente por meio de experiências calcadas no lúdico (RECHIA, 2006; PACHECO, 2006).

Diante desse panorama, as possibilidades de trocas possíveis de ocorrer entre as pessoas, ao invés de serem incentivadas e potencializadas, parecem, em nossa sociedade, diminuir progressivamente, limitando e muitas vezes sequer permitindo o estabelecimento das relações humanas experienciadas no tempo/espaço² do lazer.

Dessa maneira, entre os tempos/espaços possíveis e disponíveis para a ocorrência do lazer nas cidades, principalmente nos grandes centros urbanos, as escolas poderiam possibilitar, além dos aprendizados relacionados aos conhecimentos formais, aprendizagens adquiridas por meio do lazer e do universo lúdico.

Atualmente, tais aprendizagens são possibilitadas por meio de projetos realizados no contraturno escolar e nos finais de semana. Este fato pode ser reflexo da diminuição dos espaços livres nas cidades, da sensação de insegurança que faz com que as ruas, praças e demais espaços públicos estejam por vezes esvaziados, além da falta de investimentos públicos relacionados à criação e manutenção de espaços públicos, dentre tantos outros fatores.

As experiências no âmbito do lazer ocorridas no interior da escola, para além somente daquelas ocorridas nos projetos de contraturno, finais de semana e eventos comemorativos podem suscitar um aprendizado que, espera-se, extrapole os seus

² Para este estudo tempo/espaço serão abordados de forma conjunta, interdependente, a partir da afirmativa de Santos (1980) *apud* Gomes (2011, p. 20), de que não é possível definir os acontecimentos históricos e espaciais “fora de suas próprias determinações ou sem levar em conta a totalidade da qual eles emanam e que eles reproduzem” (p. 206). O autor conclui que o espaço social não pode ser explicado sem o tempo social, e vice-versa, pois essas dimensões são inseparáveis.

muros e reverbera na cidade, nos demais espaços que a compõem e, principalmente, na potencialização das relações humanas estabelecidas na sociedade. Além disso, a escola também deveria possibilitar a formação humana, formação para a cidadania, para a utilização dos conhecimentos em prol da sociedade, englobando tanto os fundamentos do mundo do trabalho quanto do lazer.

As experiências ocorridas no interior da escola, principalmente nos tempos escolares em que os estudantes e demais membros da comunidade escolar não estão envolvidos em aula formal, ou seja, com o processo relacionado ao trabalho educativo, poderiam estabelecer relações com o campo do lazer? Este questionamento tem apoio na ideia de Marcellino (2009), que defende a possibilidade do estabelecimento da relação lazer-escola-processo educativo, desde que a função primordial e principal da escola seja respeitada, sem desconsiderar as possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem por meio das experiências lúdicas, afinal, o mesmo autor vai além quando entende que "é possível trabalhar na escola com o elemento lúdico da cultura, ultrapassando o lazer como seu espaço de manifestação" (p. 30).

Outro questionamento inerente a este estudo seria a possibilidade destes conhecimentos, apreendidos no ambiente escolar por meio da ludicidade e do lazer, influenciarem as pessoas visando potencializar o uso e apropriação dos espaços escolares e, de forma mais complexa e abrangente, dos demais espaços da cidade nos tempos/espaços de lazer.

Desta forma, o processo educativo, alicerçado nos fundamentos básicos do lazer, dentre eles a liberdade e a gratuidade, e estabelecido no interior das escolas, poderia auxiliar sobremaneira o processo de humanização do ser humano, principalmente no que tange à (s) atitude (s) e às experiências sentidas e vividas por meio do corpo e de seus sentidos, muitas vezes negados no ambiente escolar. Para Marcellino (2009, p. 30) tal possibilidade exigiria "repensar o próprio papel da escola e não apenas a questão da escola - espaço de lazer".

Tais experiências, além da (s) atitude (s), certamente influenciariam os aspectos relacionados aos tempos/espaços, afinal, entendo que o fenômeno do lazer e o mundo do trabalho - no caso específico da escola, predominantemente o

trabalho educativo³ - não são fenômenos totalmente opostos e excludentes, ao contrário, sofrem influência um do outro⁴. Tanto o lazer quanto o trabalho estariam relacionados ao usufruto dos bens culturais produzidos pela sociedade, seja de maneira intencional e dirigida para um determinado fim (características inerentes principalmente ao mundo do trabalho) ou de forma mais livre e gratuita (inerentes principalmente ao lazer).

Diante do exposto até o momento, esta pesquisa partiu do seguinte problema: Quais experiências no âmbito do lazer são possíveis de se efetivarem nos espaços externos, ou seja, para além das salas do Colégio Estadual do Paraná (CEP), levando em consideração as formas de planejamento e organização de tais espaços?

Embora entenda que todo e qualquer espaço no âmbito escolar possa se transformar em uma verdadeira sala de aula, para efeito de elucidação e delimitação deste estudo foram considerados os espaços ao ar livre do Colégio, localizados ao redor do edifício principal, quais foram: pátios cobertos, pátios descobertos e áreas verdes.

O objetivo geral foi investigar as relações entre o fenômeno do lazer e o âmbito escolar, mais precisamente as relações estabelecidas no interior do Colégio Estadual do Paraná, levando-se em consideração seus diversos espaços ao ar livre, as formas de planejamento e organização de tais espaços, as vivências experienciadas por estudantes, professores e funcionários nesses espaços, as formas de compreensão e entendimento de membros da comunidade escolar em relação ao fenômeno do lazer e à escola, além das informações relacionadas ao tema contidas nos documentos que norteiam a concepção de escola do CEP.

Para contemplar o objetivo geral foram propostos como objetivos específicos: A) mapear os espaços ao ar livre, identificando o planejamento e organização desses espaços que possibilitam experiências no âmbito do lazer no

³ Para Saviani (2012, p. 13) o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.

⁴ Para Gomes (2011b, p. 36) não existem fronteiras absolutas entre o trabalho e o lazer, tampouco entre este e as demais esferas da nossa vida social. Marcassa e Mascarenhas (2010) entendem que o lazer e o trabalho determinam-se mutuamente, constituindo-se fenômenos indissociáveis. Oliveira e Bernardes (2012) entendem o trabalho e o lazer como unidade dialética no processo de humanização. Neste sentido, para as autoras, somente se pode entender o lazer como atividade humana que promove o processo de humanização se também compreendermos o trabalho na mesma relação e na mesma condição de promotor do desenvolvimento humano, como atividade humana.

Colégio Estadual do Paraná; B) identificar as formas de uso e apropriação dos espaços ao ar livre por estudantes, professores, funcionários e equipe diretiva, verificando possibilidades e experiências no âmbito do lazer; e, por fim, C) identificar as formas de compreensão dos diversos espaços ao ar livre, pela equipe diretiva, professores, funcionários e estudantes do Colégio, além da relação entre o fenômeno do lazer e a escola.

Para justificar a realização desta pesquisa inicio por alguns recortes da minha história, que em muitos momentos se passa no interior do Colégio escolhido para a realização do estudo.

Minha relação com o CEP começou na década de 1990, mais precisamente no ano de 1993, quando ingressei no Colégio como estudante no turno da noite, onde concluí os estudos do antigo 2º Grau, hoje Ensino Médio. Em 2005 tive a oportunidade de retornar, desta vez como graduando do curso de Educação Física da PUCPR, cursando, durante o 1º semestre, a disciplina de Estágio supervisionado. Passados alguns anos, em 2008, já graduado, recebi o convite para atuar como professor no Colégio.

Neste período, já como professor de Educação Física da instituição e observador das formas de apropriação⁵ dos espaços pelos estudantes comecei a perceber que no horário do intervalo não havia a oferta de atividades e nem o acesso livre aos diversos espaços ao ar livre, como o campo de futebol, a pista e as quadras esportivas, ou seja, os estudantes não se apropriavam de muitos dos espaços do Colégio durante este tempo escolar.

O acesso a tais espaços era autorizado somente com a presença de um professor ou funcionário, desde que ficasse responsável pelos estudantes naquele determinado momento. Desta forma, uma das poucas possibilidades de apropriação de muitos espaços, principalmente daqueles considerados a sala de aula da disciplina de Educação Física, dentre os quais cito as quadras poliesportivas, o campo de futebol, a pista de atletismo, a arquibancada, dentre outros, se dava somente nas próprias aulas de Educação Física ou nos treinamentos das modalidades esportivas, realizados no contraturno escolar.

⁵ O conceito de apropriação que será utilizado neste trabalho é o proposto por (TUAN, 2012), que diz respeito à (1) vivência do local e atribuição de significados; (2) identificação com o ambiente; e (3) à experiência, compreensão e identificação com o lugar. Ainda de acordo com o autor, a apropriação corresponderia à transformação do espaço em lugar.

Nesta época, os argumentos dos coordenadores de Educação Física e da equipe diretiva do Colégio em relação a este acompanhamento de um adulto considerado responsável eram muito parecidos, dentre os quais posso citar: caso ficassem sozinhos os estudantes iriam depredar o patrimônio do Colégio, fazer uso de bebidas alcoólicas e/ou drogas, envolver-se em situações de risco, deixar de frequentar as aulas seguintes, promover algazarras que atrapalhariam o andamento das aulas de Educação Física, dentre outros.

Neste sentido, o horário do intervalo, considerado um tempo em que as relações humanas podem ser potencializadas, principalmente por meio de vivências lúdicas, não era entendido desta forma por boa parte dos professores de Educação Física, dos membros da equipe diretiva do Colégio e inclusive por muitos estudantes.

Como nesta época (2008) o CEP não contava com nenhuma proposta ou projeto voltado para o tempo/espaço do intervalo, e também não era vislumbrada abertura para tal ação, a possibilidade encontrada por mim, enquanto professor de Educação Física preocupado com esta situação foi permanecer com os estudantes que quisessem utilizar os espaços do complexo esportivo (campo, quadras e pista) para vivenciar jogos e práticas corporais escolhidas por eles, ou simplesmente conversar e descansar durante o intervalo, em um espaço no qual habitualmente lhes era negado o acesso naquele horário.

Os anos passaram e, no final do ano de 2010, tive a oportunidade de participar do corpo diretivo do Colégio, composto por quatro diretores, destes uma direção geral e três direções de turno. Como diretor auxiliar do turno vespertino tinha a possibilidade e o desafio de planejar e implementar ações que favorecessem um intervalo mais educativo, com o objetivo de oportunizar mais possibilidades no âmbito do lazer, por meio da organização⁶ dos diversos espaços, da oferta de materiais e do acesso livre pelos estudantes a estes espaços.

Buscando discutir e avançar diante deste desafio, a equipe da direção do Colégio firmou parceria com o Grupo de Estudos e Pesquisa em Lazer, Espaço e

⁶ Organização entendida aqui como planejamento e provimento do necessário para a realização de algo (HOUAISS, 2004). Neste caso específico o acesso liberado a espaços antes proibidos durante os intervalos e a disponibilização facultativa de materiais para as práticas escolhidas pelos estudantes para vivenciarem neste tempo/espaço.

Cidade⁷ (GEPLEC), vinculado ao Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Simone Rechia. A partir desta aproximação tiveram início, nas dependências do CEP, as ações para o desenvolvimento do Programa Licenciador⁸ 2011, com a temática “A escola e os espaços lúdicos”.

Em 2011, o Programa Licenciador desenvolveu diversas atividades no CEP, dentre elas: 1) Aplicação do protocolo nos espaços internos do Colégio que poderiam ser utilizados em outros momentos além da aula formal, como no horário do intervalo e no contraturno escolar (Os espaços pesquisados foram a biblioteca, o auditório, a sala de teatro e a sala de artes); 2) Confecção do Mapa dos espaços de lazer do Colégio, de forma a perceber na sua totalidade a grande estrutura disponível; 3) Confecção de uma tabela síntese dos espaços, além de textos com as categorias centrais provenientes do protocolo; 4) Desenvolvimento e aplicação de questionários específicos aos estudantes do CEP, divididos numa parte quantitativa e outra qualitativa; e 5) Elaboração de intervenções com vistas a confirmar, ou não, os dados obtidos por meio dos questionários (LICENCIAR, 2012).

Tais dados auxiliaram na elaboração do projeto de abertura do intervalo⁹ aos estudantes do turno da tarde, que seria iniciado no 2º semestre de 2011, infelizmente interrompido devido a um problema de saúde que me afastou da direção por cinco meses.

⁷ Grupo que atua desde 2004, vinculado ao Departamento de Educação Física da UFPR, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Simone Rechia. O grupo atua em diversos programas e projetos, dentre os quais, o Programa Licenciador, o Programa de Educação Tutorial (PET), o programa de Iniciação Científica e a Monitoria.

⁸ O Programa Licenciador congrega projetos dos diversos Cursos de Licenciatura da UFPR. O objetivo geral é apoiar ações que visem ao desenvolvimento de projetos voltados à melhoria da qualidade de ensino nas Licenciaturas desta Universidade, por meio do acompanhamento pedagógico, orientação dos coordenadores, distribuição de bolsas aos licenciandos e organização e promoção de eventos para socialização dos conhecimentos gerados a partir de projetos (UFPR, 2013).

⁹ O projeto, após ser discutido em diversas instâncias do Colégio foi aprovado da seguinte forma: (1) os estudantes do turno vespertino (aproximadamente 1880 estudantes) teriam, durante o intervalo, acesso livre aos espaços externos do CEP, inclusive do complexo esportivo, exceto às piscinas; (2) nestes espaços teriam a possibilidade de desenvolver, de forma autônoma, as atividades e jogos que quisessem, uma vez que dispunham de material para isto; (3) os inspetores auxiliariam durante todo o processo, sendo responsáveis pela entrega do material e por acompanhar as atividades que seriam realizadas pelos estudantes, evitando, caso fosse necessário, problemas relacionados com depredação do patrimônio, dos materiais ou desentendimentos entre os estudantes. Dias após meu retorno ao Colégio, na penúltima semana do ano letivo de 2011, tivemos a oportunidade de possibilitar o acesso dos estudantes aos diversos espaços externos durante o intervalo por dois dias, com nenhum registro de atraso, briga, depredação ou tumulto. Esta abertura, mesmo sendo por apenas dois dias demonstrou que tal ação era possível e viável, desde que fosse planejada adequadamente.

Ainda durante o ano de 2011, simultaneamente ao trabalho na direção, também me preparei para ingressar como aluno no mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação Física da UFPR, com objetivo de adquirir e aprofundar conhecimentos relativos à temática do lazer, dos espaços escolares, suas possibilidades em relação à vivência da ludicidade na escola dentre outros.

No início de 2012, já como aluno do Mestrado em Educação Física da UFPR e como integrante do GEPLC, fui convidado pela equipe diretiva do CEP para assumir a responsabilidade de pensar e planejar, juntamente com a direção, o melhor aproveitamento e a otimização dos espaços ao ar livre, convite decorrente do trabalho que o grupo de pesquisa já havia realizado no Colégio em 2011, quando foi realizado o mapeamento das condições e das formas com que os estudantes percebiam os diversos espaços que possibilitavam experiências no âmbito do lazer no Colégio.

Partindo desta nova função no Colégio, dentre as ações realizadas durante 2012, tive a oportunidade de propor e participar da Gincana Muda CEP, que tinha, dentre um de seus objetivos, possibilitar a criação de ambientes mais agradáveis e adequados aos estudantes, professores, funcionários e demais membros da comunidade escolar, de acordo com a criatividade e ideias dos participantes, visando não apenas transformar espaços do Colégio, mas também possibilitando que a comunidade escolar começasse a pensar e a refletir no sentido de que estes espaços, de diversas formas, também educavam, tanto nos momentos formais de aula, quanto nos momentos considerados informais, como o intervalo e o horário livre entre os turnos.

A gincana possibilitou a vivência real e efetiva de conceitos discutidos no Mestrado e no GEPLC, como lazer, trabalho, espaço, lugar, equipamento, apropriação, sentimento de pertencimento, dentre outros.

Ainda em 2012, foram desenvolvidas as seguintes atividades durante o Programa Licenciar: 1) Análise mais completa dos dados obtidos no projeto 2011; 2) Visitas para observação visual dos espaços que possibilitavam experiências no âmbito do lazer no Colégio, com objetivo de entender alguns aspectos da cultura escolar, principalmente relacionados às contradições existentes no espaço e às formas de uso e apropriação; 3) Planejamento e realização de intervenções baseadas na concepção da educação para e pelo lazer, de acordo com a realidade observada no Colégio; 4) Realização de cursos de formação continuada para

professores da rede pública e privada de ensino; e 5) Apresentação dos resultados obtidos por meio do programa durante o ano de 2012. Esta apresentação foi realizada no início de 2013, durante a semana pedagógica dos professores e funcionários do CEP (LICENCIAR, 2013).

Todas as experiências anteriormente relatadas serviram de base para o planejamento desta pesquisa, em que busco o aprofundamento dos estudos no campo do lazer e sua relação com o espaço escolar, tendo em vista uma escola que não vise a formação apenas para o trabalho como expressão humana, valorizado por diversas abordagens da educação (MARCELLINO, 2010), mas principalmente para a vida.

Diante do exposto, entendendo a escola como um espaço de formação humana para a vida e, pensar o lazer e suas possibilidades no âmbito escolar mostra-se relevante, pois este é um dos direitos sociais garantidos pela Constituição (BRASIL, 2010), ao lado da educação, da saúde, do trabalho, da moradia, da segurança, dentre outros.

No âmbito escolar, o lazer, pode e deve ser discutido pela Educação Física, e também pelas demais disciplinas curriculares, exigindo inclusive, de acordo com Marcellino (2009) um esforço para materializar tal integração.

Esta materialização do fenômeno do lazer no Colégio pode ser verificada por meio das diversas atividades ali oferecidas e desenvolvidas. Segundo o Projeto Político Pedagógico (COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 2011) o Colégio desenvolve atividades escolares inclusive aos sábados, possuindo um quarto turno de aulas durante a semana, ou inter turno, momento em que oferece cursos de língua estrangeira moderna, aulas de redação, treinamento desportivo e oficinas de arte.

Desta forma, o CEP possui uma demanda que não se refere somente à aulas curriculares e a projetos. No CELEM (Centro de Línguas Estrangeiras Modernas) são ofertados cursos de Inglês Básico, Espanhol Básico, Francês Básico, Japonês Básico, Polonês Básico, Inglês Aprimoramento, Alemão Básico, Alemão Aprimoramento, Mandarim Básico, Francês Aprimoramento e Espanhol Aprimoramento.

Já a Escolinha de Arte conta com seus cursos modulados, ofertados em contraturno, abertos à participação de estudantes e demais membros da

comunidade. Desta forma, são oferecidas diversas atividades relacionadas às artes visuais, ao teatro, à música e à dança.

Os cursos modulados ofertados, em contraturno, na Escolinha de Arte, são os seguintes: (1) **Música**: Teoria Musical, Instrumentos de sopro, Prática de Banda Musical, Piano, Expressão Vocal, Violão, Violino, Coro do Colégio Estadual, Coro jovem, Momento Música e Cidadania; (2) **Artes Visuais**: Técnicas de desenho, Desenho básico, Desenho figura humana, Desenho para Pré-vestibular, Gravura, Maquetaria, Modelagem em argila, Pintura em Tela, Pintura em cerâmica, Fotografia e Desenho ocupacional; (3) **Teatro**: Gruta, Literatura com teatro e Figurino; e (4) **Dança**: Dança Contemporânea (Dancep), Dança de salão Iniciante, Tango e Expressão Corporal.

Além das atividades curriculares e extra curriculares, também fazem parte da Escolinha de Arte, a Banda Sinfônica Bento Mossurunga, o Coral do Colégio Estadual do Paraná, o Gruta (Grupo de Teatro Amador) e o Dancep (Grupo de Dança Contemporânea), contando com estruturas físicas próprias para o atendimento de cada uma.

Outra possibilidade de atividades para a comunidade escolar está relacionada à Educação Física, por meio da oferta de 11 modalidades esportivas (atletismo, basquete, futsal, futebol, handebol, ginástica rítmica, natação, voleibol, tênis de mesa, xadrez e musculação) além de outras práticas corporais, como Ginástica Laboral, Condicionamento Físico e Corrida de rua. O desenvolvimento dessas atividades ocorre nos espaços do complexo esportivo do Colégio (quadras poliesportivas, campo gramado, pista de atletismo, piscina semi olímpica e piscina de aprendizagem), no ginásio de esportes (contendo quadra poliesportiva, sala de ginástica rítmica (GR) e sala de xadrez), na sala de musculação e na sala de Tênis de mesa. A partir do ano de 2011, o CEP também passou a oferecer o treinamento de atletismo para estudantes com deficiência.

Além das atividades listadas anteriormente, também são realizadas palestras a respeito de diversos assuntos de interesse da comunidade escolar, semana cultural (onde são realizadas oficinas, palestras e apresentação de trabalhos), mostras e exposições durante todo o ano dos trabalhos e atividades desenvolvidos pelos diversos setores do Colégio, e inúmeras exposições e apresentações culturais relacionadas à música, teatro, dança, dentre tantas outras manifestações humanas.

Com base no exposto anteriormente, percebe-se que o CEP oferece uma gama de atividades culturais, possibilitando tanto uma educação **para** quanto **pelo** lazer, possíveis de se manifestarem por meio das experiências vivenciadas em diversos dos seus tempos/espços escolares, indo muito além das tradicionais festas e eventos comemorativos.

Diante disso, entendo a necessidade de se repensar os espaços que possibilitam experiências de lazer no âmbito escolar, a partir das formas como são planejados, apropriados pela comunidade escolar, principalmente durante os períodos em que os estudantes não estão envolvidos em aula formal, no caso do CEP, no horário do intervalo e no período inter turnos.

No caso deste estudo, devido à importância e relevância social do Colégio para o Estado do Paraná, a repercussão dos resultados obtidos poderá sugerir a discussão, o planejamento e a implementação de ações pontuais e adequadas não somente ao CEP, mas também às outras instituições de ensino, respeitando as características inerentes a cada instituição, pois acredito, assim como Gadotti (2010, p. 54) que “cada escola é fruto do desenvolvimento de suas contradições”.

A partir dos resultados obtidos com este estudo poderá ser apresentada uma proposta abrangendo possibilidades de renovação, transformação e construção de espaços que possibilitem vivências mais ampliadas no âmbito do lazer no Colégio, de acordo com as necessidades de estudantes, professores e funcionários, e também, de acordo com as possibilidades administrativas e organizacionais do Colégio Estadual do Paraná.

Este estudo também poderá contribuir para a geração de conhecimentos que possam subsidiar discussões acerca desta problemática nas escolas, com a possibilidade de planejamento e implementação de políticas públicas que visem à valorização e qualificação dos tempos/espços nas escolas da rede estadual, municipal ou particular de ensino, principalmente dos intervalos.

A continuidade e aprofundamento das pesquisas deste gênero nas escolas, em todos os níveis de ensino, poderá gerar produção científica para subsidiar outras pesquisas que visem a otimização dos tempos/espços escolares.

A democratização do conhecimento a partir da divulgação dos artigos gerados a partir deste estudo poderá auxiliar professores e gestores escolares no que tange ao planejamento e organização dos tempos/espços escolares,

possibilitando inclusive a formação continuada e o ingresso em programas de Pós Graduação para continuidade e aperfeiçoamento da sua formação.

Entre as pesquisas que abordam tempos/espacos escolares cito aquelas relacionadas aos espacos livres nas escolas, incluindo principalmente o estudo dos pátios escolares (AZEVEDO *et al.*, 2011; GONÇALVES e FLORES, 2011), espacos relacionados às práticas esportivas (BENCOSTTA e CORREIA, 2011) e formas de apropriação dos espacos pelos estudantes (AQUINO *et al.*, 2011) e (ELALI, 2011), pesquisas relacionadas à apropriação dos espacos escolares, no contraturno escolar e nos finais de semana (TSCHOKE *et al.*, 2011), e pesquisas relacionadas ao planejamento dos espacos e suas relações com as experiências do jogar como forma de manifestação lúdica (RECHIA, 2006).

Entretanto, estudos que contemplem, além destes aspectos, a perspectiva dos gestores escolares, professores, funcionários e estudantes ainda apresentam-se escassos.

Desta forma, buscar alguns esclarecimentos a respeito da perspectiva dos participantes do estudo (equipe diretiva, professores, funcionários e estudantes), da forma como entendem os espacos para além das salas de aula que possibilitam experiências no âmbito do lazer no CEP, da organização e o planejamento destes espacos, além das formas de uso e apropriação, podem ser considerados como diferenciais e, por que não, tomadas as devidas proporções, um pequeno avanço nos estudos realizados em escolas a respeito desta temática.

Neste estudo utilizei elementos da pesquisa qualitativa, com interesse nas perspectivas dos diversos participantes (membros da comunidade escolar), suas práticas no cotidiano escolar e seu conhecimento relativo ao problema identificado para o estudo. As informações e dados foram obtidos por meio de observações de campo dos espacos e das experiências dos sujeitos nesses espacos, entrevistas semi estruturadas com membros da comunidade escolar, selecionados a partir da sua função desempenhada no CEP, e também por meio da análise de documentos que norteiam a concepção de escola e o funcionamento do Colégio.

O item a seguir é destinado à descrição dos caminhos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa. Logo após são apresentados os capítulos que fazem parte do presente estudo.

O capítulo 1, "A educação para além da escola, a escola para além da sala de aula e o lúdico para além do tempo/espaço do lazer" visa discutir a concepção

mais ampliada de educação de nosso tempo, possível de se materializar em diversos espaços da cidade para além da escola apenas. Também serão abordados aspectos referentes à ludicidade e a possibilidade da sua ocorrência no ambiente escolar.

Intitulado "A escola e o lazer - possibilidades de aproximação", o capítulo 2 visa discutir as possibilidades de aproximação entre o ambiente escolar, tradicionalmente voltado para o trabalho educativo e o fenômeno do lazer na contemporaneidade.

O capítulo 3, "Caracterização do espaços considerado o *lócus* desta pesquisa - o Colégio Estadual do Paraná" abordará aspectos desta tradicional instituição de ensino do Estado do Paraná, possuidora de inúmeros atrativos, principalmente relacionados à quantidade e variedade de espaços e atividades desenvolvidas no seu interior. Será apresentado um panorama inicial dos espaços ao ar livre pesquisados, por meio da análise das categorias manutenção, limpeza, iluminação, segurança e acesso, que podem influenciar decisivamente nas possibilidades de uso e apropriação dos espaços. Logo após este panorama inicial será apresentada a análise de cada um dos espaços pesquisados, levando-se em consideração as informações obtidas por meio da aplicação dos protocolos, das observações de campo, dos relatos dos participantes e dos documentos que norteiam a concepção de escola e o funcionamento da instituição.

O capítulo 3 também é destinado à apresentação e discussão de informações referentes à administração da instituição, que conta setores responsáveis pela organização e planejamento dos espaços escolares.

Por fim, o capítulo 4, "Os tempos/espaços escolares: da possibilidade à limitação de vivências lúdicas" nos convida a uma incursão por um dos tempos/espaços em que a ludicidade pode aflorar com mais intensidade no ambiente escolar, ou seja, nos intervalos e momentos em que os membros da comunidade escolar não estão envolvidos com as aulas formais.

2 – METODOLOGIA

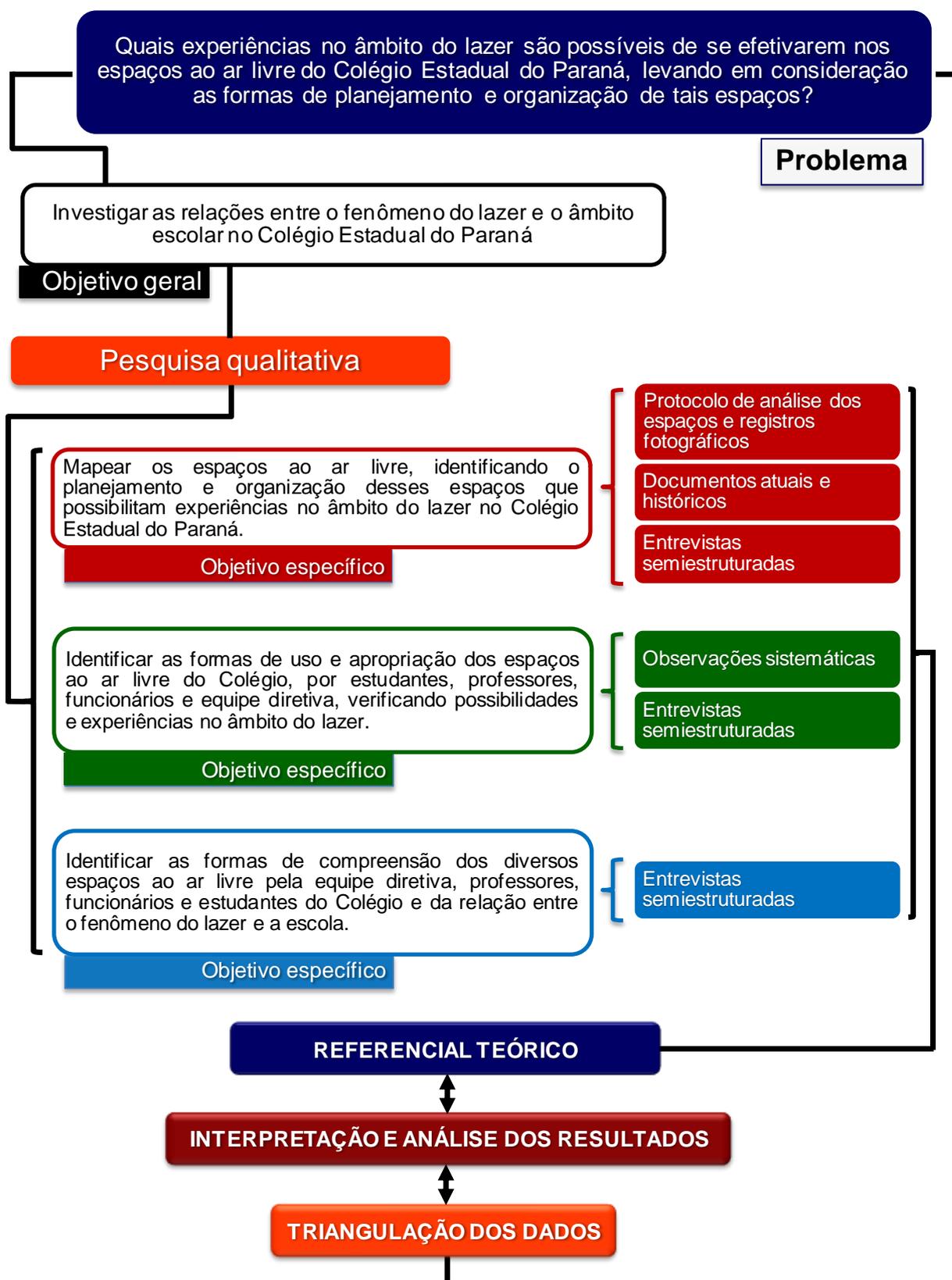


Fig. 1. Fluxograma metodológico.

2.1. Características da pesquisa

Na figura 1 está representado o fluxograma metodológico do presente estudo, entendido como o caminho percorrido pelo pesquisador durante a realização da pesquisa, com descrição do problema, objetivo geral, objetivos específicos, instrumentos propostos para contemplar cada objetivo, referencial teórico e análise dos resultados e informações.

Foi adotada a pesquisa qualitativa (FLICK, 2009, p. 16), partindo da “noção da construção social das realidades em estudo”, com interesse nas perspectivas dos diversos participantes (membros da comunidade escolar), suas práticas no cotidiano escolar e seu conhecimento relativo ao problema identificado para este estudo.

Para a pesquisa qualitativa definida para este estudo foi proposto, como "enfoque teórico-metodológico-qualitativo", um estudo de caso qualitativo, entendido como a eleição de um objeto a ser estudado (MOLINA, 2010, p. 102).

No âmbito educativo, Molina (2010, p. 102) define o estudo de caso qualitativo como "um processo que tenta descrever e analisar algo em termos complexos e compreensivos", desenvolvendo-se em um determinado período de tempo.

Yin (2005) define o estudo de caso como uma investigação empírica de um determinado fenômeno contemporâneo, imersa em seu contexto real, principalmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão definidos de forma clara. No caso deste estudo, as relações entre o fenômeno do lazer e o âmbito escolar situadas no contexto do Colégio Estadual do Paraná no ano de 2013, investigadas por meio das vivências e experiências das pessoas nos espaços pesquisados (principalmente dos estudantes), das falas dos participantes do estudo e da análise dos documentos norteadores do Colégio, caracterizando outra particularidade do estudo de caso, ou seja, o fato de basear-se em diversas fontes de evidências, convergindo para uma triangulação desses dados.

Para contemplar os objetivos desta pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde/UFPR, sob parecer CEP/SD-PB nº 448.227, conforme a resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2003), foram adotadas as seguintes etapas:

Na primeira etapa foi realizado o mapeamento dos espaços ao ar livre que possibilitariam experiências no âmbito do lazer no CEP, por meio da aplicação de um protocolo específico de análise do espaço desenvolvido pelo projeto Licenciado: “A escola e os espaços lúdicos” (BANPESQ/THALES: 2006019190) e registros fotográficos.

A segunda etapa foi realizada por meio de pesquisa em documentos atuais e históricos, disponibilizados pela Direção do CEP e também pelo Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná (CMCEP). O CMCEP, de acordo com o Projeto Político Pedagógico (2011, p. 19) dispõe de “pessoal técnico, pedagógico e administrativo próprio, que objetiva preservar e divulgar a memória e a história do CEP”. Esta etapa foi destinada à identificação do planejamento e da organização dos diversos espaços ao ar livre que possibilitavam experiências no âmbito do lazer.

A terceira etapa foi cumprida por meio da identificação, observação visual do campo de investigação e descrição dos diversos espaços ao ar livre, das formas de uso e apropriação destes espaços no CEP por estudantes, professores, funcionários e equipe diretiva, localizando possibilidades e experiências no âmbito do lazer.

Por fim, na quarta etapa foram realizadas entrevistas semi estruturadas com a equipe diretiva do CEP (diretora geral e diretoras auxiliares), professores, funcionários e estudantes, visando identificar as formas de compreensão dos espaços ao ar livre e as experiências no âmbito do lazer no Colégio.

2.2. Participantes da pesquisa

Foram convidados para participar da pesquisa membros da comunidade escolar do CEP, tendo como critérios de inclusão: a) o cargo e função que ocupavam no CEP no ano de 2013, pelo fato de poderem, por meio das suas ações e decisões, influenciar nas formas como os espaços eram planejados, organizados e utilizados por todos no colégio; b) devolução do termo de consentimento e do termo de assentimento (no caso dos estudantes menores de idade) preenchido. O critério de exclusão foi a recusa em participar da entrevista, o que não foi observado neste estudo.

Considerando os critérios de inclusão e exclusão, estava prevista inicialmente a participação de 15 pessoas na presente pesquisa, convidadas para realizar as entrevistas semiestruturadas, conforme explicitado a seguir: **Equipe diretiva** – formada pela diretora geral, assessora técnica e pelas diretoras de turno (manhã, tarde e noite), totalizando cinco pessoas, destas, duas pedagogas e três professoras; **Chefia do Grupo Auxiliar Administrativo (G.A.A.) e funcionária** responsável pela gestão do trabalho de todos os funcionários do Colégio, totalizando duas professoras; **Coordenação de Educação Física**, composta por quatro professores; **Chefia da Divisão Educacional** (Setor pedagógico), composta por duas pedagogas e; **Grêmios estudantil (GECEP)** – foram convidadas duas estudantes membros da equipe (presidente e relações sociais), escolhidas principalmente pelo conhecimento que tinham dos diversos espaços do CEP e dos seus diversos setores e também devido ao grande período de tempo em que permaneciam diariamente nas dependências do CEP.

Informações relacionadas à idade, sexo, formação, turno de trabalho e estudo, dentre outras foram obtidas por meio das entrevistas, conforme roteiros anexos (Anexos 2, 3, 4, 5 e 6). Dos 15 participantes inicialmente convidados, apenas um não participou do estudo (membro da Coordenação de Educação Física), pelo fato de ter se transferido do Colégio para outro setor da Administração Pública do Paraná.

As entrevistas foram realizadas de forma individual, sempre pré agendadas de acordo com a disponibilidade dos participantes, realizadas no colégio, em salas que não favoreciam a passagem e interrupção por parte de qualquer outra pessoa. Foram realizadas no período de novembro a dezembro de 2013, com a concordância formal por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Assentimento para os estudantes menores de idade (Apêndices 2 e 3).

Dos 14 participantes 13 eram mulheres e um homem. Em relação às suas áreas de formação quatro tinham formação em Pedagogia (uma delas com graduação também em Psicologia), três em Educação Física, uma em Línguas Portugêses/Inglês, uma em Química, uma em Matemática, uma em Biologia, uma em Geografia e duas estavam concluindo o Ensino Médio.

A maioria dos participantes entrevistados estava com idade entre 30 e 40 anos. Apenas um dos professores possuía menos de 10 anos de atuação como funcionário da Educação Pública do Estado do Paraná. Os demais possuíam tempo

entre 15 e 27 anos. Boa parte dos professores e pedagogas também estavam há bastante tempo atuando nas dependências do CEP, muitos inclusive iniciaram suas carreiras no Colégio. Em relação às estudantes uma delas estava no Colégio há seis anos e a outra a três, ambas finalizando seus estudos do Ensino Médio.

Além disso, todos os participantes já tinham exercido pelo menos uma outra função no Colégio, seja como coordenador de disciplina, diretor de turno, professor, chefe de setor e representante de turma, demonstrando certo conhecimento em relação ao funcionamento do Colégio e de todos os seus setores. Dos doze participantes que possuíam curso superior, dez concluíram seus estudos de Graduação em Universidades Públicas, sete deles em Universidades Federais (seis na UFPR e uma na UFMG).

Em relação à cursos de Pós Graduação, quatro dos participantes possuíam tal formação, dois deles eram especialistas e outros dois mestres em suas respectivas áreas.

Estas informações sugerem que os participantes eram pessoas que conheciam há um certo tempo o Colégio, pois tinham vivenciado experiências de trabalho e atuação em outros setores e também estavam há anos no CEP, muitos inclusive desde que iniciaram suas carreiras.

Para preservar o anonimato de cada participante entrevistado/a foi estabelecido um código para sua identificação: E (entrevista) seguido do (s) código (s) Dir (membro da equipe diretiva), Coord (Coordenador/a da Educação Física), Ped (pedagoga), Fun (professor/a que atuava no GAA - Grupo Auxiliar Administrativo) ou Est (estudante). Por fim foram utilizados números para diferenciar os participantes de um mesmo grupo, ou seja, Dir1, 2, 3, 4 e 5; Coord1, 2 e 3, Ped1 e 2; Fun1 e 2; e Est1 e 2.

As entrevistas foram realizadas de forma individual, nas dependências do Colégio, em salas livres de circulação de pessoas e outras influências como ruídos e barulhos. Foram realizadas entre os meses de novembro de 2013 e janeiro de 2014 (apenas uma entrevista foi realizada neste mês), em dias e horários definidos pelos participantes, desde que não prejudicassem o desenvolvimento de suas atividades no Colégio. A duração média de cada entrevista foi de trinta a trinta e cinco minutos.

2.3. Instrumentos para obtenção de dados e informações

Os dados e informações foram obtidos por meio de observações dos espaços e das formas de uso e apropriação, aplicação de protocolo específico nos espaços pesquisados, entrevistas semi estruturadas e análise de documentos, a partir dos instrumentos listados a seguir.

Visando caracterizar os espaços ao ar livre que possibilitavam experiências no âmbito do lazer no colégio e a forma como estavam planejados e organizados para que estudantes, professores e funcionários pudessem utilizá-los, inclusive fora dos horários das aulas formais (horário do intervalo e períodos inter turnos) foi utilizado o **Protocolo de Observação de Espaços e Equipamentos de Lazer do CEP** (Anexo 1), desenvolvido pelo GEPLC.

Esse protocolo pode ser considerado semi estruturado, visto que possui alternativas objetivas e campos onde é possível descrever a realidade observada, além disso, é preenchido no momento da observação. O protocolo foi aplicado pelo pesquisador responsável pela pesquisa entre os meses de outubro e dezembro de 2013, simultaneamente à realização das observações. Os itens contemplados no Protocolo foram: manutenção, segurança, iluminação, acesso, condições dos mobiliários, materiais disponíveis, dentre outras informações.

Uma das características marcantes do Colégio Estadual do Paraná são seus diversos espaços, tanto aqueles localizados no interior do edifício principal, quanto aqueles localizados ao seu redor (espaços ao ar livre). Por meio da figura 2 a seguir é possível ter uma ideia da quantidade, variedade e localização dos espaços localizados ao ar livre circundantes ao edifício principal (formato de "U").



Fig. 2. Vista aérea do Colégio Estadual do Paraná. (1) Bosque; (2) Área em frente ao Planetário; (3) Ginásio; (4) Pista de atletismo; (5) Campo gramado; (6) Quadras (duas poliesportivas e duas de vôlei); (7) Arena; (8) Pátio Ala Par; (9) Pátio Ala ímpar; (10) Piscinas, dentre outros.

Fonte: Google Maps, 2012.

Para este estudo, foram observados os espaços ao ar livre do CEP, destes, apenas aqueles onde os estudantes podiam utilizar de forma mais autônoma, ou seja, sem necessitar do acompanhamento de um professor ou funcionário. Estes espaços foram divididos em cinco partes, que abrangiam todo o espaço no qual os estudantes tinham acesso permitido e liberado nos momentos dos intervalos e interturnos. Desta forma, foram definidos os seguintes espaços: Complexo do Planetário (1) – espaço que abrange as áreas verdes do bosque e das mesas em frente ao Planetário, além do espaço da entrada do ginásio; o Pátio da ala par (2) – composto pelo pátio coberto e pela área descoberta ao lado; a Arena (3) – que compreende a área descoberta e a coberta entre as alas; o Pátio atrás das alas (4) – espaço descoberto localizado atrás das duas alas e da Arena; e, por fim o Pátio da ala ímpar (5) – composto por um pátio coberto, uma cantina comercial e uma área descoberta ao lado.

Por meio da foto panorâmica a seguir (Figura 3), pode-se ter uma ideia de algumas características apresentadas por este espaço. Considerado um espaço amplo, foi dividido, durante a pesquisa, em três ambientes: 1) o bosque, localizado atrás do Planetário, 2) a área em frente ao Planetário, local onde ficam as mesas e bancos, e 3) a área em frente ao ginásio, incluindo aí um espaço coberto.



Fig. 3. Vista panorâmica do Espaço 1 - Complexo do Planetário.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Outro espaço pesquisado foi o Pátio da ala par (Figura 4), constituído por um pátio coberto (1), onde se localizam os banheiros, bebedouros, armários, bancos, salas e laboratório do curso de Saúde Bucal, e uma área descoberta ao lado (2), contendo um fosso e um paraciclo, servindo principalmente de passagem para outros espaços como o ginásio, as mesas em frente ao Planetário, o bosque e o complexo esportivo.

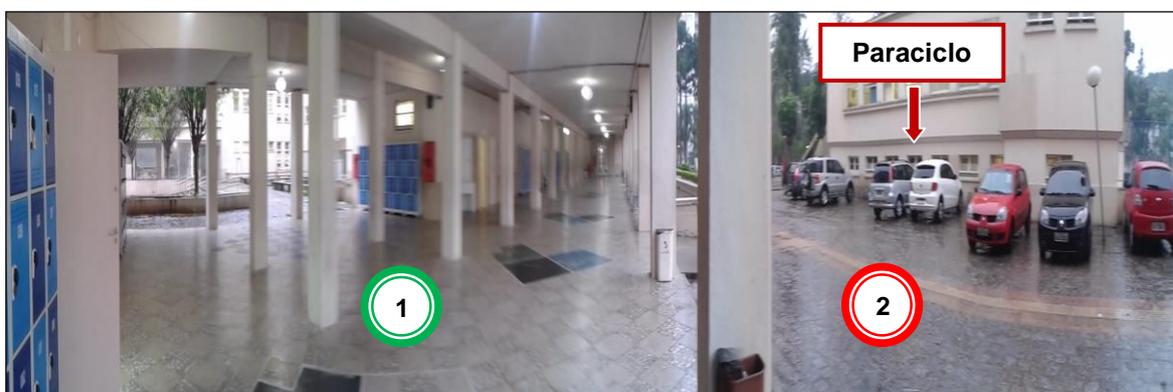


Fig. 4. Vista panorâmica do Espaço 2 - Pátio da Ala par.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

De acordo com dados do diário de campo, este espaço é o único local onde estão localizados banheiros nos pátios, além de bebedouros (a outra ala não possui banheiros, apenas bebedouros), muitos armários também estão localizados neste pátio, principalmente dos estudantes do turno da manhã. O espaço também é rota de passagem para outros locais, como o ginásio e o Complexo do Planetário.

Outro espaço pesquisado foi a Arena, caracterizada como um pátio descoberto, localizado na parte central do edifício principal, entre as duas alas. Além

desse pátio, possui dois fossos desativados, que dariam acesso ao piso subterrâneo do Colégio, onde se localizam de um lado a Escolinha de Artes e do outro o refeitório da merenda escolar.

Dentre os espaços externos do Colégio Estadual do Paraná pesquisados neste estudo, a Arena (Figura 5) certamente exerce encantamento e deslumbramento para qualquer pessoa que a visite, mesmo para aqueles que frequentam o Colégio há tempos. Seu tamanho, sua imponência e a vista que se tem de lá são aspectos que ajudam a defini-la.



Fig. 5. Arena do Colégio Estadual do Paraná.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Este espaço foi e continua sendo palco de muitos acontecimentos importantes da história recente do Colégio, dentre eles pode-se citar as campanhas realizadas entre os anos de 2007 e 2009, pelo direito da comunidade escolar de escolher a sua equipe diretiva e, talvez um dos mais importantes, a leitura feita em 2010, pelo então governador do Estado do Paraná, Orlando Pessuti, da Resolução nº 3185 /2010, publicada em Diário Oficial nº 8279 de 06/08/2010, que dispõe sobre o processo de escolha da equipe diretiva do colégio por meio de consulta pública junto à sua comunidade escolar (COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 2011).

A Arena possui como atrativos dois grandes bancos de cimento, muretas e escadarias que as pessoas utilizavam para sentar, além do amplo espaço livre no centro. Além disso, possui uma parte coberta totalmente esvaziada de qualquer objeto que possibilite alguma atividade e/ou conforto (Figura 6).



Fig. 6. Área coberta ao lado da Arena.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Na Arena também localizam-se dois fossos (Figura 7), que não apresentavam qualquer finalidade prática, sendo menos utilizados e apropriados por estudantes, professores e funcionários.



Fig. 7. Vista de um dos fossos localizados na Arena.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Outro espaço pesquisado foi o Pátio atrás das alas, utilizado principalmente como passagem para outras dependências do colégio, como o complexo esportivo, o prédio principal, as alas e a Arena. Dos espaços observados, este é o que apresenta o menor número de atrativos, principalmente para os estudantes. Além da grande área descoberta possui uma pequena área coberta (1), utilizada principalmente como passagem para o complexo esportivo e para as piscinas (Figura 8).



Fig. 8. Vista do Espaço 4 - Pátio atrás das alas e área coberta (1).

Fonte: Acervo do autor, 2013.

Por fim, o último espaço pesquisado foi o Pátio da Ala ímpar, constituído por uma área coberta, onde se localizam os bancos, a cantina comercial, mesas para alimentação e para estudo, além da sala do Grêmio estudantil e do Centro de Memória do Colégio. Diferentemente do outro pátio coberto, neste pátio não há banheiros nem armários, apenas bebedouros. Além da parte coberta, o espaço conta também com uma área descoberta, onde se localiza um fosso inutilizado. Este espaço possibilita o acesso para o Pátio atrás das alas, para a Arena e para o portão de saída do Colégio, conforme retratado na figura 9 a seguir.

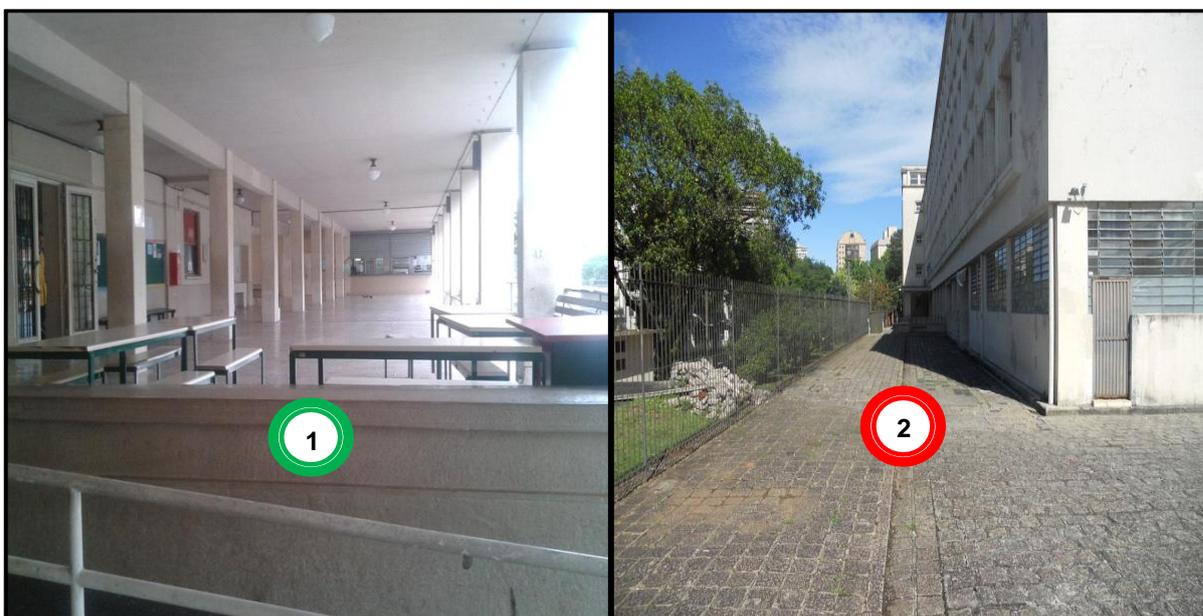


Fig. 9. Vista do Espaço 5 - Pátio da Ala ímpar. (1) pátio coberto e (2) pátio descoberto.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Seus principais atrativos são a cantina comercial (1), as mesas e bancos (2), os bebedouros (3) e a sala do Grêmio estudantil (4), conforme observado na figura 10 a seguir.

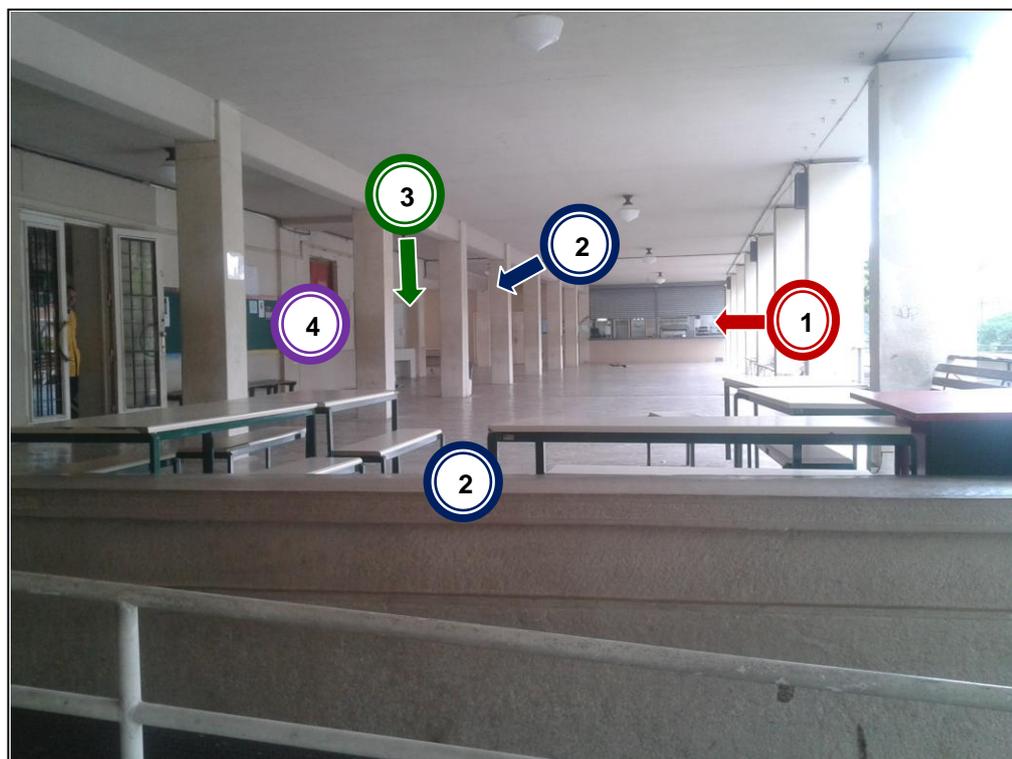


Fig. 10. Atrativos do Pátio coberto da Ala ímpar.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Após a caracterização de cada um dos espaços, na figura 11 pode-se, por meio de uma visualização aérea, identificar a localização de cada um deles. Ao centro, em forma de "U" pode ser visualizado o edifício principal do Colégio.



Fig. 11. Espaços externos do CEP observados e estudados durante a pesquisa.

Fonte: Google Maps, 2012.

Além do protocolo de observação, também foi elaborado e aplicado, um Roteiro de observação dos espaços pesquisados (Apêndice 1), que teve como referência o estudo realizado por Marcellino *et al.* (2007). Este Roteiro de observação serviu como complemento ao Protocolo de Observação, contendo questões relacionadas às características gerais do espaço (manutenção, acesso, limpeza, estado de conservação, riscos para as pessoas dentre outras); questões relacionadas à descrição das atividades realizadas pelas pessoas no espaço; condições climáticas do dia da observação; presença e formas de interação entre os profissionais do Colégio e estudantes; adaptações no espaço e nos equipamentos que possibilitariam o uso e apropriação do espaço por meio de vivências lúdicas; além da possibilidade de incluir referências às adaptações que poderiam ser feitas visando potencializar o uso e apropriação do espaço por meio de vivências lúdicas.

As observações foram realizadas entre os meses de outubro e dezembro de 2013. Os horários das observações foram: das 12h30 às 13h (inter turno entre o período da manhã e da tarde), das 15h30 às 15h50 (intervalo do turno da tarde) e das 18h20 às 19h (inter turno entre os períodos da tarde e da noite).

A escolha de tais horários foi justificada pelo fato do turno da tarde contemplar estudantes do Ensino Fundamental, Médio e Médio Integrado, ou seja, crianças e adolescentes, e também por se tratar de um turno em que os estudantes de outros turnos têm mais facilidade de se encontrar com aqueles que estudam à tarde (estudantes da manhã ao saírem das aulas e estudantes da noite quando chegam ao Colégio).

O período destinado às observações foi reiterado até que os fenômenos começassem a se repetir, dando indícios de possíveis rotinas, desta forma, o número de observações em cada espaço e horário variou um pouco, ou seja, para a maioria dos espaços (Complexo do Planetário, Pátio da Ala par e Arena) foram realizadas cinco observações de campo para cada horário (intervalo, inter turno manhã-tarde e inter turno tarde-noite), enquanto que para os demais (Pátio atrás das alas e Pátio da Ala ímpar) quatro observações foram suficientes.

As práticas no cotidiano escolar, verificadas por meio das observações, foram feitas a partir de descrições densas, visando entender e compreender melhor as construções de outras pessoas (o que, onde e de que forma vivenciavam os horários fora do período formal de aulas) por meio das nossas próprias construções, indagando a respeito da sua importância: “o que está sendo transmitido com a sua ocorrência e através da sua agência” (GEERTZ, 2011, p. 8).

Os registros das observações foram feitos por meio de: a) diário de campo e b) fotografias. Para as observações das experiências ocorridas nos espaços ao ar livre, nos períodos do inter turno manhã-tarde (12h30 às 13h), intervalo da tarde (15h30 às 15h50) e do inter turno tarde-noite (18h20 às 19h), foram disponibilizados dias específicos, conforme o calendário a seguir (Quadro 1).

Espaços	Horário	Dias
Espaço 1 Complexo do Planetário	12h30 às 13h - 15h30 às 15h50	2 - 3 - 4 - 5 - 6 (Set)
	18h às 19h	9 - 10 - 11 - 12 - 13 (Set)
Espaço 2 Ala par	12h30 às 13h - 15h30 às 15h50	16 - 17 - 18 - 19 - 20 (Set)
	18h às 19h	23 - 1 - 2 - 3 - 4 (Set/Out)
Espaço 3 Arena	12h30 às 13h - 15h30 às 15h50	7 - 8 - 9 - 10 - 11 (Out)

	18h às 19h	15 - 16 - 17 - 18 - 21 (Out)
Espaço 4 Pátio atrás das alas	12h30 às 13h - 15h30 às 15h50	22 - 23 - 24 - 25 - 28 (Out)
	18h às 19h	29 - 30 - 31 - 1 - 4 (Out/Nov)
Espaço 5 Ala ímpar	12h30 às 13h - 15h30 às 15h50	5 - 6 - 7 - 8 - 11 (Nov)
	18h às 19h	12 - 13 - 14 - 18 - 19 (Nov)
Dias reservas	12h30-13h 15h30-15h50 18h20-19h	20 - 21 - 22 - 25 - 26 - 27 - 28 - 29 (Nov) 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 10 - 11 - 12 (Dez)

Quadro 1. Calendário dos dias destinados às observações.

Juntamente com a aplicação do protocolo e as observações dos espaços foram realizadas **entrevistas semiestruturadas** (Anexos 2, 3, 4, 5 e 6), visando identificar as formas de compreensão da equipe diretiva, professores, funcionários e estudantes, as semelhanças e contradições, além das suas ações em relação aos espaços ao ar livre que possibilitam experiências no âmbito do lazer no Colégio.

Os roteiros de entrevista foram elaborados a partir de uma Matriz analítica (MELO, 2002), elaborada com base nos objetivos específicos da pesquisa (Apêndice 4).

Os registros das entrevistas foram feitos por meio de: a) gravação em gravador digital modelo *Sony ICD-PX312*; b) transcrição completa das informações após cada entrevista, utilizando o software *Express Dictate*; e c) descrição e análise do conteúdo da entrevista.

Por fim, foram consultados e analisados documentos como o Projeto Político Pedagógico (2011), o Regimento Escolar (2013) e documentos que nortearam a concepção de escola da época da construção da atual sede¹⁰ do Colégio, visando compreender o planejamento dos seus espaços externos, suas formas de organização e utilização.

¹⁰ Construída na década de 1940, a atual sede foi inaugurada em 29 de março de 1950. Antes dela, o CEP passou por outros cinco espaços, todos localizados na cidade de Curitiba. Além da mudança de espaços, o nome do colégio também sofreu alterações. De acordo com Straube (1993), em 1846, chamava-se Licêo de Curitiba, já em 1892 era conhecido como Ginásio Paranaense, passando a ser denominado Colégio Paranaense em 1942 e, no ano seguinte, Colégio Estadual do Paraná, nome que a instituição carrega até hoje.

2.4. Análise e interpretação dos dados e informações

Para esta pesquisa foi proposta a triangulação dos dados, que consiste em coletar as informações a respeito de um mesmo fenômeno a partir de três fontes diferentes, no caso deste estudo, a partir das observações de campo, das entrevistas semiestruturadas e dos documentos atuais e históricos do Colégio, analisando as consistências de todo o conteúdo levantado (GROENEWALD, 2004).

Tais consistências ou eixos comuns em relação aos temas tratados neste estudo foram analisados com vistas a identificar as convergências e também as divergências entre os fatos observados, as falas dos participantes e as ideias contidas nos documentos.

Os resultados e as análises foram apresentados concomitantemente ao referencial teórico. O capítulo 1 a seguir abordará a ideia ampliada de educação neste início de século XXI, enfatizando as suas diversas possibilidades da sua ocorrência nos tempos/espços da cidade.

CAPÍTULO 1

A EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA ESCOLA, A ESCOLA PARA ALÉM DA SALA DE AULA E O LÚDICO PARA ALÉM DO TEMPO/ESPAÇO DO LAZER

O termo educação é abrangente, incluindo, dentre as inúmeras possibilidades de educar, a educação básica, formal, informal, não formal, profissional, rural, sexual, ambiental, dentre tantas outras.

Para Mészáros (2008) a educação é um processo vitalício, ou seja, ocorre durante toda a nossa vida e não apenas nos anos em que frequentamos as instituições escolares. Sendo vitalícia, o seu significado real seria possibilitar às pessoas que vissem de forma positiva diante dos "desafios das condições sociais historicamente em transformação" (MÉSZÁROS, 2008, p. 83).

Esta possibilidade de enfrentamento dos desafios, constantemente postos diante da sociedade, faz com que a educação seja também, na concepção de Gadotti (2012, p. 117) considerada "obra transformadora, criadora", ou seja, a criação dependeria da mudança, da perturbação e da modificação das ordens existentes e estabelecidas. Para o autor, educar-se seria não apenas colocar os acontecimentos em questão, mas a nós mesmos, reafirmando-se constantemente em relação a si mesmo e aos demais seres humanos.

Com efeito, "educar é fazer ato do sujeito, é problematizar o mundo em que vivemos para superar suas contradições, comprometer-se com esse mundo, para recriá-lo constantemente" (GADOTTI, 2012, p. 118). Tal ato não se daria apenas pelo consumo acrítico de ideias, nem tampouco pela obediência pura e simples, sem questionamento e inclusive ação contrária.

Para a ocorrência da educação seriam necessários três elementos, quais sejam: a decisão (relacionada com a ideia de assumirmos nossas decisões, por meio da liberdade conquistada); a práxis coletiva (contrária ao individualismo, muitas vezes presente no ambiente escolar); e o conhecimento, que acompanha todo o ato educativo, não sendo dissociado dele (GADOTTI, 2012). Esses elementos poderiam se materializar em diferentes contextos passíveis de educar.

De acordo com a LDB nº 9.394/96, em seu artigo primeiro, a educação abrangeria os processos de formação desenvolvidos em diversos contextos ao longo

de nossas vidas. Exemplos seriam as relações educativas estabelecidas "na família, nos grupos de convivência, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil" (CARNEIRO, 2010, p. 35), levando-se em consideração as manifestações culturais. Gomes (2011b) também ressalta que a formação ocorre em diversas instituições além daquelas consideradas formais de ensino, dentre elas, a autora acrescenta ainda a política, os diversos meios de comunicação etc., o que demonstra a infinidade de contextos que exercem influência em nosso processo de educação.

Esses processos desenvolvidos em contextos diversos sintetizariam o que Saviani (2012, p. 12) define por educação, que trata da

produção de ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades, trata-se da produção do saber, seja do saber sobre a natureza, seja do saber sobre a cultura, isto é, o conjunto da produção humana.

Desta forma, a educação seria admissível em diversos contextos (BRASIL, 1996; FARFUS, 2010; GADOTTI, 2012; PACHECO, 2004; VULBEAU, 2011), devendo ser considerada não apenas por meio da sua relação com o conhecimento sistematizado, aprendido e apreendido, mas também comprometida com a qualidade, não apenas formal, mas política da cidadania, visando à formação qualificada, crítica e participativa dos sujeitos (CARNEIRO, 2010).

A possibilidade da educação processar-se em diversos contextos sociais possibilita-nos entender estes espaços para além daqueles considerados formais, como a escola, por exemplo, ampliando para o conjunto das "experiências vivenciadas em todos os espaços da cidade pela ação do conjunto das organizações governamentais ou não" (PACHECO, 2004, p. 13). Desta forma, o monopólio dos processos educativos ocorridos no interior da escola tornar-se-iam, corroborando com Trilla (2006, p. 166) "puro anacronismo", afinal, a escola não seria o único espaço a abrigar a educação.

Diante de tal realidade

a escola não pode mais sozinha dar conta da educação de crianças e jovens. **Ela deve e pode contar com toda a rede de ação articulada da qual participam todos os setores da sociedade**, desde os vizinhos da escola até o Governo Federal. Diante disso, a educação ganha um sentido multissetorial (FARIA, p. 39). Grifos do pesquisador.

Esse entendimento mais ampliado de educação sinaliza as responsabilidades que todos que vivem em sociedade têm, já que a educação é resultado das experiências e aprendizados, historicamente e socialmente construídos, transformados, acumulados e socializados, ocorridos em todas as fases da nossa vida, nos mais diversos tempos/espços sociais, como o lar, as ruas, as praças, as escolas, dentre tantos outros, sejam eles públicos ou não.

Com efeito, a cidade, por meio de todos os seus espaços, sejam eles públicos ou privados, formais, não formais ou informais, seria considerada um contexto educacional que possibilitaria inúmeras e infindáveis experiências educativas (VULBEAU, 2012), resultando na compreensão da cidade como:

uma grande rede ou uma grande malha de espaços pedagógicos formais (escolas, creches, faculdades, universidades, institutos) e informais (teatros, praças, museus, bibliotecas, meios de comunicação, repartições públicas, igrejas, além do trânsito, do ônibus, da rua) que pela **intencionalidade das ações desenvolvidas**, pode **converter a cidade em território educativo, pode fazer da cidade uma pedagogia** (MOLL, 2004, p. 42). Grifos da autora.

A concepção da cidade que educa e também é educada, ou seja, a sua dimensão pedagógica, materializada por meio das diversas ações exercidas pelas pessoas nos diversos espaços citadinos, dentre eles a escola, faz parte da corrente de pensamento que entende a cidade como educadora.

A cidade educadora¹¹, ou a "cidade como possibilidade educadora" (FARFUS, p. 59, 2010) seria responsável, por meio dos seus diversos espaços educativos, pela formação dos cidadãos, conscientes do seu papel na sociedade e do seu direito à cidadania, uma vez que oferece possibilidades educativas para além das instituições tradicionais, como a família, escola e o Estado, estendendo-se às associações de bairro, instituições culturais, empresas com intenção e disposição verdadeiramente educadora e por todas as demais instâncias sociais (FARFUS, 2010).

¹¹ A Carta das Cidades Educadoras (1994) é resultado do Congresso Internacional sobre Cidades Educadoras, realizado na cidade de Barcelona em 1990 e ratificado em Bolonha, no ano de 1994, que culminou com a elaboração da Declaração de Barcelona (documento norteador do Programa da Cidade Educadora). O documento básico possibilitou a criação da *Asociación Internacional de Ciudades Educadoras* (AICE), responsável pelo desenvolvimento de atividades relevantes em várias partes do mundo (GADOTTI *et al.*, 2004). Mais informações: www.edcities.bcn.es.

Essa abrangência e ampliação das possibilidades de educação, contextualizando inclusive a cidade e todos os seus espaços educativos é efetivada por meio da pedagogia urbana. Para Brada e Rios (2004, p. 34) a pedagogia urbana seria "o processo ensino-aprendizagem que precisa reconhecer-se em múltiplos espaços educativos que não neguem a significatividade histórica da instituição escolar (ao contrário, a enriqueçam), mas que ao mesmo tempo os ampliem". A pedagogia urbana seria a contextualização da educação em uma cidade com possibilidades educadoras.

Quando questionados a respeito da possibilidade do uso e apropriação dos espaços externos do Colégio, tanto por estudantes, quanto por professores e funcionários influenciarem nas formas com que essas pessoas utilizariam e se apropriariam da cidade, a maioria dos participantes entendeu que esta relação existia e era mútua, ou seja, tanto a escola quanto a cidade influenciam-se mutuamente.

Em algumas das falas percebeu-se aproximação com as ideias da cidade educadora, conforme relatos de uma pedagoga e uma estudante:

Eu acho que aqui, que **a escola, a instituição escola para o jovem, e tudo o que ele vivencia, formal ou informalmente, é aprendizado, é exercício de cidadania e essas coisas vão sendo incorporadas na sua vivência. E isso acaba extrapolando, nas vivências que ele tem fora da escola.** Então eu acho que não tem como desligar, descolar. Eu acho que são coisas que estão bem imbricadas e que efetivamente têm muito a ver. (EPed2). Grifos do pesquisador.

Eu acho que sim, principalmente o CEP que é um exemplo de cidade. Quando você aprende durante esses pelo menos três anos... **você vai aprendendo a conviver dentro de uma certa comunidade e viver em sociedade é isso, é você viver em grupos, você vai aprender a como agir perante eles... se você aprende que restringir-se é o correto você vai se restringir lá fora.** Você não vai achar correto que sair aos domingo e ir para o parque às vezes é certo... São pequenos costumes que se tornam grandes, na minha opinião. (EEst1). Grifos do pesquisador.

Para um dos professores de Educação Física esta relação entre a escola e a cidade foi verificada em relação ao uso dos espaços, inclusive em relação ao fenômeno do lazer:

...a função social da escola então aqui é uma aprendizagem que fica da sociedade, **ele (estudante) sabendo usar da forma correta esses**

espaços aqui ele vai reproduzir lá fora, a gente não pode conduzir sociedade como está, ao contrário, infelizmente a sociedade não é aquilo que a gente pensa como ideal... (ECoord3). Grifos do pesquisador.

Entretanto, o fato da escola ser um local onde muitos passariam menos tempo do seu dia, dificultando o estabelecimento desta relação entre os espaços localizados no seu interior e os da cidade foi evidenciado por meio da fala de uma das pedagogas entrevistadas.

Eu acho que ele se apropria mais do espaço externo da cidade, lá fora, eu acho que ele é melhor aproveitado por todos... se tem em mente que **o tempo passado na escola é, entre aspas, pequeno se você pensar, por todas as atividades que tem, então é um tempo pequeno que eles passam dentro da escola**, eles vêm no horário da aula quando não chegam atrasados e termina a aula eles estão indo embora... então o tempo é pequeno, por isso que eu acho que eles aproveitam menos aquilo que eles têm aqui (EPed1). Grifos do pesquisador.

Com efeito, a ampliação do conceito de educação, de acordo com a LDB nº 9.394/96 (CARNEIRO, 2010, p. 36), possibilita que esta não seja restringida apenas ao ensino, e sim compreendida de forma potencializada e emancipadora, envolvendo “ações e processos complexos como: desenvolver, formar, qualificar, aprender a aprender, aprender a pensar, aprender a intervir e aprender a mudar”.

Tais ações e processos, embora universalizados para todo o território nacional, por meio da LDB nº 9.394/96, dependeriam de respostas e ações locais e pontuais, específicas a cada realidade observada em nosso imenso país, contribuindo, desta forma, para a possibilidade de cidadania¹² plena das pessoas (SANTOS, 2011).

Ainda em relação à educação, o texto da LDB nº 9.394/96 trata que sua finalidade é de natureza tríplice, sendo uma delas o preparo para o exercício da cidadania, não reduzida apenas à ação do Estado, estendendo-se por meio das

¹² Para Oliveira (2012, p. 178) a cidadania só poderia ser entendida como uma prática historicamente construída, delimitada por um poder de Estado que busca estabelecer os contornos de suas possibilidades de realização. Ainda segundo o autor, dependendo do local onde se mora (país, região, cidade e até mesmo bairro) a cidadania assume, entre as classes ou grupos sociais, graus diferenciados de existência e aspectos múltiplos, não sendo absurdo afirmar que somos mais ou menos cidadãos de acordo com o espaço em que estamos inseridos, afinal, a cidadania é, sobretudo, uma questão de poder, sendo efetivada ou não dependendo da pressão exercida por diferentes grupos de interesses e movimentos da sociedade, por meio de expressão e negociação política, objetivando encontrar espaços e obter benefícios.

diferentes formas em que a sociedade civil (grupos e pessoas) exerce pressão para satisfazer suas necessidades e anseios (CARNEIRO, 2010).

Diante disto, Oliveira (2012, p. 197) propõe uma noção multifacetada e complexa de cidadania, estabelecida na “relação entre os homens em sua pluralidade e coexistência, considerando as distintas formações econômico-sociais e escalas geográficas”, em que sua verificação concreta se daria a partir da análise das práticas sociais e dos sujeitos em um determinado espaço, como o ambiente escolar, por exemplo.

Neste momento é importante ressaltar o posicionamento crítico de Arroyo (2010), relacionado à associação entre educação e cidadania, presentes em muitos discursos de educadores e de políticas voltadas para a educação. Para o autor

a vinculação entre educação e cidadania, como condição para a participação, vem agindo durante séculos para justificar a exclusão da cidadania, a condenação das camadas populares à condição de incivilizados, de não aptos como sujeitos de história e de política (2010, p. 44-45).

Ainda de acordo com o autor, a continuação da defesa da educação como “ritual sagrado para o reino da liberdade” contribui para que a cidadania continue sendo “negada, reprimida e protelada” em nosso país (ARROYO, 2010, p. 45). Esta relação entre educação e cidadania, ou melhor, do discurso da cidadania pode ser verificada na fala de uma das professoras que compunham a equipe diretiva:

Porque ser educador vai muito além de passar o conteúdo. Ser educador, é, trabalhar com o ser humano de forma integral. **E o discurso da cidadania, ele é usado desde que eu entrei na escola. Mas a prática de formação da cidadania está muito longe de acontecer.** Porque fala-se sobre cidadania pra enfeitar os discursos. Mas na prática a gente vê que é muito pouca gente comprometida com... de fato, com a formação concreta da cidadania. (EDir2). Grifos do pesquisador.

De acordo com o Regimento Escolar do CEP (COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 2013), em seu capítulo II, que trata dos seus princípios e finalidades o item IV versa a respeito da preparação básica para o trabalho e o exercício da cidadania, aliás, o termo cidadania é recorrente em outras partes do citado Regimento, seja como objetivo a ser alcançado e também conteúdo a ser desenvolvido por algumas disciplinas, como Língua Portuguesa, Filosofia e

Sociologia.

Uma menção à cidadania também está contemplada em outro importante documento que expressa a identidade do CEP, seu Projeto Político Pedagógico:

Ao se constituir em processo participativo de decisões, o Projeto Político-Pedagógico expressa a identidade do Colégio e **serve como um guia para a busca da qualidade na formação humana por ele desenvolvida, para a promoção da cidadania e a transformação social**. Revela a antecipação do futuro, estabelecendo princípios, concepções, diretrizes e propostas de ação para a resignificação das atividades desenvolvidas pelo Colégio (COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 2011, p. 7). Grifos do pesquisador.

Defendendo uma visão de cidadania mais conflitiva, baseada na realidade social, caracterizada por meio de uma construção histórica que passa por conflitos, antagonismos diversos e lutas, Arroyo (2010, p. 73) estabelece relações entre a escola – que prioriza, por meio da sua organização e práticas, uma visão negativa do convívio social, em que o individualismo se sobressai em detrimento do coletivo – e a cidade:

Na realidade, com essa concepção do social, a escola não pode preparar para a “cidade”, para a cidadania, e tenta salvar da “cidade”; não educa para o convívio social e político, mas tenta educar para que cada um se defenda no caos do social; não educa para transformar as condições sociais, mas para prevenir-se dos males da inevitável condição social.

Esta forma de educar, predominantemente individualista, presente no cotidiano de muitas de nossas escolas, poderia estar relacionada com a “concepção centralizadora de educação” adotada por muitas instituições, concepção esta que caminha na contramão do pluralismo¹³, defendido como “valor universal e fundamental para o exercício da cidadania” (GADOTTI, 2011, p. 37).

Diante disto, uma educação para a cidadania, que levasse em consideração e valorizasse o pluralismo existente nos diversos contextos sociais presentes na cidade desenvolver-se-ia não única e exclusivamente no interior da escola, mas também para além dos seus muros, nos diversos espaços que compõem a cidade. Na apresentação do livro "A educação para além do capital" de István Mészáros

¹³ O pluralismo seria um sistema que admite a existência, no interior de um grupo organizado, de opiniões políticas, religiosas e de comportamentos culturais e sociais diversos (HOUAISS e VILLAR, 2004).

(2008, p. 10), Ivana Jinkings defende que a educação não deve limitar-se e encerrar-se somente no terreno restrito da pedagogia, devendo sim "sair às ruas, para os espaços públicos, e se abrir para o mundo".

Retomando a ideia de abrangência da educação, uma de suas vertentes, a educação informal, seria caracterizada pelas experiências e aprendizagens ocorridas nos tempos e espaços informais, ou seja, aqueles situados fora dos momentos formais da educação escolar (aulas, avaliações, palestras etc.), e conceituada por Coombs (1975, p. 27) *apud* (TRILLA, 2008, p. 33) como um processo vitalício de aquisição e acumulação de "conhecimentos, habilidades, atitudes e modos de discernimento por meio da experiências diárias e de sua relação como o meio". Assim, a educação informal, por meio das suas inúmeras possibilidades de ocorrência, poderia contribuir sobremaneira para o exercício da cidadania.

Entretanto, embora a educação possa ser desenvolvida em diversos contextos sociais, nesta pesquisa foram analisados processos relacionados às possibilidades de ocorrência de experiências no âmbito do lazer no interior do espaço escolar, mais especificamente, aqueles ocorridos nos períodos dos intervalos e inter turnos das aulas no Colégio Estadual do Paraná.

A educação no espaço escolar

Dentre as instituições que possibilitam formas de educação na sociedade, a escola certamente ainda exerce muita influência. Nela se estabelecem ações e processos relacionados ao desenvolvimento, formação, qualificação, aprendizados relacionados ao aprender, pensar, intervir e a mudar (CARNEIRO, 2010).

Nas instituições educativas (Creches, Escolas, Colégios, Institutos, Faculdades, Universidades etc.) predominantemente, será desenvolvida a educação escolar, embora não de forma exclusiva, ou seja, estes espaços também possibilitariam outras formas de educação. Com base na LDB nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) a educação escolar é composta pela educação básica, que inclui a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, além da Educação Superior, relacionada aos cursos de Graduação e Pós Graduação.

Retomando a importância da escola, Saviani (2012, p. 88) argumenta que na sociedade atual não é possível compreender a educação sem a escola, pois é a

“forma dominante e principal de educação”, alertando para o processo contraditório vivido no Brasil, em que de um lado vemos a “secundarização da escola”¹⁴ (SAVIANI, 2012, p. 83) e de outro a sua hipertrofia vertical e horizontal¹⁵. Já Arroyo (1997) entende que o processo educativo não ocorreria apenas no ambiente escolar, mas em toda a “dinâmica urbana”, e tampouco este seria o ambiente principal para a sua efetivação.

Para escola assumir-se como a forma principal e dominante de educação e, tendo esta função especificamente educativa, ligada ao conhecimento, Saviani (2012) defende o resgate da sua importância diante da sociedade, reorganizando o trabalho educativo e o saber sistematizado.

Não obstante, este resgate da importância da escola não pode e nem deve estar desconectado e descontextualizado em relação às demais instituições sociais presentes na cidade, afinal nossa formação educacional também é concretizada e enriquecida a partir de nossas experiências vividas em outros contextos (GOMES, 2011b). Para Faria (2011) o ambiente escolar possibilitaria, talvez de forma menos complexa, que o cidadão se transformasse em estudante e o estudante retomasse seu papel de cidadão, não apenas na escola, mas em toda a cidade.

Este movimento dinâmico entre a escola e a cidade é apoiado pela perspectiva da escola constituída como um “movimento vivo, nascido como reação ao imobilismo das teorias da educação e das práticas autoritárias” (GADOTTI, 1990, p. 161), devendo estar preparada para discutir e enfrentar as problemáticas surgidas no seu interior e no contexto social mais amplo ao seu redor. Esta perspectiva foi percebida na fala de uma professora integrante da equipe diretiva do Colégio, citando problemas atuais em nossa sociedade, como os estudantes que não se adaptam muitas vezes aos modelos e práticas escolares, e também às

¹⁴ Afirma-se que não é só por meio dela que se educa; educa-se por meio de múltiplas formas, através de outras instituições, como os partidos, os sindicatos, associações de bairros, associações religiosas, através de relações informais, da convivência, dos meios de comunicação de massa – isto é, do cinema, do rádio, da televisão, e atualmente também por meio da internet. Portanto, há múltiplas formas de educação, entre as quais se situa a escolar. Segundo esta tendência, a escola não é a única e nem mesmo a principal forma de educar, existindo até mesmo aqueles que consideram a escola negativa (SAVIANI, 2012).

¹⁵ Em sentido vertical está a tendência a ampliar o tempo de escolaridade, ou seja, do Ensino Médio para a Universidade, da Graduação para a Pós Graduação e assim por diante, como também ampliá-la antecipando o seu início, como o Ensino Fundamental que passou de 8 para 9 anos recentemente e a Educação Infantil desde o zero ano. Em sentido horizontal temos a discussão em torno da ampliação da jornada escolar, em suma, da escola de jornada integral.

problemáticas em torno do uso de drogas, principalmente entre os jovens e adolescentes.

A escola pública não é pra aluno ideal. É pra aluno possível. E nós temos que dar conta de oferecer, pra este aluno que não se encaixa naquele padrão ideal, a escola precisa dar conta dele porque talvez esse aí seja o que mais precise da escola. E o que eu vejo na sociedade de um modo geral... não é só na escola pública não. Eu vejo isso na escola particular também. É, você quer se livrar daquele que não se encaixa no modelo que é ideal para professor, pro pedagogo, tal... e muitas vezes pro diretor de escola, porque não. A escola, ela precisa repensar isso daí, sabe, isso é uma coisa que me angustia muito. O quê que nós estamos fazendo pra impedir, porque a droga, ela está solta na sociedade, a sociedade está doente, e a... já há bastante tempo. Mas o quê que nós, enquanto escola, enquanto a função social da escola, o quê que nós estamos fazendo? (EDir2). Grifos do pesquisador.

Diversos educadores defendem uma escola cidadã¹⁶ como alternativa à concepção da escola tradicional, fortemente defendida nos séculos XX e anteriores e, ainda hoje, presente com força em nossa sociedade.

A escola tradicional seria aquela que possui mecanismos, dispositivos, instrumentos, práticas e rotinas próprios e muitas vezes dotados de rigidez, como o exame ou provas, o tablado do professor ou sua mesa posicionada à frente dos estudantes, o sistema de atribuição de notas, os livros didáticos como receituários muitas vezes obrigatórios, o uniforme, as diversas cerimônias, formas de entrar e sair de sala, a oração (escolas religiosas), o recreio ou intervalo (TRILLA, 2006), dentre tantos outros que vêm sendo reinventados e reinterpretados ao longo dos anos.

Todos esses elementos, inerentes à escola dita tradicional, talvez com algumas especificidades e peculiaridades pontuais, são percebidos no cotidiano de muitas escolas em nossa sociedade, com a padronização de muitas instituições por meio de medidas vindas de órgãos superiores, como secretarias e núcleos de educação, que muitas vezes desconsideram as especificidades de cada instituição, do seu entorno e das características de sua comunidade escolar, promovendo uma certa uniformização, termo contrário à tão discutida e defendida autonomia escolar,

¹⁶ A concepção de Escola Cidadã vem sendo construída desde a década de 1990, em um movimento de renovação educacional e de práticas concretas de educação para e pela cidadania, oferecendo uma resposta concreta ao processo de deterioração do ensino que vem ocorrendo em nosso país (GADOTTI, 2010, p. 70).

na qual as diferenças são admitidas e discutidas, o que supõe parceria, principalmente entre os membros da comunidade escolar (GADOTTI, 2010). Afinal, “escola autônoma não significa escola isolada, mas em constante intercâmbio com a sociedade” (GADOTTI, 2010, p. 46).

Desta forma, embora estejamos acompanhando um processo de tentativa de retomada da importância e função social da escola, da busca de sua autonomia verdadeira, conectada com a sociedade, e, de forma ampliada, com a cidade, vemos também a continuidade de algumas das rotinas e práticas da escola tradicional, fato que denota a força e persistência do continuísmo, em detrimento da tentativa do novo (desde que fundamentada), de novas experiências no âmbito escolar. A seguir, recorreremos a uma charge da contestadora Mafalda (Figura 12), visando ilustrar as ideias apresentadas neste parágrafo.



Fig. 12. Mafalda na escola.
Fonte: Quino, 2012.

Para Trilla (2006) artistas como os quadrinistas, por vezes, refletem e nos dizem mais a respeito da realidade escolar do que muitos tratados e compêndios de educação. Ainda para o autor, referindo-se à tira cômica de Quino acima, sua lucidez e concisão expressam o ensino a partir de inúmeros conteúdos vazios, transmitidos por meio de procedimentos simples, sem conteúdo ou relevância tanto para professores, quanto para estudantes, fato muitas vezes observado no cotidiano das escolas ditas tradicionais.

A fala de uma professora que compõem a equipe diretiva também vai ao encontro desse pensamento:

Porque não adianta você pensar em todo esse seu projeto se quem estiver lá não tiver esse entendimento. Porque é preciso que se entenda e que se lute pra que isso aconteça. Não pode ser a pessoa, no primeiro empecilho, ah então não vamos fazer mais porque está causando muito incômodo. **Porque, se você quiser chegar a um lugar novo, você tem que fazer caminho novo. Não se chega a lugares novos fazendo velhos caminhos e andando por velhos caminhos. Então se quer chegar a um lugar novo, faça um caminho novo.** E falta esse caminho novo no Colégio Estadual do Paraná. Porque com todo o material humano que temos aqui... (EDir2). Grifos do pesquisador.

Segundo Alves (2006), em tempos atuais, tornar-se-ia emergencial uma renovação escolar mais abrangente e complexa, a produção de uma instituição educacional pública nova, com vistas a (re)estabelecer sua função social e também cultural para além da especificidade pedagógica apenas.

Esta escola também deveria articular de forma responsável e efetiva a “transmissão dos instrumentos de acesso ao saber elaborado” (SAVIANI, 2012, p. 15) por meio da difusão de conteúdos vivos, concretos e associados às diferentes realidades sociais (LIBÂNEO, 2008), que valorizasse as diferentes manifestações culturais e a elaboração da cultura¹⁷ e, num ideal mais ambicioso, que propiciasse uma democracia que pudesse auxiliar efetivamente para a redução das desigualdades, sejam elas educacionais, culturais, sociais, políticas e econômicas, evidentes em nossa sociedade, como propõe Libâneo (2008, p. 29):

A valorização da escola como instrumento de apropriação do saber é o melhor serviço que se presta aos interesses populares, já que a própria escola pode contribuir para eliminar a seletividade social e torná-la democrática. Se a escola é parte integrante do todo social, agir dentro dela é também agir no rumo da transformação da sociedade.

Caberia então à escola a socialização do saber sistematizado, do conhecimento que fosse além do senso comum (sem desconsiderá-lo), com vistas a auxiliar no processo de ensino aprendizagem e no desenvolvimento da criticidade. Os conhecimentos socializados no interior do ambiente escolar deveriam possibilitar, além da sua aquisição e apropriação individual e coletiva, ações no sentido da

¹⁷ É a perspectiva de cultura como um mecanismo de controle, ou como sistemas organizados de símbolos significantes, que permite afirmar que o comportamento humano possui uma dimensão pública e “que seu ambiente natural é o pátio familiar, o mercado e a praça da cidade” (GEERTZ 1989, p. 57). Assim, a cultura torna-se necessária para a regulagem desse comportamento público do homem. É ela que dá o caráter de humanidade a essa espécie animal – a cultura é condição essencial para a existência humana, a principal base de sua especificidade (DAOLIO, 1995, p. 35).

transformação da realidade, não apenas da realidade do estudante, mas também da comunidade escolar e toda a sociedade à sua volta.

Uma das professoras que integrava a equipe diretiva sinalizou algo a esse respeito, entendendo a escola enquanto produtora de cultura que interferiria positivamente na sociedade, principalmente por meio do aprimoramento das relações humanas. Para ela:

E eu vejo assim: que **a escola pratica os modelos que ela tanto condena na sociedade lá fora**. Praticamos aqui diariamente o que nós condenamos lá fora. Que são vícios que já estão cristalizados. Meu grande sonho, que eu talvez não veja, sabe, sendo realizado, é **a escola produzir uma nova cultura que interfira na sociedade lá fora. Inclusive pra uso dos espaços, pra questão do meio ambiente, pra questão da sustentabilidade, das relações humanas**. Não tô falando de meio ambiente, não adianta planeta aí ser salvo, com todas as maravilhas, se as relações humanas não são preservadas e não são aprimoradas. Porque nós temos aí uma evolução científica e tecnológica assustadoramente significativa, mas, em termos de evolução humana, de relações humanas, muitas das coisas que são praticadas hoje são lá da idade da pedra. (EDir2 - Grifos do pesquisador).

A escola, enquanto equipamento urbano (CASTRO e IMAGUIRE, 2006) e espaço que possibilita o conhecimento, a vivência de manifestações culturais e inclusive a elaboração de cultura, além da possibilidade de auxiliar no processo de transformação social, pode possibilitar também a discussão do fenômeno do lazer. Desta forma, o lazer deve ser discutido, experienciado, a partir das suas inúmeras possibilidades e, se possível, ressignificado no âmbito escolar.

Neste sentido, Pacheco (2006, p. 195) defende a escola como “centro de cultura”, como “centro integrado de práticas educacionais diversas” (PACHECO, 2010, p. 25). Entretanto, para que isto se efetive é importante que

a compreensão da escola como equipamento de lazer vai além da, não menos importante, incorporação dos componentes lúdicos da cultura ao ambiente de aprendizagem formal da escola. Para isto é necessário repensar a desarticulação, que se torna explícita atualmente, entre a educação formal e os componentes lúdicos da cultura (PACHECO, 2006, p. 195).

Assim, apenas a adoção de elementos lúdicos, seja por iniciativa de alguns professores durante as aulas ou em momentos específicos e pontuais da rotina escolar não garantiriam o desenvolvimento do potencial da escola enquanto

equipamento que possibilitaria experiências no âmbito do lazer, que possibilitaria a produção e o usufruto de bens culturais relacionados ao fenômeno do lazer.

Tal situação apresenta-se ainda recorrente no ambiente escolar, conforme passagem da entrevista realizada com uma das professoras que compunham a equipe diretiva do Colégio, quando tratou da questão da pouca participação da comunidade escolar (fato evidenciado por todos os participantes) e da possibilidade de utilização do lazer, por meio de atividades prazerosas, no sentido de aproximar os pais do ambiente escolar:

Eu sempre apostei muito, é, em **usar o lazer como uma forma de trazer os pais à escola. É, a vinda do pai à escola precisa ser prazerosa.** Se a vinda do pai está associada a bronca, a ouvir, a respeito do filho, aquilo que ele não gostaria de ouvir, isso afasta o pai da escola. Só que nós temos também um complicador em relação à nossa escola, que é o muro muito baixo. Então você não pode nem pensar em muitas das atividades de lazer, é, porque... por exemplo, o que os pais gostam muito? Festa, fazer um almoço, por exemplo. Eu já pensei isso diversas vezes. (EDir2 - Grifos do pesquisador).

Desta forma, a escola, assim como qualquer outro espaço citadino, possibilitaria experiências calcadas no universo lúdico, que, por sua vez, não se manifestaria necessariamente e exclusivamente nos tempos/espacos de lazer, mas também nos tempos/espacos do mundo do trabalho, nos tempos/espacos da vida, dentre eles os tempos/espacos da escola.

A ludicidade no espaço escolar

O lúdico é “parte indissociável da condição humana e tem participação criadora no cotidiano” (MARINHO e PIMENTEL, 2010, p. 13), por meio da liberdade e espontaneidade.

Enquanto fenômeno subjetivo, já que envolve altas doses de subjetividade (MARCELLINO, 2009), torna-se inviável a sua aferição, mensuração, contabilização ou até mesmo explicação, dificultando seu estudo. Muitas vezes, para se tornar objetivo acaba reduzido à qualificação de determinados comportamentos, ações ou objetos.

Gomes (2004, p. 145) expõe as diversas possibilidades de manifestação e ocorrência do lúdico enquanto linguagem humana, por meio das experiências vividas pelas pessoas. Segundo a autora:

De pronto, afirmamos que o lúdico, sendo linguagem humana, pode manifestar-se de diversas formas (oral, escrita, gestual, visual, artística, dentre outras) e ocorrer em todos os momentos da vida - no trabalho, no lazer, na escola, na família, na política, na ciência, etc. Todavia, como visto, em nossa sociedade capitalista o lúdico é equivocadamente relegado à infância e tomado como sinônimo de determinadas manifestações da nossa cultura (como festividades, jogos, brinquedos, danças e músicas, entre inúmeras outras). Mas as práticas culturais *não são lúdicas em si*. É a interação do sujeito com a experiência vivida que possibilita o desabrochar da ludicidade.

Desta maneira, a ocorrência do lúdico é possível em diversos momentos de nossas vidas e de variadas formas, não sendo exclusividade da infância, como se apenas a ela pertencesse, pois, o lúdico é inerente ao ser humano, manifestando-se em todas as fases da vida, influenciado pela sociedade e cultura estabelecidas.

Inerente ao ser humano, a ludicidade "é construída culturalmente e cerceada por vários fatores, tais como normas políticas e sociais, princípios morais, regras educacionais, condições concretas de existência" (GOMES, 2011, p. 18). Esta afirmação evidencia a importância e o peso das tradições, costumes e culturas estabelecidas, tanto na sociedade de forma geral e global quanto, de maneira mais específica e local, no interior das diversas instituições que a compõem, dentre elas a escola, favorecendo e possibilitando a potencialização, o empobrecimento ou até mesmo a negação de experiências lúdicas.

Muitas vezes em nossa sociedade o lúdico parece estar relacionado principalmente à infância, embora não seja vinculado "exclusivamente à cultura infantil", sendo por vezes até roubado das crianças (MARCASSA, 2010, p. 271).

No caso do ambiente escolar, mais precisamente a partir do Ensino Fundamental, a ludicidade parece estar liberada, permitida ou destinada quase que exclusivamente ao pouco tempo destinado ao recreio ou intervalo. Poucos anos depois, já na adolescência, percebe-se, no caso da escola, a expressão recreio substituída pelo chamado intervalo, tempo/espaço em que muitas das brincadeiras parecem ser condenadas, relegadas ao passado, afinal, o futuro, o mundo adulto, do trabalho, da seriedade e das responsabilidades se aproxima a passos largos e não

há tempo para brincar. A fala de uma das diretoras de turno do Colégio ilustra tais afirmações:

Pra começar eu acho o intervalo curto assim pra pensar em algo, eu sei que eu trabalhei com um diretor auxiliar da tarde que eles fez várias coisas no turno da tarde sabe é... os estudantes também eram outros, é um outro público né, **os estudantes da tarde brincam um pouco mais do que o pessoal da manhã, o pessoal da manhã já está mais na fase da paquera...** eles são um pouquinho mais adultinhos assim, não que eu não ache que eles não vão brincar. (EDir3 - Grifos do pesquisador).

Fatores como incentivo e oportunidades para vivenciar atividades diferenciadas (incluindo práticas corporais) e que despertassem o interesse de crianças e adolescentes poderiam auxiliar quanto a sua adesão, uma vez que, à medida que chegam na adolescência, meninos e meninas tendem a se tornar menos ativos, envolvendo-se cada vez menos em atividades físicas regulares (PAPALIA *et al.*, 2001).

A charge do educador e pesquisador italiano Francesco Tonucci (Figura 13), também conhecido como Frato, pode ser utilizada para ilustrar a fala anterior da diretora, quando trata do estudante adolescente, que se vê constantemente habitando dois mundos, o infantil e o considerado adulto.

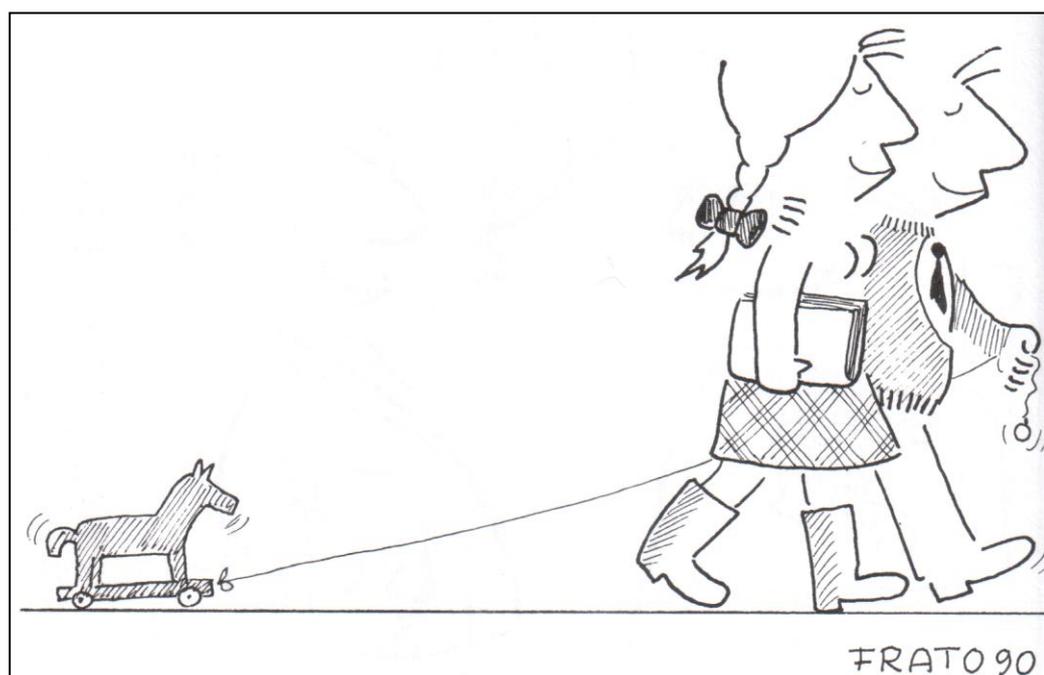


Fig. 13. Adolescência.
Fonte: Frato, 2008.

Desta forma, a ludicidade pode se manifestar e ser experienciada em diversos contextos, já que não ocorre exclusivamente nos tempos/espços de lazer, do não trabalho (MARINHO e PIMENTEL, 2010), indicando a possibilidade da sua ocorrência no interior da escola, uma vez que a interação do sujeito com a experiência vivida em determinado momento é tida como característica principal para a sua efetivação.

Além disso, a ludicidade possibilita ao sujeito a criação, a capacidade de atribuir significado à sua existência e, por consequência, não apenas ressignificar algo mas também transformar o mundo (GOMES, 2011b). Ainda para a autora, a ludicidade poderia ser entendida enquanto "mola propulsora do lazer" principalmente como valorização do processo vivido, das diversas formas de apropriação por meio das nossas experiências (GOMES, 2011b, p. 35).

Desta forma, o fenômeno do lazer pode ser entendido como veículo privilegiado de educação no ambiente escolar – sendo consideradas suas potencialidades para além do descanso e do divertimento, incluindo ainda a possibilidade de desenvolvimento pessoal e social das pessoas, e também como objeto de educação – relacionado com o aprendizado, estímulo e a iniciação aos diversos conteúdos culturais (MARCELLINO, 2007), valendo-se dos tempos/espços disponíveis ou liberados na escola, por meio da utilização de espços diferenciados para além das salas de aula apenas.

Entretanto, a ludicidade, embora sendo característica intrínseca ao ser humano, por si só não o desenvolve, ao contrário, é preciso que o homem produza e se aproprie da cultura elaborada historicamente para se desenvolver, demonstrando a importância das manifestações culturais no processo de apropriação e desenvolvimento das pessoas por meio das experiências de lazer (OLIVEIRA e BERNARDES, 2012).

Além de geralmente estar associada à infância, a ludicidade também é tratada muitas vezes como "sinônimo de determinadas manifestações da cultura, principalmente de jogo" (GOMES, 2011b, p. 34). Assim como o jogo, por vezes o lúdico é relacionado a outras manifestações culturais, como o brinquedo, a brincadeira, a festa, dentre outras.

Com efeito, coube à Huizinga *apud* Marinho e Pimentel (2010) o entendimento de lúdico como *ânima*, como alma que move as pessoas no contexto do jogo, fato que o faz extrapolar a noção de jogo, já que pode se manifestar em diversos tempos/espacos e de diversas formas.

Na relação entre o lúdico, o jogo e a brincadeira, Huizinga (2010, p. 53) destaca a importância do jogo no que tange à cultura, apontando-nos que “a cultura surge sob a forma de jogo, que ela é, desde seus primeiros passos como que “jogada””, ou seja, enfatizando o caráter lúdico presente nas fases mais primitivas de cultura.

Contrastando com as ideias de Huizinga (2010), que defendia que a cultura surgia a partir do jogo, Scaglia (2005) entende o jogo enquanto fenômeno cultural, considerado um sistema complexo impregnado de valores éticos influenciados pelo contexto mais amplo. Exemplos disso foram verificados durante as observações de campo, conforme as passagens do diário de campo a seguir, referentes às observações realizadas no espaço do Complexo do Planetário, mais precisamente no local onde os estudantes jogavam tênis de mesa.

Na primeira delas o fato de ter a posse de algo, neste caso, de uma bola de tênis de mesa, significava poder decidir quando, com quem e como jogar.

Ouçõ: "está vindo" e logo chega um estudante que tem bolinha, sendo o primeiro a jogar, não importando a ordem de próximas que estava definida [nenhum estudante questiona o fato dele ter chego e dito que seria o primeiro a jogar "só vou jogar uma e depois vou para lá", ou seja, para a outra mesa, onde jogam os estudantes mais novos e uma menina. (Diário de campo do intervalo do dia 04 de setembro de 2013. Grifos do pesquisador).

A competitividade, fortemente difundida em nossa sociedade, e o pouco tempo destinado à vivência do jogo entre os pares também foram verificados, conforme descrito em uma das passagens do diário de campo a seguir:

Como muitos estudantes estão no espaço as **partidas são animadas e cada vez mais disputadas "se eu ganhar troca de raquete"**. Percebo algumas discussões em relação aos jogos, logo resolvidas, afinal, ganhar significa jogar mais. **Os jogos são muito acelerados, jogados de forma rápida, pois há pouco tempo para muitos jogarem.** (Diário de campo do intervalo do dia 04 de setembro de 2013. Grifos do pesquisador).

Um estudante que observei no inter turno e que não havia jogado antes desta vez joga, parece que não conhece os demais, entretanto tem a oportunidade de jogar [vence um dos estudantes considerado habilidoso de forma rápida e fácil e parece conseguir o passaporte para participar do grupo dos mais velho]. **O jogo possibilita que outros estudantes participem do grupo e este é um exemplo disto, desde que tenha certas habilidades para jogar** [não percebi a presença de iniciantes ou estudantes que não sabiam jogar nada nesses dias de observação]. (Diário de campo do intervalo do dia 04 de setembro de 2013. Grifos do pesquisador).

Por meio das observações realizadas no local onde ficavam as mesas de tênis de mesa pode-se afirmar que neste espaço estava estabelecida entre os estudantes uma cultura de jogo, com regras e códigos próprios, pouco questionados. Quem quisesse participar deveria seguir as regras definidas pelo grupo. Talvez isto impedisse que outros estudantes, principalmente aqueles menos habilidosos ou que desconheciam o jogo se aproximassem e inclusive interagissem com os que frequentavam o espaço.

Em relação à complexidade do jogo e ao contexto que o influencia, Scaglia (2004, p. 41) entende que o seu “ambiente (contexto) determinará o que é jogo e não-jogo, evidenciando a predominância da subjetividade em detrimento da objetividade (o estado de jogo)”, outra diferença percebida em relação às ideias de Huizinga (2010), que defendia a objetividade da observação do jogo, passível inclusive de definição concreta.

O sentido de totalidade e complexidade do jogo e a sua inserção em um determinado ambiente com características próprias pode nos auxiliar na sua compreensão, já que, segundo Freire (2005, p. 43), podemos reconhecer a sua existência graças às nossas constatações em determinados acontecimentos envolvendo pessoas, animais ou mesmo a natureza, ou seja, acreditamos na sua existência por meio da nossa percepção, nossos sentidos e nossa consciência, o que nos torna capazes de registrá-lo a partir das suas manifestações, “porque podemos vê-lo, podemos tocá-lo, ouvi-lo ou até intuí-lo”. A descrição de uma passagem do diário de campo a seguir ilustra tais afirmações, retratando o sentimento de entrega que o jogo possibilita a seus praticantes, que demonstravam não se preocupar com os entulhos acumulados ao lado (Figura 14 a seguir):

A bola quicou duas vezes no campo e o jogo continuou sem problemas.
Também percebo que os estudantes aparentemente transparecem não

se preocupar com os entulhos depositados no espaço [o jogo parece ser bem mais importante e divertido, parecem absorvidos por ele]. Embora também demonstrem estar concentrados no jogo, este aparenta estar divertido para ambos (Diário de campo do inter turno manhã - tarde do dia 04 de setembro de 2013. Grifos do pesquisador).



Fig. 14. Jogo de tênis de mesa dos estudantes.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Embora os estudantes aparentemente não demonstrassem preocupação nem descontentamento em relação aos entulhos depositados ao lado da mesa onde jogavam, a conexão entre o jogo e o lúdico, por meio das vivências lúdicas na vida cotidiana, em que o caráter lúdico pode ser evidenciado (SCAGLIA, 2005) caracterizaria a ação lúdica, possuidora de peculiaridades que poderiam nos auxiliar quanto à compreensão do lúdico como um elemento de humanização (SANTÍN, 2001).

A ação lúdica seria composta por eixos de desenvolvimento presentes em toda atividade ou vivência lúdica, sendo eles: o ato de simbolizar como capacidade de dar sentido e significado aos elementos da brincadeira a partir de nossas experiências; a criatividade, tendo condições de recriar cada momento tornando-o diferenciado; a liberdade, garantindo a possibilidade de escolha e do ser livre e; a gratuidade sem cobranças ou busca por recompensas, mas sim valorizando o

processo lúdico enquanto experiência capaz de gerar sempre que possível a alegria (SANTÍN, 2001).

Tais eixos de desenvolvimento da ação lúdica puderam ser verificados em relação às práticas observadas durante os intervalos e inter turnos, uma vez que esses eixos podem ser vivenciados em diferentes contextos, tempos/espacos e, principalmente, grupos, dentre os quais, os mais presentes e representativos geralmente são a família, a escola, o trabalho, os grupos religiosos, filantrópicos, grupos relacionados ao lazer, etc., sendo que, em alguns desses grupos a pessoa não escolhe pertencer e, em outros, engaja-se, fazendo deles muitas vezes a razão do seu viver (MILITÃO e MILITÃO, 2000).

Desta forma, as vivências lúdicas são entendidas como uma “construção sociocultural histórica”, que pode “influenciar e/ou ser influenciada pela vida social e cultural mais ampla em que acontece” (PINTO, 2007, p. 180), no caso específico da escola, influenciada em grande parte pela concepção de educação dos membros da comunidade escolar. Entretanto, a mesma autora sinaliza a importância da promoção do lúdico, “não apenas como meio para atingir vários fins externos a ele, mas, sobretudo, como a principal finalidade a ser alcançada” (p. 176).

Para Gomes (2008, p. 125), “a vivência lúdica de manifestações culturais” ocorreria em um “tempo/espaco conquistado pelo sujeito ou grupo social”, considerando a dialética entre as necessidades, os deveres e as obrigações, elementos presentes na rotina escolar.

A fala de uma das participantes que compunha a equipe de direção sinalizou que, no caso do Colégio, tais vivências estariam relacionadas com as atividades realizadas pelos estudantes no contraturno, dentre elas as práticas corporais, por meio dos treinamentos e aulas especializadas junto aos professores de Educação Física e as diversas atividades artísticas desenvolvidas pelos professores de Arte no CEP. Embora sendo opção, tais atividades não seriam desenvolvidas de forma totalmente livre e autônoma no Colégio, uma vez que visam o aprofundamento de determinado conhecimento, seja ele relacionado às práticas corporais, às artes ou às línguas estrangeiras.

Porque eles se matriculam, porque aí é opção né, eles não são obrigados a se matricular, então a partir do momento que é opção eu não sinto em nenhum aluno atleta do treinamento, em nenhum aluno da Escolinha de Arte e nem do Centro de Línguas que ninguém vem de má vontade,

ninguém quer gazejar essas aulas.. **para eles é um grande lazer assim, fazer o que gosta, só que eu acho que a gente tinha que proporcionar o lazer fora disso... de uma forma ou de outra tem o professor, é uma atividade dirigida**, por mais que eles gostem o que eu penso é um lazer em que eles optem entre várias situações, no momento que eles não tã com professores direcionando, alguma coisa assim. (EDir1 - Grifos do pesquisador).

Desta forma, diferentemente das atividades sistematizadas do contraturno, as vivências lúdicas experienciadas pelos estudantes fora do período formal não teriam necessariamente alguma intenção relacionada ao processo de aprendizado de um determinado conteúdo. Não possuiriam um fim específico, nada além da própria vivência em si, fato que poderia contribuir para a sua descaracterização, ou até mesmo negligência, por parte da comunidade escolar. Para Batista e Martins (2008, p. 55) "as manifestações lúdicas, que trazem em si o prazer, a diversão, a criação e a livre expressão, são desconsideradas", principalmente nos locais onde a educação é orientada para o mundo e preparação do trabalho.

Além disso, essa negligência em relação às vivências lúdicas no ambiente escolar poderia ser explicada pela possibilidade de gerar um temor, relacionado ao imprevisível que tais vivências poderiam proporcionar, uma vez que poderiam materializar-se de diversas formas e a qualquer tempo (SOARES, 2002).

Embora essas vivências possam ocorrer em diversos tempos/espços para além daqueles institucionalizados, no âmbito escolar, o tempo do intervalo, considerado um tempo de aprendizado informal, poderia possibilitar a ocorrência de vivências lúdicas que contemplassem tanto a educação para quanto pelo lazer, já que este fenômeno não é, pela definição de Gomes (2008), restrito somente aos tempos/espços institucionalizados.

Essa educação, valendo-se do fenômeno do lazer, visaria principalmente oportunizar o conhecimento e o entendimento da importância do lazer enquanto parte de uma vivência cidadã, possibilitando a ampliação do rol de opções de escolhas (MARCELLINO, 2002) e também de aprendizado neste tempo/espço de nossas vidas.

No capítulo a seguir serão delineados alguns apontamentos visando estabelecer aproximações entre o ambiente escolar e o fenômeno do lazer.

CAPÍTULO 2

A ESCOLA E O LAZER – POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO

Marcellino *et al.* (2011) afirmam que a escola não educa somente para o trabalho, educa também para o lazer, não de forma tão explícita e evidente, já que o trabalho e o lazer fazem parte da vida em nossa sociedade, embora o tempo/espaço, a organização e muitas das ações desenvolvidas no interior da escola aproximem-se mais e, de forma mais clara, do tempo e do mundo do trabalho que do lazer.

Para estabelecer uma relação entre escola e lazer é necessário rever o conceito ou ideia de escola como espaço que possui mais proximidade com a lógica do trabalho (horários rígidos, disciplinas etc.), onde prevalece a obrigação cotidiana, encarada muitas vezes com tarefas árduas, enfadonhas e desconectadas com a realidade daqueles que a frequentam. Ao contrário, entender e conceber a escola como espaço de alegria, descoberta e prazer faz com que se aproxime de conceitos de lazer defendidos por muitos estudiosos do tema (MARCELLINO *et al.* 2011, p. 11).

A citação de Marcellino *et al.* (2011) é pertinente e verdadeira se comparada à de Saviani (2012, p. 11), que atribui à educação, ao mesmo tempo, “uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho”, e também à citação de Gramsci (2000, p. 51), que atribui ao estudo um caráter de trabalho, afinal, “o estudo é também um trabalho, e muito cansativo, ... não só intelectual, mas também muscular-nervoso”, sendo um processo adquirido por meio de esforço, chegando até mesmo ao sofrimento. Talvez estes dois conceitos ajudem a explicar a dificuldade que a escola muitas vezes encontra para abordar o fenômeno do lazer no seu interior, tanto por meio de uma educação para o lazer, como por meio de uma educação pelo lazer.

Diante disto, entende-se aqui o conceito de lazer como uma “dimensão da cultura construída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais”, vivenciadas em um tempo/espaço conquistado, seja individualmente ou coletivamente, com o estabelecimento de “relações dialéticas com as necessidades,

os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo” (GOMES, 2008, p 125).

Entretanto, para os participantes da pesquisa o lazer foi conceituado de formas divergentes da supra citada, demonstrando diferenças de concepção do fenômeno.

A maioria dos entrevistados entendia o lazer como momento de descanso, de relaxamento, de reposição das energias, visando fugir da rotina do dia a dia, principalmente a rotina de trabalho, o que vai ao encontro do que Silva (2011) expõe, ou seja, do lazer muitas vezes compreendido de forma reduzida, seja para o alívio das tensões geradas pelo trabalho ou visando a recuperação das energias do indivíduo, com vistas ao retorno do trabalho.

Para exemplificar citamos as falas de duas professoras integrantes da equipe diretiva e uma das estudantes do Grêmio estudantil. Para elas o lazer era: *"Um momento aonde você consegue **relaxar**, você consegue se sentir bem consigo mesmo, não tendo a pressão de atingir alguma meta, desligar do mundo para viver a sua felicidade"* (EEst1); *"...lazer é alguma coisa que faz com que você se **desligue da rotina profissional, da sua rotina de trabalho**. Alguma coisa que faça com que você **reponha suas energias vitais, físicas e emocionais**"* (EDir2); *"...é um momento que a gente se **desliga do trabalho**..."* (EDir5). Grifos do pesquisador.

Estas falas demonstram a finalidade compensatória do lazer enquanto meio para descansar e recuperar energias, necessárias ao trabalho e outras tantas obrigações sociais (PINTO, 2007). Nesta perspectiva o lazer

serve como uma experiência cultural que "quebra a rotina diária" e introduz - em escolas, empresas, famílias e outros ambientes - um conjunto de experiências que aliviam as frustrações, tensões ou inquietações que comprometem as relações estabelecidas e os desempenhos pretendidos (PINTO, 2007, p. 176).

A possibilidade de diversificação das práticas de lazer também foi mencionada em muitas falas. Para a maioria dos entrevistados o lazer poderia ser uma prática corporal, uma leitura livre, assistir filmes etc., entendendo de forma mais diversificada quanto às possibilidades de fruição do fenômeno lazer.

Para Marcellino (2007) o que se verifica geralmente é uma restrição das atividades de lazer a um campo específico de interesses culturais, sejam eles artísticos, intelectuais, físico esportivos, manuais, sociais, turísticos, virtuais,

ecológicos, ou inclusive para além desses, visto que, de acordo com Melo (2004, p. 52) "a ação humana é complexa demais para caber em limites rígidos de categorias, o que não significa que a classificação seja ineficaz, somente devemos utilizá-la tendo claros os seus limites".

Entretanto, por meio das falas de muitos dos participantes, pode-se perceber certa diversidade relacionada às possibilidades com que o lazer poderia se materializar. No ambiente escolar, tal diversidade poderia estar relacionada com a grande quantidade de espaços e atividades ofertados pelo Colégio à sua comunidade escolar, o que possibilitaria o contato e a vivência de outros interesses culturais, diversificando as experiências no âmbito do lazer no interior da escola.

Segundo uma das pedagogas participantes do estudo:

Esse Colégio tem muitas atividades, você veja, eu venho, por exemplo, assistir teatro... nossa, quantas peças você vai assistir apresentação de aluno, de dança... Muitas atividades, **atividades culturais**, você vê, tem sempre alguma atividade no Salão Nobre, são apresentações, a Escolinha de Artes traz muita coisa pra cá, então eles têm sempre uma programação sabe, eu acho que é muito rico essa questão aqui do Colégio, **o aluno pode participar de muitas atividades ou direcionadas ou à convite como atividades culturais e esportivas também.** (EPed1). Grifos do pesquisador.

Essas experiências vividas em diversos espaços do Colégio, possíveis no tempo disponível, livre das obrigações escolares e por meio da liberdade de escolha das pessoas, poderiam estar relacionadas ao fenômeno do lazer, sendo inclusive significativas para estudantes e demais membros da comunidade escolar. O relato de uma das professoras que trabalha no G.A.A. elucida tal afirmação:

...essa escola aqui possibilita muito, tanto que os relatos dos alunos quando saem daqui, essa piscina principalmente, em **tudo que eles fazem aqui as atividades culturais e tal. Então eu acho que eles entendem como um grande lazer que essa escola é sinônimo de um grande lazer**, uma escola séria, uma escola que prepara bem, mas que é uma escola legal. (EFun1). Grifos do pesquisador.

Entretanto, dentre todos os participantes entrevistados, apenas uma das estudantes que faziam parte do Grêmio estudantil mencionou, além da diversão, a possibilidade de aprendizado por meio das vivências no tempo/espaço de lazer,

demonstrando que a escola também poderia educar pelo e para o lazer. Para ela lazer é:

tudo que faça você... se divertir principalmente , **mas você também tirar um aprendizado disso**. Toda a diversão acaba trazendo alguma coisas boas para você, algum benefício, seja físico, espiritual ou mental. O meu principal lazer é a dança. Todo o lazer acaba te trazendo coisas boas. (EEst2). Grifos do pesquisador,

Por meio de suas respostas, muitos participantes apontaram uma estreita relação entre o lazer e o prazer, entendendo o lazer como algo que faria bem a nós mesmos, inserido no plano da liberdade de escolha, ou seja, fazer o que gosta e quer fazer. Para uma das diretoras de turno "**o lazer tem a ver com o prazer, combina**" (EDir3); para outra diretora, o lazer é "**tudo aquilo que me traz prazer, me traz equilíbrio**" (EDir5). Esta relação entre lazer e prazer também foi verificada nas falas das duas professoras que atuam no G.A.A. Para elas "**...o lazer é prazer acho, o principal sinônimo de lazer é prazer**" (EFun1), e o "**lazer é um momento assim que tem que te dar prazer**" (EFun2). Grifos do pesquisador.

Um dos professores de Educação Física entende que "**um ponto crucial do lazer é você estar realizando atividades que seja divertido, que seja prazerosa, que seja relaxante, é de acordo com o seu interesse**" (ECoord3). "**Lazer é quando eu tenho eu faço alguma coisa que eu goste e que seja da minha escolha...**" (EPed1). Grifos do pesquisador.

Para Gutierrez (2001) o prazer deve ser entendido como categoria fundamental do lazer, já que o lazer não ocorreria sem a expectativa de se realizar algo que nos proporcionasse prazer. Desta forma, o prazer ou prazeres, enquanto categoria fundamental para se pensar o lazer, estaria relacionado à duas dimensões, uma fisiológica (reprodução, alimentação, conforto com o próprio corpo etc.) e outra cultural, inerente às relações construídas e estabelecidas pelos seres humanos, seja individual ou coletivamente (GUTIERREZ, 2001, p 14).

Desta forma, a busca do prazer no lazer seria fundamental, o que não impediria sua "caracterização como um dos canais de atuação, no plano cultural, tendo objetivos não meramente reformistas, mas que signifiquem mudanças radicais no plano social" (MARCELLINO, 2010, p. 36), no caso deste estudo específico, no âmbito escolar.

Por fim, menções ao tempo livre, tempo de contemplação e ócio também foram observadas, principalmente nas falas dos professores de Educação Física, conforme relatos a seguir: "*É utilização desse **tempo livre**, de forma espontânea, de forma que seja interessante pra mim, sem obrigação nenhuma*" (ECoord2) Grifos do pesquisador.

Tempo livre... é uma coisa que eu não tenho vivenciado ultimamente... é aquela hora que você **faz nada sem culpa**, ou faz alguns coisa assim... você ficar com **um tempo livre pra você sem se sentir culpado de estar com este tempo pra você**. (ECoord1). Grifos do pesquisador.

...você tem que se sentir bem naquele espaço, **nem que seja sentar e contemplar alguma coisas**, mas se você está bem ali é teu meio de lazer, o **teu espaço ali de tranquilidade, de sossego** (EFunc2). Grifos do pesquisador.

Esta possibilidade de contemplação no tempo/espaço de lazer estaria relacionada principalmente aos sentidos. Para uma das pedagogas participantes do estudo o "lazer é poder... parar, olhar, sentir, ver e, agir, é tudo, é o momento que me permite isso, é um lazer entendeu, então, por exemplo, é quando eu olho e eu vejo, e eu sinto" (EPed2).

Com efeito, o conceito de lazer tecido pela maioria dos participantes do estudo vai ao encontro do conceito formulado por Camargo (2008, p. 97), para o autor:

...o lazer representaria "um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos realizados num tempo livre roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico e que interfere no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos".

Por meio das falas dos participantes do estudo pode-se verificar categorias cruciais, segundo eles, para a efetivação do lazer. Dentre elas cita-se o tempo livre ou o tempo de não trabalho, a diversidade de experiências por meio de práticas influenciadas pela cultura, a íntima relação com o prazer, com o fazer o que quer e gosta de forma livre e espontânea, além da possibilidade de desenvolvimento humano por meio das experiências no âmbito do lazer.

Diante do exposto até o momento e com base no conceito de lazer adotado para este estudo a escola e, neste caso específico o Colégio Estadual do Paraná, possibilitaria, por meio da sua variedade de tempos/espaços, vivências lúdicas e também a ocorrência de experiências no âmbito do lazer, não restrito apenas aos tempos – finais de semana, feriados, férias etc. – e espaços – ruas, praças, parques etc. – determinados e institucionalizados (GOMES, 2008), mas também durante o período letivo, principalmente nos momentos de intervalo e nos inter turnos. Entretanto, a fala de uma professora que compõem a equipe diretiva aponta para o entendimento de que o lazer é passível de ocorrer nos finais de semana, não tendo lugar no dia a dia da escola, devido à uma série de situações específicas do Colégio:

É, o que eu falei com você, de abrir a escola nos finais de semana. Quanta coisa podia ser pensada aqui, **com todo esse espaço que temos e que é um espaço comprometido durante a semana, devido à demanda e ao volume de atividades que nós temos aqui.** Porque nós temos as atividades curriculares, nós temos os treinamentos. **Então, no final de semana quanta coisa poderia ser feita aqui. Quantos projetos, quantas propostas, quantas pessoas,** inclusive ex-alunos, que se nós chamássemos pra poder desenvolver projetos aqui. (EDir2 - Grifos do pesquisador).

A abertura de escolas públicas à comunidade nos finais de semana e nos períodos de férias escolares, por meio da oferta de diversas atividades, faz parte dos projetos sociais de um número cada vez maior de programas governamentais, transformando a escola em um espaço de lazer comunitário (PACHECO, 2006). Ainda segundo o autor, seria necessário pensar as implicações, tanto políticas quanto sociais de tais intervenções, bem como o perfil dos responsáveis, professores e educadores que atuam nesses programas.

Esse uso da escola em momentos fora do horário escolar deveria articular as atividades desenvolvidas nos finais de semana e outros momentos com o cotidiano escolar e seu projeto pedagógico (PACHECO, 2004), objetivando a educação, função fundamental da escola, seja por meio de experiências de lazer ou para o lazer.

Para uma das diretoras de turno, as vivências relacionadas ao lazer teriam lugar no contraturno escolar, destinado a uma parcela pequena de estudantes diante do número total de matriculados no Colégio. Estes estudantes seriam aqueles que

fazem parte do Grêmio estudantil ou estão matriculados em alguma atividade extra curricular oferecida pelo CEP. Segundo a diretora auxiliar:

Eu acho que poucos têm... por exemplo, algumas pessoas do Grêmio, eles têm, que eles têm essa liberdade aqui dentro de ir e vir, eles podem ficar aqui no contraturno **porque eu acho que é o contraturno, que é o lazer e o prazer, é o contraturno** né, porque quando eles estão na aula eu acho que até a obrigação deles realmente é ficar em sala de aula... **o Grêmio pode fazer isso, algumas pessoas que treinam podem fazer isso eles têm um pouco mais de liberdade, mas o resto dos estudantes não têm.** (EDir3 - Grifos do pesquisador).

Entendemos que a vivência do tempo/espaço de lazer pode materializar-se em diversos contextos da vida das pessoas, como nos espaços educativos (sejam eles escolares ou não), no trabalho, dentre outros, uma vez que o lazer, de acordo com Gomes (2011, p. 18) seria construído socialmente, a partir da articulação de três elementos fundamentais, que seriam: "a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espaço social", elementos presentes em diversos contextos sociais.

Desta forma, as vivências no âmbito do lazer na escola poderiam viabilizar, além do descanso, da contemplação, do contato e da socialização entre as pessoas, o aprendizado de novos conhecimentos por meio de vivências lúdicas com um fim em si mesmas, afinal, o lazer também pode ser concebido como:

...um tempo-espaço de organização da cultura, como uma instituição que envolve um conjunto de práticas cujas normas e características internas lhe conferem um estatuto próprio de funcionamento e que agrega a **realização de diferentes atividades lúdicas, diferentes formas de divertimento e descontração, ou, ainda, variadas experiências de contato e recreação do universo cultural, ele se configura, por sua vez, num campo de disputas, de negação e de afirmação de interesses e necessidades,** promovendo valores, saberes e significados articulados às possibilidades e às condições das diferentes classes sociais (MARCASSA, 2003). Grifos do pesquisador.

O lazer, entendido como fenômeno cultural e que também possibilita a produção de cultura, por meio da vivência lúdica, mobilizada “pelo desejo e permeada pelos sentidos de satisfação, liberdade e autonomia – sejam eles reais ou apenas percebidos” (GOMES, 2008, p. 131), atribuindo aos sujeitos o papel como “produtores culturais”, o que significa “ampliar as chances de apropriação das

condições da produção do saber teórico-prático, lúdico e educativo que pode permear as vivências de lazer, buscando a criação de cultura”.

Para Daolio (1995, p. 35) “torna-se impossível pensar a natureza humana como exclusivamente biológica e desvinculada da cultura”. Ainda segundo o autor, a “natureza do homem é ser um ser cultural, ao mesmo tempo, fruto e agente da cultura”.

Levando-se em conta as influências culturais, o lazer seria constituído com base nas características e especificidades de cada contexto em particular, transitando entre o que seria considerado tradição e o novo, entre o conformismo, a apatia e a resistência, motivação, iniciativa, por vezes apenas reprodutor de determinada prática social e cultural e em outras produtor de algo ressignificado, recriado e inclusive novo, inédito.

A constituição do lazer como sendo influenciado pelas características peculiares de um determinado contexto social, cultural e histórico implica que a própria cultura seja produzida "no sentido de reprodução, construção e transformação de práticas culturais vivenciadas ludicamente por pessoas, grupos, sociedades e instituições" (GOMES, 2011, p. 34).

Esta possibilidade torna diversos contextos sociais também culturais. No caso da escola teríamos a cultura escolar, composta pela organização, pelos grupos que dela fazem parte e pelo seu cotidiano (BADIA, 2005), cada qual influenciando e sendo influenciado pelos demais.

Desta forma, uma das maneiras de se produzir cultura no meio escolar poderia ser concretizada por meio do lazer, a partir de vivências de manifestações culturais calcadas no lúdico (GOMES, 2008), levando-se em conta a cultura escolar da instituição, pois, de acordo com Monteiro (2005, p. 142):

cada instituição é única, cada sala de aula se compõe de modo diferenciado, cada microgrupo é inédito e cada pessoa que ali desenha a cena, quer seja situando-se em seu centro ou em suas margens, emoldura o cotidiano escolar imprimindo-lhe um novo matiz num jogo de luzes e sombras.

Diante disso, faria parte da cultura escolar a lição e o exercício da sala de aula, a exposição do professor a respeito da matéria, os bilhetinhos que os estudantes enviam uns para os outros, enfim, não apenas a divisão das matérias e a

rotina organizacional da escola, mas também o horário do intervalo e o que os estudantes fazem durante este período, certamente pleno em significados que escapam, em geral, de qualquer registro, podendo ser também um tempo criador de relações sociais e novos valores (BOTO, 2003). Para Viñao Frago (1995) a cultura escolar seria toda a vida escolar.

Entretanto, para este estudo específico foi proposta a observação e análise da cultura escolar referente a algumas das possibilidades de uso e apropriação nos tempos/espacos em que os estudantes não estavam envolvidos em aula formal, ou seja, nos intervalos do turno vespertino e inter turnos, no período entre os meses de outubro e dezembro de 2013, afinal, como afirma Julia (2001, p. 32), "a cultura escolar é efetivamente uma cultura *conforme*, e seria necessário definir a cada período, os limites que traçam a fronteira do possível e do impossível".

Diante disto, Faria Filho (2007, p. 195) entende a categoria cultura escolar como:

a forma como em uma situação histórica concreta e particular são articuladas e representadas, pelos sujeitos escolares, as dimensões espaço-temporais do fenômeno educativo escolar, os conhecimentos, as sensibilidades e os valores a serem transmitidos e a materialidade e os métodos escolares.

Ainda segundo o autor, esta definição da cultura escolar, no caso do CEP, das experiências ocorridas durante os tempos/espacos do intervalo do turno da tarde e dos inter turnos, sugere que tal categoria pode nos auxiliar no entendimento dos "processos de constituição dos sujeitos - e de seus lugares sociais (FARIA FILHO, 2007, p. 195), auxiliando quanto à organização e compreensão de tais experiências no âmbito escolar.

Desta forma, Faria Filho (2007) entende que a cultura escolar seria mais que apenas uma forma de descrever a escola, seu cotidiano e seus processos de organização e transmissão de cultura e conhecimento. A cultura escolar seria "o processo e o resultado das experiências dos sujeitos, dos sentidos construídos e compartilhados e/ou disputados pelos atores que fazem a escola" (FARIA FILHO, 2007, p. 198), ou seja, dos membros da comunidade escolar.

Entretanto, é importante pensar a cultura escolar considerando-se o impacto das questões do cotidiano escolar, uma vez que a escola, além da sua função

pedagógica, assume também um papel de identidade na vida dos que nela estudam ou trabalham.

A forma como a vida escolar é estruturada e a maneira como os sujeitos (estudantes, professores, funcionários e demais membros da comunidade escolar) são postos em convivência, exercem influência na formação desses próprios sujeitos. As práticas sociais vivenciadas no ambiente escolar relacionam-se aos processos de identidade individual, transformando a escola em um campo que possibilita relações sociais (BOTO, 2003), em diversos tempos/espços, que podem ser potencializadas, favorecendo inúmeras aprendizagens.

Desta forma, a aprendizagem como participação no mundo social, inseparável da prática social do cotidiano (FARIA *et al.* 2011), incluindo, claro, as diversas experiências estabelecidas no interior da escola, sugere a possibilidade de efetivação de aprendizagens, no caso específico da escola, em qualquer tempo/espço, inclusive naqueles momentos em que os estudantes estariam liberados do trabalho escolar, como no horário do intervalo, nos horários de aula vaga, no horário anterior ou posterior às aulas, dentre outros.

O capítulo a seguir é destinado à caracterização do Colégio onde foi realizada a pesquisa, bem como aos aspectos relacionados às possibilidades e limitações da ocorrência de vivências lúdicas nos tempos/espços escolares nessa instituição de ensino.

CAPÍTULO 3

CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO CONSIDERADO O *LÓCUS* DESTA PESQUISA - O COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ

Esta pesquisa foi desenvolvida no Colégio Estadual do Paraná, tradicional instituição de ensino do Estado do Paraná. Considerado o maior e mais antigo colégio público do Estado, foi criado em 1846, passando por cinco sedes até a inauguração, em 1950, da atual, localizada no centro da cidade de Curitiba. O CEP ou Estadual, como é carinhosamente chamado, tem sido um dos principais espaços de eventos artísticos, científicos, políticos e culturais na capital do Estado.

Ao longo de sua trajetória o Colégio tem contribuído com a educação paranaense por meio de práticas educativas que serviram, e ainda servem de referência para todo o Paraná. O espaço físico da instituição é privilegiado pela localização central e pelo tamanho da área que disponibiliza para seus estudantes, professores, funcionários e comunidade em geral (COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 2011).

No período do planejamento e da construção da atual sede do Colégio (década de 1940), o aumento crescente do número de estudantes oriundos das classes médias e populares que almejavam a instituição escolar como possibilidade de ascensão para seus filhos (BUFFA e PINTO, 2002; ROMANELLI, 2007) era um dos problemas que a cidade de Curitiba enfrentava em relação à educação escolar.

Neste mesmo período, ou seja, na década de 1940, a cidade de Curitiba conheceu efetivamente várias mudanças urbanas, por meio do seu primeiro plano de desenvolvimento urbano (CORREIA, 2005). Este período marcou a história da cidade, principalmente devido à realização de grandes obras promovidas pelo Governo do Estado, que visavam a atribuir a Curitiba status de cidade grande. Dentre estas obras, destinadas ao atendimento de setores diversos da sociedade destacavam-se a Biblioteca Pública, o Teatro Guaíra, o Hospital de Clínicas, o planejamento do Centro Cívico e, por fim, o Colégio Estadual do Paraná, todos localizados no centro da cidade, onde a densidade populacional aumentava,

aumentando também a visibilidade destas obras diante das pessoas (CORREIA, 2005).

Desta forma, tem início em 1944 a construção daquele que seria o maior colégio da América Latina, o Colégio Estadual do Paraná. Sua construção demorou seis anos, devido a problemas como falta de mão de obra especializada, escassez de materiais construtivos e pela dificuldade financeira do Estado diante de tantas obras em andamento (CASTRO e IMAGUIRE, 2006; CORREIA, 2005), dentre elas a construção de escolas por todo o seu território.

Entretanto, Correia (2005, p. 229) cita que a expansão do ensino, ou melhor, do acesso ao ensino por meio da construção de instituições escolares não supriu a demanda crescente da época:

Na cidade de Curitiba, mesmo com alguns investimentos, ditos de destaque, como o Colégio Estadual do Paraná, no período de Lupion, e o Grupo Escolar Tiradentes, no período de Munhoz da Rocha Netto, estavam longe de suprir as necessidades culturais de um Estado em desenvolvimento e contribuir com a democratização da escola pública. A dita *modernização* não conseguiu atender à demanda mínima necessária da população do Paraná. Grifos da autora.

Diferentemente dos demais projetos escolares construídos na capital e em cidades do interior, o projeto do CEP chamava a atenção pelo seu tamanho e pela diversidade de espaços educativos e culturais que possuía, possivelmente influenciado pelas novas perspectivas educacionais, propostas principalmente pelos defensores da Escola Nova (1920 e 1930), que propugnava uma verdadeira modernização do ensino no país, incluindo aí a ideia de espaços de aprendizagem para além das salas de aula apenas (CORREIA, 2005).

No caso do CEP, pode-se verificar a construção de diversos espaços como o Auditório (que permitia o desenvolvimento e realização de atividades culturais, incluindo apresentações musicais e teatrais), Anfiteatros, laboratórios, consultórios odontológicos, biblioteca, sala de música, além de todos os espaços do complexo esportivo e do ginásio, ampliando inclusive as funções da escola, equiparando-o às melhores instituições de ensino do país, conforme fala do interventor Manoel Ribas em relação ao seu plano de obras públicas, no ano de 1943:

Prossegue a construção de outras obras, todas visando dar melhores acomodações aos estabelecimentos de ensino secundário do Estado,

cabendo destacar, de maneira muito especial, o grande edifício, que dentro em breve abrigará a sede do Colégio Estadual do Paraná, no gênero, o mais antigo e tradicional educandário do Estado. **Trata-se de um edifício de consideráveis proporções, reunindo a beleza e a imponência arquitetônica, ao completo aparelhamento técnico.** Será, assim, dotado de todos os requisitos necessários para **qualificar-se entre os melhores do país...** (STRAUBE, 1993, p. 102). Grifos do pesquisador.

Uma das justificativas para a construção desta imensa obra pode estar na concepção de educação secundária da época, que visava à formação de mão de obra para potencializar o desenvolvimento da nação, sendo o Colégio Estadual do Paraná, devido às suas proporções, considerado um destacado complexo de treinamento (SCHWARTZMAN *et al.* 1984 *apud* CORREIA, 2005, p. 249)

Inaugurada em 1950, no dia 29 de março daquele ano, dia do aniversário da cidade, tal solenidade gerou frenesi na imprensa local, que exaltava em suas manchetes a imponência e a quantidade de espaços diferenciados que o Colégio dispunha.

Na época da construção desta sede, ou seja, no período do Estado Novo, o país passava por um processo acelerado de busca pelo desenvolvimento. Para Almeida e Gutierrez (2011, p. 18) "este período foi marcado pelo desenvolvimento econômico, a partir do qual o Brasil deixou a condição de país agrário-exportador para se transformar em uma sociedade urbano-industrial". Desta forma, o investimento na educação secundária seria imprescindível nesse processo, no sentido de capacitar os jovens que tivessem acesso à escola para o serviço à nação, quanto aos aspectos moral, político e econômico (CORREIA, 2005).

Embora na época da construção do CEP existisse uma pluralidade em relação às ideias difundidas em torno da educação no país, ampliando assim a função da escola por meio dos espaços diversificados destinados ao ensino e aprendizagem (CORREIA, 2005), percebe-se que tais ideias eram relegadas aos espaços ditos educativos, ou seja, às salas de aula, laboratórios, anfiteatros, quadras esportivas, piscina dentre tantos outros, localizados principalmente no interior do edifício.

No Colégio, os espaços destinados às aulas eram amplos, equipados e aconchegantes, contrariamente aos pátios localizados ao ar livre que, embora amplos, não dispunham de equipamentos e mobiliários que favorecessem o conforto ou mesmo atividades.

A seguir serão contrastadas fotos da época da inauguração do CEP com imagens atuais, com objetivo de verificar continuidades e mudanças em relação às formas de organização dos espaços ao ar livre do Colégio.

Por meio da observação das figuras a seguir (15 a 19), comparando-se a organização dos pátios na época da inauguração da nova sede e na atualidade, percebe-se mudanças, principalmente pela presença dos bancos, lixeiras, plantas e árvores dispostos pelos espaços, tornando seu uso e apropriação mais confortáveis.

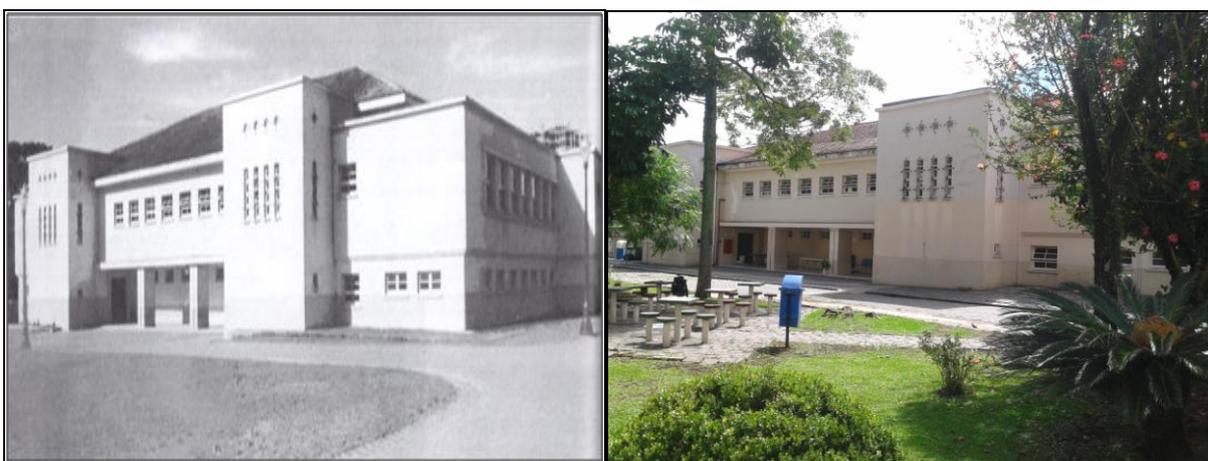


Fig. 15. Vista de parte do Espaço do Complexo do Planetário (1950 - 2013).
Fontes: 1ª foto - Castro e Imaguire (2006) e 2ª foto - Acervo do autor, 2013.



Fig. 16. Vista do pátio coberto da Ala par (1950 - 2013).
Fontes: 1ª foto - Acervo do Centro de Memória do CEP e 2ª foto - Acervo do autor, 2013.

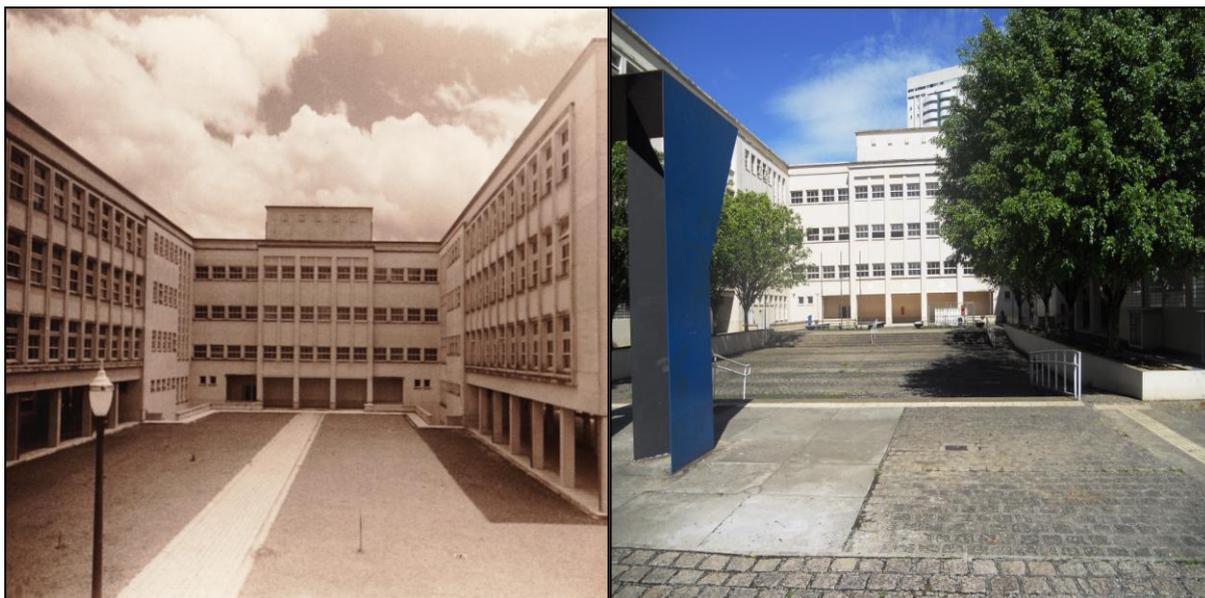


Fig. 17. Vista da Arena (1950 - 2013).

Fontes: 1ª foto - Acervo do Centro de Memória do CEP e 2ª foto - Acervo do autor, 2013.

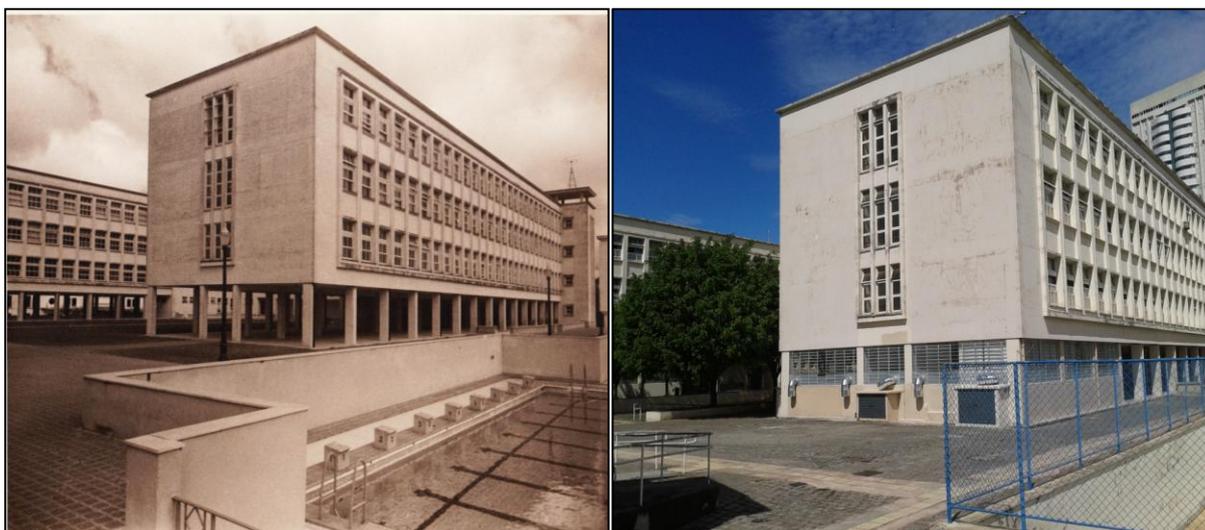


Fig. 18. Vista parcial do Pátio atrás das alas (1950 - 2013).

Fontes: 1ª foto - Acervo do Centro de Memória do CEP e 2ª foto - Acervo do autor, 2013.



Fig. 19. Vista do Pátio coberto da Ala ímpar (1950 - 2013).
Fontes: 1ª foto - Acervo do Centro de Memória do CEP e 2ª foto - Acervo do autor, 2013.

Em relação aos pátios escolares, Faria (2011) afirma que, por vezes, são pensados em contraposição à sala de aula e demais espaços destinados à ação educativa, sendo desconsiderados enquanto espaços de materialização de aprendizagens, tampouco entendidos como espaços que possibilitam usos educacionais (KOWALTOWSKI e DELIBERADOR, 2011).

Para Vassimon (2011) o pátio seria o primeiro espaço de domínio público para as crianças, onde cada uma pode exercitar sua liberdade enquanto ser social, embora com algum tipo de controle por parte da escola. É também "o lugar da socialização, do aprendizado da convivência com a diversidade e da construção da cidadania na sua forma mais plena, do exercício da liberdade com responsabilidade" (p. 185).

Desta forma, poderíamos supor que os pátios, no período que compreende a inauguração da nova sede do CEP, eram espaços utilizados principalmente como passagem de um local a outro do Colégio, de passagem também entre o que estava fora dos muros da escola e o ambiente propriamente educativo, ou seja, o da sala de aula e demais espaços onde eram desenvolvidas aulas e atividades formais.

Diversos autores que estudaram os espaços do CEP citam em seus trabalhos aspectos relacionados aos locais onde tradicionalmente ocorreriam as aulas, a maioria localizados no interior do edifício principal (CORREIA, 2005;

CASTRO e IMAGUIRE, 2006) e também no complexo esportivo (BENCOSTTA e CORREIA, 2011). Estudos recentes já apontam para uma preocupação com todos os espaços escolares, independente da sua localização, atribuindo a eles seu caráter educativo (RECHIA *et al.* 2013), uma vez que a organização dos espaços pode determinar diversas formas das pessoas estabelecerem ou não relações, atividades e o modo como poderão ou não ser realizadas, mediante objetos e conceitos (HARVEY, 2012).

Reflexo desta preocupação, percebe-se atualmente que, além das aulas regulares, são ofertadas diversas atividades relacionadas às artes, esportes e línguas estrangeiras no contraturno, o que gera um aumento do número de estudantes e pessoas que frequentam os mais diversos espaços do Colégio

Nesse sentido, além das pessoas que estudam na instituição, que atualmente atinge o número de 5.237 estudantes matriculados, distribuídos nos turnos da manhã, tarde e noite (Tabela 1), tem-se diversas atividades esportivas e artísticas que atendem a aproximadamente 1500 estudantes nos três turnos.

Tabela 1. Levantamento de turmas e matrículas para o ano de 2013.

	Manhã	Tarde	Noite
Ensino Fundamental	-	410	-
Ensino Médio	1221	710	275
Ensino Médio Integrado	181	154	-
Técnico Subsequente	-	-	888
Celem (Centro de Línguas)	492	434	475
Total	1894	1708	1635

Fonte: Plataforma de turma – relação das turmas. Secretaria do CEP.

Assim, contabiliza-se cerca de 7.500 pessoas frequentando o Colégio diariamente, conforme o gráfico 1 a seguir, adaptado do Projeto Político Pedagógico (COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 2011).

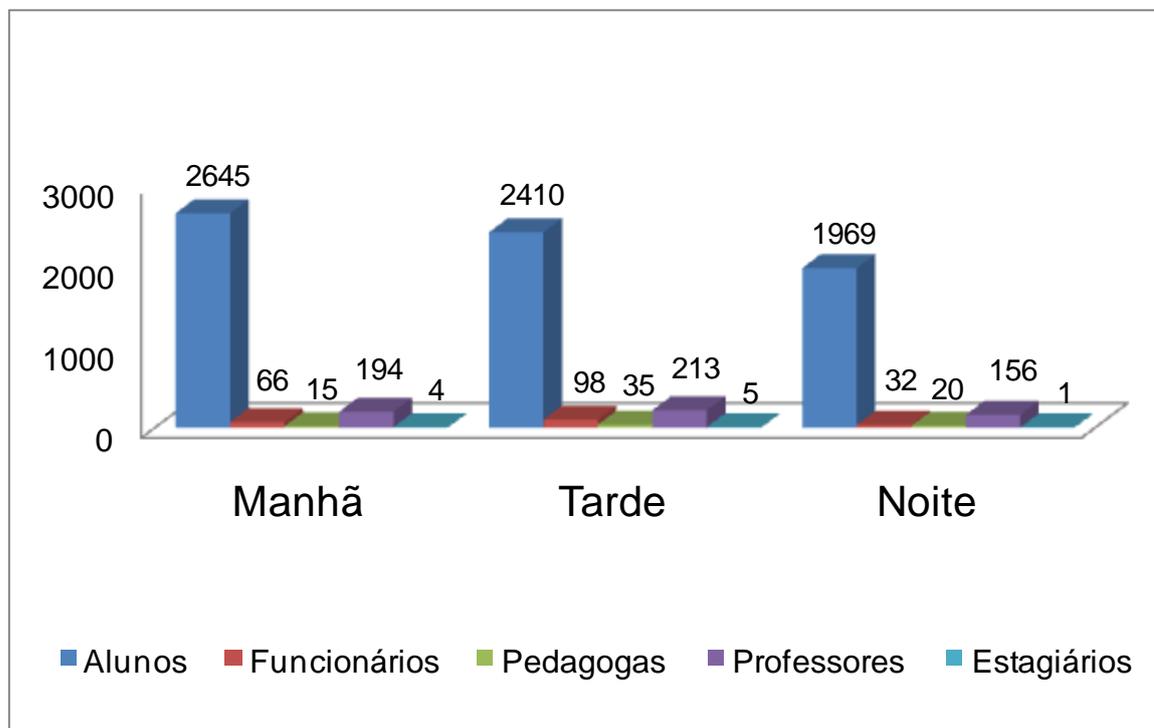


Gráfico 1. Circulação diária de pessoas pelo colégio nos três turnos.

Fonte: Adaptado do Projeto Político Pedagógico (COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 2011).

Para atender a toda esta demanda, o Colégio conta com diversos espaços físicos, como salas de aula (44), laboratórios (Biologia, Física, Química e Matemática), salas específicas para atividades dos cursos de Arte dramática e para o Grupo de teatro, sala para os ensaios da banda sinfônica, sala do Grêmio estudantil, biblioteca, salas das coordenações de disciplina, ginásio de esportes, quadras esportivas, pista de atletismo, campo gramado, piscinas (semi olímpica e de aprendizagem), pátios cobertos e descobertos, áreas verdes como bosque e jardins, além de outros espaços que são utilizados pela comunidade escolar.

A arquitetura e os diversos espaços diferenciados que compõem o Colégio o tornam único na cidade de Curitiba, construído, de acordo com Correia (2005, p. 252-255) “com toda a imponência e grandiosidade”, “valorizado como um símbolo do progresso educacional na cidade” e motivo de orgulho para os habitantes, principalmente aqueles que o frequentaram e ainda o frequentam.

Seu edifício principal é formado por quatro pavimentos, ocupando área de aproximadamente 43.140m², sendo composto por três blocos, os dois laterais erguidos sobre pilares – o que permite o aproveitamento dos vãos livres para fins diversos. Além de sua relevante importância arquitetônica, transformou-se, com o

passar do tempo, em destacado marco sociocultural do Estado do Paraná (COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 2011).

Dentre os diversos espaços do CEP, para este estudo, foram definidos como espaços de observação e análise aqueles localizados na área externa ao edifício principal, mais precisamente onde os estudantes teriam maior liberdade de circular e se apropriar. Embora o Colégio conte com uma estrutura magnífica e inúmeros espaços físicos diversificados que possibilitam variada gama de atividades, no período em que foi realizada a pesquisa, no horário compreendido entre os turnos, ou seja, no inter turno¹⁸ e durante o horário do intervalo¹⁹ das aulas, a possibilidade de utilização ficava restrita, no caso dos espaços ao ar livre, como os pátios e áreas verdes que circundam o edifício principal. Os demais espaços, principalmente aqueles localizados no complexo esportivo (quadras poliesportivas, pista de atletismo, campo gramado e arquibancadas), devido às normas de organização e utilização dos espaços do Colégio, não estavam acessíveis aos estudantes durante esses tempos escolares.

Diante disto, no tópico seguinte serão abordadas questões referentes à administração, planejamento e organização dos espaços ao ar livre do CEP.

A administração do espaço escolar: funções e atribuições

As informações referentes à administração, ao planejamento e à organização dos espaços ao ar livre apresentadas e discutidas neste tópico tem como base os relatos obtidos por meio das entrevistas e também as informações contidas nos documentos orientadores do Colégio (Projeto Político Pedagógico e Regimento Escolar).

O Colégio Estadual do Paraná, devido ao seu tamanho e quantidade de pessoas que ali circulam e realizam atividades diariamente, conta com um setor responsável pelo zelo dos seus espaços, sejam estes localizados no interior do

¹⁸ O inter turno compreende o horário entre o fim de um turno e o início de outro. No CEP são dois os inter turnos, das 12h30 às 13h (término das aulas do turno da manhã e início das aulas à tarde) e das 18h20 às 19h (horário entre o término do turno da tarde e início das aulas no noturno).

¹⁹ Os intervalos no CEP ocorrem nos seguintes horários: Manhã – das 9h40 às 10h; Tarde – das 15h30 às 15h50; e à noite – das 21h30 às 21h40.

edifício principal ou à sua volta. Este setor, o G.A.A. (Grupo Auxiliar Administrativo), é composto por uma chefia, um responsável pelos bens móveis, recepcionista, agentes educacionais 1 e 2, além de ser responsável pelos vigias que fazem a segurança do patrimônio do Colégio. De acordo com o Regimento Interno (COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, p. 38, 2012), o cargo de chefia deste setor é exercido por profissional qualificado, indicado pela Direção Geral, competindo a ele a responsabilidade principal de:

...coordenar e supervisionar as atividades de zeladoria, vigilância, merenda escolar, telefonia, controle e guarda dos carros oficiais, controle do uso do estacionamento interno do estabelecimento de ensino, por parte dos funcionários e professores do CEP, disciplinando o seu uso;

I. prestar e fiscalizar os serviços e meios necessários ao funcionamento do Colégio Estadual do Paraná – Ensino Fundamental, Médio e Profissional;

II. proceder o **levantamento de dados necessários à proposta orçamentária relativo a materiais e serviços**, apresentando relatório mensal junto a Direção Geral;

III. promover a integração funcional interna;

IV. encaminhar, após análise, o relatório mensal da Merenda Escolar/Superintendência de Desenvolvimento Educacional (SUDE) para anuência da Direção Geral;

V. desempenhar outras atividades correlatas a sua função. Grifos do pesquisador.

Este setor, juntamente com a equipe de direção, são os responsáveis diretos pela organização e planejamento dos espaços para o ano letivo, fato evidenciado em muitos relatos dos participantes. Outros setores, dependendo da especificidade da utilização do espaço, por vezes também são convidados a participar das reuniões para definição de normas e estratégias para melhor uso dos locais, dentre eles a coordenação de Educação Física e coordenadores de alguns cursos técnicos, conforme exemplificado pelo relato de uma das diretoras de turno do Colégio, quando se refere às formas de organização e planejamento dos espaços externos.

Acredito que não, ela é feita de uma forma democrática até porque **os outros setores também participam e quem está na gestão atual procura assim ter uma visão de gestão democrática da escola**, de repente até um espaço é pensado é programado pra determinado setor ou pra determinada área do conhecimento, mas de repente se o coordenador de área, o coordenador de curso procura a equipe diretiva, **a equipe diretiva está aberta para discutir esses espaços de uma outra forma que ainda não tenha sido pensado, se é uma forma interessante e isso vem ajudar o desenvolvimento do curso ou do colégio como um todo, isso é repensado**...porque a equipe diretiva ela não é ela não tem formação específica em determinada área, então, quem sabe como ficaria melhor o laboratório de Matemática é a equipe de Matemática, quem sabe como

ficaria melhor o espaço de Educação Física são os professores de Educação Física e assim por diante... (EDir5). Grifos do pesquisador.

Diante do exposto, percebeu-se que as formas de organização e planejamento para a utilização dos espaços externos no Colégio, fora do período de aula formal, visavam atender principalmente aos estudantes. Quando questionados a respeito da organização dos espaços visando o atendimento aos funcionários e professores, a maioria dos participantes afirmou que se pensava mais no estudante e que não eram planejados e organizados espaços e sim atividades, disponibilizadas não apenas para professores e funcionários, mas para toda a comunidade escolar, de preferência realizadas com acompanhamento de algum professor.

As atividades relatadas pela maioria dos entrevistados estavam relacionadas às práticas corporais como ginástica (Laboral e de academia), corridas e caminhadas, além da natação, principalmente pelo fato de oferecerem espaços apropriados para o seu desenvolvimento e profissionais para sua orientação, neste caso, professores de Educação Física. Questionados se o Colégio possuía um planejamento e organização dos seus espaços externos que visasse ao atendimento a professores e funcionários, não em termos de atividades, mas que possibilitasse momentos de liberdade, a maioria dos participantes demonstrou que tal fato não ocorria no interior da instituição.

Os relatos a seguir ilustram a preocupação centrada no estudante, bem como a falta de espaços externos que possibilitem mais liberdade para professores e funcionários quando não estejam trabalhando, embora muitos espaços tenham sido mencionados, principalmente aqueles onde são desenvolvidas atividades direcionadas.

..engraçado a gente pensa sempre no aluno né... é, eu sempre penso mais no estudante, mesmo porque os professores acabam ficando mais na sala dos professores, a **gente tem a sala de musculação, a pista de atletismo porque os professores correm, caminham, mas dizer que a gente pensou em algum espaço para o professor...** Mas assim é... sempre em primeiro lugar a gente pensa no estudante. (EDir1). Grifos do pesquisador.

...na verdade, a escola, por alguma questão tradicional, de pensar sempre no aluno, acaba esquecendo do funcionário, ela pensa tanto no aluno que não pensa nos funcionários, **os funcionários não têm uma área apropriada de descanso ou de lazer... os professores também**, se o professor não se inserir numa modalidade esportiva, onde ele vai fazer

aquela aula, ele não tem um ambiente talvez que ele possa mesmo no nosso ginásio aqui a gente não tem hoje uma sala que a gente imaginou poder montar... **uma sala de lazer, uma sala apropriada, apropriada no sentido de estudo, de desenvolver alguma atividade assim.** (ECoord2). Grifos do pesquisador.

Sabe que eu nunca pensei a respeito disso... o único espaço que eu vejo os funcionários assim usufruindo e é bem comum é o jardim né, ali nos dias de calor, sentados nas árvores ali... e olha faz muita falta viu, **tem muita gente que passa muitas horas aqui sem um ambiente apropriado para, por exemplo, esticar a perna, ficar sentado né, sossegado,** uma sala zem que alguém já cogitou esses dias. (ECoord1). Grifos do pesquisador.

Espaço externo... eu acredito que sim até já... mas algumas alternativas aí de fazer uma caminhada de manhã, **fazer alguma atividade física de manhã com os professores,** após o intervalo... Já houve algumas tentativas, até já participamos, **mas de atividades que são desenvolvidas aqui no nosso espaço externo, natação... é utilizar a pista, para atividade física no final da tarde,** isso poderia ser utilizado pelos professores. (EPed1). Grifos do pesquisador.

Diante do potencial, tanto humano quanto de espaços físicos que o Colégio dispõe, a oferta de tais atividades ainda é tida como pequena, se considerada toda a demanda de pessoas que trabalham e circulam diariamente na instituição. A falta de espaços livres, onde as pessoas possam descansar, relaxar, realizar atividades sem interferência de alguém ou o uso "mais livre", seja em relação ao horário (final de semana) ou à possibilidade de escolha de ser acompanhado ou não por um professor, neste caso, de Educação Física, são citados em diversas falas.

Aspectos como a divulgação e a falta de tempo também foram observados por alguns dos entrevistados, conforme o relato de uma pedagoga e de uma professora a seguir:

...existe, porque eu acho que todo aquele cronograma de esportes que tem, acho que está disponível pra professores e funcionários, mas **parece que antigamente isso era mais, não sei se divulgado ou agora parece que tá mais restrito,** eu lembro que até natação tinha muitos funcionários, professores que faziam e agora não vejo ninguém fazendo. (EFunc1). Grifos do pesquisador.

é que hoje a correria do dia a dia e com muitas atividades as pessoas também não acham um horário pra poder estar participando dessas atividades, mas de repente acho que com incentivo, com uma organização, acaba isso sendo ampliado também, essas possibilidades de participação é... maior e melhor utilização do espaço por parte dos professores e até dos próprios alunos, em contraturno ou fora de horário normal de aula. (EPed1). Grifos do pesquisador.

Entretanto, a fala de um dos professores da Coordenação de Educação Física sugere a procura, principalmente por parte dos funcionários, de atividades para realizar nos momentos em que não estejam trabalhando, com a possibilidade de utilizar espaços de forma mais livre, inclusive solicitando a vivência de práticas corporais diferenciadas das que o Colégio oferece. Segundo ele:

até eu que trabalho na corrida de rua, ali tem momentos que não tem um horário de treinamento, por exemplo, mas para o funcionário que treina comigo utilizar os espaço em outros horários às vezes... que ele tem uma pista de atletismo que ele pode usar de maneira livre e a gente também vê o funcionário usando os espaços no momento de descanso, no momento do intervalo, **isso é perceptível, funcionário nos bancos, nas árvores, os espaços lá de baixo**, em muitos momentos os funcionários que procuravam a gente pra jogar um tênis, brincar, fazer alguma coisa... **(ECoord3). Grifos do pesquisador.**

Diante do exposto até aqui, no próximo tópico serão apresentados os resultados obtidos por meio das observações de campo realizadas nos seguintes espaços: Complexo do Planetário (espaço 1), Pátio da Ala par (espaço 2), Arena (espaço 3), Pátio atrás das alas (espaço 4) e Pátio da Ala ímpar (espaço 5).

Um panorama inicial dos espaços ao ar livre do Colégio Estadual do Paraná

Por meio da aplicação do roteiro e do Protocolo de observação dos espaços ao ar livre do Colégio, foram verificados aspectos relacionados à manutenção, limpeza, iluminação, segurança²⁰, acesso, condições climáticas, profissionais presentes no local e possíveis adaptações que poderiam ser feitas com objetivo de potencializar o espaço para a ocorrência de atividades lúdicas.

²⁰ O termo segurança é entendido neste estudo como o ação ou efeito de tornar algo seguro (HOUAISS e VILLAR, 2004), seja em relação às pessoas sentirem-se seguras no espaço, devido a fatores como a iluminação e a presença de outras pessoas no local, ou pela segurança que o espaço possibilita em relação aos equipamentos presentes nele, que podem gerar riscos ou não à integridade física das pessoas.

Manutenção e limpeza dos espaços

Nos períodos de observação dos espaços, percebeu-se, de um modo geral, que os mesmos encontravam-se na maior parte do tempo limpos e organizados. No entanto, foram observados problemas em relação aos entulhos localizados no espaço do Complexo do Planetário, precisamente na área em frente ao ginásio, que aumentavam dia após dia, local este onde os estudantes utilizavam e se apropriavam principalmente para jogar tênis de mesa (Figura 20).



Fig. 20. Entulhos em frente ao ginásio (espaço das lixeiras e entrada do ginásio).

Fonte: Acervo do autor, 2013.

Além dos entulhos, também foram observados problemas, como as pedras soltas onde ficavam as mesas em frente ao Planetário (Figura 21 a seguir), que poderiam oferecer riscos àqueles que por lá transitavam e/ou permaneciam.



Fig. 21. Pedras soltas em frente ao Planetário.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Outro problema observado foi em relação aos carros estacionados em boa parte do pátio do Complexo do Planetário e do Pátio da ala par ao lado, limitando as possibilidades de movimentação de estudantes, professores e funcionários, principalmente para os estudantes que ficavam boa parte do tempo no espaço coberto da entrada do ginásio, onde estavam montadas duas mesas de tênis de mesa. Além disso, os carros estacionados neste espaço interferiam na possibilidade de utilização do único paraciclo (estrutura na qual a bicicleta é presa) que o Colégio disponibiliza para sua comunidade escolar, conforme a figura 22 a seguir.



Fig. 22. Carros estacionados interferindo no acesso ao paraciclo do Pátio da Ala par.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

O fato desta área estar um pouco mais distante do edifício principal pode ser um dos fatores que influenciavam na sua manutenção deficitária. De todos os espaços observados, o Complexo do Planetário foi o que apresentou mais problemas em relação à manutenção, à limpeza e à frequência de funcionários cuidando do local, principalmente no espaço coberto da entrada do ginásio, onde pode-se observar o acúmulo constante de papel e papelão (materiais que seriam vendidos posteriormente para auxiliar na renda da APMF do Colégio) e também no bosque, que apresentava problemas relacionados principalmente à falta de limpeza periódica das folhas e galhos que lá se acumulavam.

Em se tratando de funcionários percebeu-se, por meio das observações, que poucos permaneciam neste espaço nos tempos/espaços do intervalo e inter turno. Quem ficava neste local tinha funções específicas, dentre elas: monitorar o ginásio, controlando a entrada e saída dos estudantes e demais pessoas, e abrir e fechar a porta da Ala par que dava acesso ao espaço.

Embora tenha sido percebido certo distanciamento entre estudantes e funcionários neste espaço, o contrário também foi observado, ou seja, a aproximação entre eles, conforme relato do diário de campo:

Às 15h48 chega o inspetor M, com um martelo e pregos nas mãos: Ouço as seguintes frases do inspetor e dos estudantes: (I) "vamos arrumar?, é vapt vupt", (E) "deixa a gente jogar tio", (I) "é rapidinho". **Os estudantes não**

reclamam e inclusive ajudam o inspetor a segurar a mesa enquanto ele conserta os cavaletes que não estão firmes. (Diário de campo do intervalo do dia 05 de setembro de 2013, Grifos do pesquisador).

Nesta passagem do diário de campo, fica clara a ideia de Tschoke *et al.* (2011), quando entendem a apropriação sendo influenciada por meio da ação de duas forças, quais sejam: a infraestrutura do espaço, neste caso o fato do espaço ser coberto, dispor de mesas de tênis de mesa para os estudantes jogarem e de um banco para poderem sentar, e a ação propriamente dita das pessoas, primeiro de forma individual (o inspetor que arrumou as mesas) e depois no coletivo (os estudantes que se organizaram para jogar e cuidar ainda mais do espaço e as inspetoras que passaram a limpar e cuidar para que não fossem depositados entulhos no local).

Já em relação à manutenção do Pátio da ala Par, percebeu-se que o mesmo encontrava-se diariamente mais limpo e organizado do que o Complexo do Planetário, provavelmente pela sua localização junto ao edifício principal e possivelmente também pelo fato de ser um espaço de entrada e saída de estudantes, o que gerava grande concentração deles nos períodos observados (intervalo e inter turno), principalmente em dias de chuva.

...o clima está chuvoso e um pouco frio (cerca de 16°), fato que interfere nas possibilidades de apropriação dos diversos espaços externos pelos estudantes. **Vejo muitos estudantes neste espaço, principalmente no pátio coberto.** O pátio aberto é acessado por aqueles que querem ir até o ginásio (Diário de campo do inter turno manhã - tarde do dia 16 de setembro de 2013, Grifos do pesquisador).

Embora fosse limpo com maior frequência, o espaço do Pátio da Ala par apresentou problemas em relação aos bancos, que não atendiam a toda a demanda e também estavam, na sua maioria, deteriorados, conforme observado na figura 23 a seguir.



Fig. 23. Foto de um dos bancos localizado no Pátio da Ala par.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Em seu estudo, Moro (2012), ao pesquisar os parques infantis de Curitiba e percebendo diferenças em relação aos tipos de bancos, suas condições de uso e manutenção, além das suas diversas formas de utilização, cita Gehl (2006, p. 169), que entende que

o mobiliário urbano, neste caso **o banco, pode proporcionar inúmeras atividades de atração ao espaço público**, como comer, ler, jogar cartas, observar o espaço e as pessoas, entre outras tantas. **Estas vivências são determinantes para a qualidade do espaço público** (Grifos do pesquisador).

Desta forma, não basta o espaço contar com os bancos apenas, é importante que estes mobiliários estejam conservados para que as pessoas possam utilizá-los da melhor forma possível, sem se expor a riscos devido ao seu estado de conservação.

Já em relação ao espaço da Arena, percebeu-se maior cuidado quanto à sua manutenção e limpeza. Dentre os espaços observados e analisados nesta pesquisa, foi o que apresentou o maior cuidado em relação à essas categorias, diferentemente do observado nos demais locais. Lá também foi observado um maior número de funcionários que circulavam ou permaneciam no espaço durante os períodos de observação (intervalo e inter turno).

Na maioria das observações o espaço da Arena estava limpo, sendo verificadas apenas algumas folhas caídas pelo chão (o local possui algumas árvores para propiciar sombra aos estudantes e diminuir os ruídos vindos do pátio que possam atrapalhar o andamento das aulas em sala). O espaço contava com manutenção periódica, principalmente após os intervalos, estando sempre organizado e apresentando poucos sinais de depredação (foi verificada apenas uma lixeira quebrada e um bueiro sem tampa neste local).

No que refere ao Pátio atrás das alas, percebeu-se que todas as lixeiras apresentavam problemas (Figura 24), seja por estarem danificadas ou até mesmo pela ausência delas, diferentemente do que foi observado nos demais espaços. Entretanto, mesmo assim, percebeu-se também que o espaço apresentava pouco lixo espalhado no chão, já que a sua limpeza era periódica.



Fig. 24. Lixeiras danificadas no Pátio atrás das alas.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Por fim, no último espaço observado (Pátio da ala par) percebeu-se, durante as observações, que o mesmo apresentava-se constantemente limpo, possivelmente devido ao fato de, assim como a Arena e o Pátio da Ala par, ser um espaço de grande circulação e aglomeração de pessoas, principalmente estudantes. Lá estava localizada a cantina comercial do Colégio e o portão de entrada e saída dos estudantes dos três turnos.

Para finalizar o relato das observações e da aplicação dos protocolos referentes aos aspectos relacionados à manutenção e limpeza dos espaços ao ar livre, cita-se uma das passagens do diário de campo, referente às observações realizadas no Complexo do Planetário:

Ao final de uma semana de observações percebo, em relação ao espaço do Complexo do Planetário que quase nada mudou, os estudantes e inspetores são praticamente os mesmos, fazendo praticamente as mesmas coisas, **o mesmo sendo observado em relação aos espaços, entretanto, o espaço onde ficam as mesas de tênis de mesa mudou um pouco, o acúmulo de lixo aumentou com o passar dos dias.** (Diário de campo do intervalo do dia 06 de setembro de 2013 - Grifos do pesquisador).

A seguir serão apresentados os resultados obtidos por meio da aplicação dos protocolos, referentes às categorias iluminação, segurança e acesso aos espaços pesquisados.

Iluminação, segurança e acesso dos espaços

Em relação à segurança, iluminação e acesso, percebeu-se certa diferença entre os espaços observados. Os espaços mais distantes do edifício principal apresentaram mais problemas em relação a estas categorias.

Começando pelo espaço do Complexo do Planetário, a pouca frequência com que os inspetores circulavam por ele e os problemas observados em relação à sua iluminação, que mostrou-se insuficiente, o tornavam um local que propiciava uma sensação de segurança menor do que os demais espaços.

A iluminação deficitária em todo o local, principalmente no final da tarde e à noite é retratada por meio da figura 25 a seguir.



Fig. 25. Vista geral do Espaço 1 - inter turno entre a tarde e a noite (18h20 às 19).
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Em estudo realizado no Colégio, Rechia *et al.* (2013) verificaram que problemas relacionados a fatores como infraestrutura, iluminação, falta de material e inclusive segurança influenciavam de forma negativa quanto à possibilidade de conhecimento, utilização e apropriação de espaços pelas pessoas. Esta afirmação foi constatada por meio das observações realizadas no Complexo do Planetário, onde foi verificada a presença de poucas pessoas utilizando e se apropriando do local, principalmente no período do inter turno entre o final do turno da tarde e início do turno da noite.

A iluminação precária, na verdade, parecia fazer parte da paisagem noturna de todo o espaço do Complexo do Planetário, conforme a figura 26 a seguir, que retrata a iluminação do bosque (1) e das mesas em frente ao Planetário (2) no período do inter turno entre a tarde e a noite, o seja, entre 18h20 e 19h.



Fig. 26. Vista do bosque (1) e das mesas em frente ao Planetário (2) - inter turno tarde e noite.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Já em relação à iluminação do Espaço do Pátio da ala par, apenas uma parte, localizada na área coberta apresentava problemas (Figura 27), inclusive podendo interferir nas formas de uso e apropriação do espaço, conforme registro do diário de campo em relação a um estudante que tentava ler no local: "*...o banco escolhido por ele está em um local pouco iluminado, fato que interfere na sua leitura, que não dura muito tempo, pois logo guarda a revista*" (Diário de campo do inter turno tarde - noite do dia 20 de setembro de 2013).



Fig. 27. Falta de iluminação em uma parte do Pátio da Ala par.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Embora tenha sido observado este problema, como a iluminação do espaço do Pátio da ala par era satisfatória e a circulação de inspetores por lá era maior, o local também propiciava uma sensação de segurança para as pessoas. Conforme percebeu-se, por meio das observações, os estudantes do período noturno utilizavam mais este espaço do que o Complexo do Planetário, localizado ao lado. Outra explicação para tal fato pode estar relacionada com a mudança feita pela direção de turno no mês de outubro de 2013. A partir deste período o pátio passou a ser utilizado como entrada para os estudantes do turno da noite no Colégio, que antes era feita pela outra ala, aumentando assim o número de pessoas circulando pelo local.

A presença das pessoas poderia causar, de certa forma, uma sensação de segurança em relação a um determinado espaço, o que possibilitaria formas de uso e apropriação. Jacobs (2011, p. 35) entende esse fenômeno fazendo analogia ao que ela conceitua como olhos para a rua, ou seja, a presença e a vigilância das pessoas poderia garantir segurança a um espaço, principalmente por meio de uma maior movimentação de pessoas neste local. No caso do CEP, os espaços mais acessados, utilizados e apropriados, principalmente pelos estudantes, logo, mais movimentados, eram também aqueles que possivelmente possibilitariam mais segurança às pessoas, não apenas pela quantidade delas no local, mas também pela presença constante de inspetores, formando assim os olhos da/na escola. Esta ideia encontra apoio na fala de uma das diretoras de turno:

tem alguns lugares aqui que não que ninguém passa assim, **poucas pessoas passam, eu acho até ruim porque daí lá nem eu vou**. Esses lugares que ninguém vai nem eu vou mas eu sei que não é que ninguém vai, algumas pessoas vão, tanto que lá às vezes quem eu vejo lá... **quem vai nesses lugares que ninguém vai são pessoas que não estão fazendo nada de positivo, nada que contribua para a sociedade** digamos assim. (EDir3 - Grifos do pesquisador).

Para Gonçalves e Flores (2011) em muitas cidades, nos locais sem praças e nas áreas de praças sem manutenção ou segurança, verifica-se, por vezes, a sua apropriação para usos que não incorporam as atividades humanas saudáveis. Desta forma, os autores apontam que as escolas públicas muitas vezes passariam a ser o instrumento de qualificação e transformação da atitude dos estudantes, por meio da diversidade de experiências possíveis de ocorrer nos seus espaços, como o convívio

social, a possibilidade de vivenciar práticas corporais, dentre outras. A falta de manutenção e segurança adequadas nos espaços poderia resultar na sua utilização para atividades condenadas socialmente, conforme a fala anterior da diretora.

Em um estudo realizado em escolas do Rio de Janeiro, Vassimon (2011) cita que embora o uso dos espaços externos seja de extrema importância para as pessoas, principalmente os estudantes, o que se tem observado em muitas escolas é a diminuição e limitação do uso destes espaços pelos gestores. Tais ocorrências estariam relacionadas com a insegurança vivida em muitas cidades atualmente e também com a falta de funcionários para dar suporte e apoio às atividades realizadas nestes espaços.

Desta forma, tornar-se-ia urgente a elaboração de alternativas que facilitassem o controle e propiciassem mais segurança aos gestores escolares, sem, no entanto, restringir a liberdade para o uso e apropriação das áreas livres, que possibilitariam a convivência e a potencialização das relações humanas no ambiente escolar (VASSIMON, 2011).

Os espaços que careciam da presença de inspetores, de certa forma, não eram tão utilizados como os demais. Tal fato gerava problemas administrativos, principalmente em relação ao acesso e uso desses e outros espaços no Colégio, devido à falta de olhos vigilantes dos inspetores, que pudessem dar conta de todos os locais ao mesmo tempo. Conforme relato de uma das professoras que trabalha no G.A.A.:

...é bem difícil gerenciar essa utilização desses espaços, a gente não tem uma pessoa em cada canto... aqui no ginásio também tem bastante problema, de circulação de pessoas, de fazer o que não se deve e é triste... **a gente tem que ter uma pessoa cuidando assim do espaço, em função de como se fosse um policiamento** (EFun1 - Grifos do pesquisador).

Encontramos apoio em Trilla (2006), de modo a entender esta preocupação da professora em relação à ausência de inspetores em todos os espaços do Colégio. Para o autor, muitas escolas dividem seus espaços de acordo com o número de estudantes que cada um possa conter. Desta forma, cada estudante teria seu espaço estabelecido. Em cada horário saber-se-ia, por exemplo, onde estaria a grande maioria das pessoas presentes no ambiente escolar, impedindo ou atenuando, desta forma, problemas relacionados à desordem, movimentos e

circulação descontrolados no interior da instituição escolar, conforme exemplificado na fala de uma das diretoras de turno do Colégio:

Eu acho que principalmente para os funcionários... talvez eles tenham até mais receio do que eu, porque daí eles ficam em função daquilo, não pode não pode, **é mais fácil falar para os estudantes ficarem todos ali num cubículo sem se mexer do que dar a liberdade pra eles e simplesmente ficar na inspetoria**, fazendo a vigia mesmo, não sei se vigia é a palavra, mas observando, cuidando. (EDir3 - Grifos do pesquisador).

Se para a professora que atua no G.A.A. o problema estava relacionado com a presença, ou melhor, com a falta de inspetores em determinados espaços, para uma das professoras que compunha a Coordenação de Educação Física, seria interessante que alguns espaços, principalmente aqueles considerados de uso comum, como os pátios, estivessem esvaziados em determinados momentos. Para ela:

alguns espaços eu acho que em alguns momentos é importante eles estarem (de uso comum), porque **eles ajudam na questão da disciplina e da segurança dos alunos**, em certos momentos, numa Ala, numa Arena, numa Ala par, **do ponto administrativo, é positivo ele estar sem aluno** talvez (ECoord2 - Grifos do pesquisador).

O relato anteriormente citado ilustra a divisão rígida dos tempos escolares, ou seja, em horários como o intervalo e inter turno, a presença de estudantes nos pátios seria aceitável. Entretanto, nos demais tempos, ou seja, os das aulas especificamente, tal apropriação não seria bem vista. Para uma das professoras que compõe a equipe diretiva haveria muita limitação do uso e apropriação de diversos espaços do Colégio, principalmente daqueles localizados na área externa ao edifício principal. Segundo ela:

Percebo que há uma limitação muito grande. E é muito comum você estar aqui às vezes numa reunião e a secretária abrir a porta porque tem gente reclamando que tem aluno fazendo barulho no pátio... Por exemplo, a implicância em relação aos alunos aqui no jardim. Se ficam circulando pela grama e pisando na grama, eu não sou totalmente contra. Mas o aluno está ali, naquele cantinho ali que foi pensado pra eles, está sentado ali debaixo da árvore, **tem gente que me liga aqui: professora, tem gente lá... Querendo que a direção geral vá lá pra tirar esses alunos daquele espaço**. Mas quem liga muito incomodado não sabe o quê que esse aluno está fazendo ali. (EDir2 - Grifos do pesquisador).

Dentre os espaços escolares, os pátios e espaços livres muitas vezes não são entendidos como espaços que possibilitam usos educacionais (KOWALTOWSKI e DELIBERADOR, 2011). Ao contrário, são entendidos, em muitos casos, por gestores, professores e funcionários, como locais onde os estudantes podem ser deixados "soltos" durante o horário do intervalo. Caso o estudante seja flagrado no pátio em horário escolar que não seja o do intervalo, certamente não será bem visto, pois não estará produzindo algo considerado positivo, algo considerado educativo para ele e principalmente para a escola.

Retomando a questão da segurança, principalmente no sentido da circulação de pessoas pelo espaço, Rechia e Betrán (2010) afirmam, de forma contrária ao relatado pela professora de Educação Física, que quanto mais pessoas se apropriarem dos espaços públicos, neste caso específico, dos espaços ao ar livre do Colégio, mais estes espaços teriam possibilidades de oferecer segurança para as pessoas.

Desta forma, o espaço da Arena pode ser considerado um local que possibilita sensação de segurança, principalmente devido a aspectos relacionados à quantidade de estudantes que circulam e se apropriam dela, pela frequência com que os inspetores circulam e permanecem no espaço, e também pelos extintores presentes ali.

Entretanto, a fala de uma das professoras que atua no G.A.A. evidenciou problemas em relação à depredação de extintores, fato que poderia influenciar na segurança das pessoas que frequentavam o Colégio. Segundo a professora "*os extintores, que é uma coisa assim pra **nossa segurança**, já tenho dezenove extintores vazios, depredados, quebrados*" (EFun1 - grifo do pesquisador).

Em estudo realizado com estudantes e professores de escolas públicas e particulares da cidade de Curitiba, Sallas *et al.* (2008) apontaram, por meio das respostas dos participantes, a depredação com um dos atos de violência praticados com maior frequência no ambiente escolar. Os autores entendem que fatores como o controle do acesso aos diversos espaços da escola, por exemplo, seriam primordiais para a ocorrência de tais atos.

Outro espaço considerado pouco seguro foi o Pátio atrás das alas, seja pela sua iluminação, que não era tão eficaz e satisfatória e também em relação à menor circulação de estudantes e inspetores.

Gonçalves e Flores (2011) citam um estudo realizado em uma escola pública e no seu entorno, na cidade de São Paulo, onde verificaram que as formas de apropriação dos espaços facilitou não apenas a regularidade do seu uso, mas também a segurança e a manutenção, tanto do espaço quanto dos equipamentos. Desta forma, as diversas possibilidades de apropriação dos espaços externos poderiam influenciar positivamente aspectos relacionados à segurança e manutenção dos locais.

Retomando as análises referentes à categoria iluminação, o espaço da Arena apresentava iluminação satisfatória e, assim como o espaço do Pátio da Ala ímpar, não foram verificados problemas relacionados a esta categoria. Nestes espaços não foram verificadas lâmpadas queimadas, nem tampouco a sua ausência.

Em relação à presença de funcionários, percebeu-se que nos espaços localizados próximos ao edifício principal (Pátio da Ala par, Arena e Pátio da Ala ímpar) o número de inspetores e a frequência com que circulavam e permaneciam por eles eram maiores. Esta constatação pode estar relacionada com o fato destes espaços servirem de entrada para o prédio principal, e também por estarem localizados neles bebedouros (Pátios cobertos das alas), banheiros e armários utilizados pelos estudantes (Pátio coberto da Ala par).

Quanto às formas de acesso, todos os espaços pesquisados podiam ser acessados pelos estudantes durante os horários do intervalo e do inter turno, sem a necessidade da presença de um professor ou funcionário.

Os espaços mais acessados eram os Pátios das Alas par e ímpar e a Arena, possivelmente pelos atrativos que possuíam para os estudantes (banheiros, bebedouros, bancos, armários, cantina comercial e proteção do sol e da chuva). Devido à grande quantidade e rotatividade de pessoas nos tempos/espaços pesquisados (principalmente estudantes), durante as observações de campo não foram realizadas contagens numéricas daqueles que utilizavam e apropriavam-se dos locais pesquisados. Entretanto, este fato não desconsidera a importância de outros estudos que evidenciem a relação entre o número de pessoas que frequentam um determinado espaço (como o escolar, por exemplo) e a quantidade delas que se apropriam de espaços ao ar livre.

Para Kowaltowski e Deliberador (2011) os espaços externos de muitas de nossas escolas acabam desempenhando outras funções, dentre elas: extensões dos refeitórios (todos os espaços), devido às pequenas e insuficientes áreas destinadas a tal fim; papel da entrada das pessoas (Pátios cobertos das Alas); além de serem os espaços que possibilitavam abrigo em dias de chuva (Pátios cobertos das Alas). Tais funções acabam diminuindo as possibilidades de uso e apropriação de espaços como os pátios escolares, principalmente em escolas com grande quantidade de estudantes, fato que influenciaria na qualidade educacional da instituição escolar. Para as autoras:

A alta densidade ocupacional afeta a qualidade da educação, pela redução das possibilidades de atividades diversificadas que se desenvolvem em ambientes escolares. **A falta de espaço reduz as experiências variadas e a possibilidade de agrupamentos desejáveis para atividades educacionais específicas** (KOWALTOWSKI, 2011, p. 113). Grifos do pesquisador.

Dentre os espaços pesquisados, o Complexo do Planetário pode ser acessado pelo Pátio da ala par e também pelo ginásio do Colégio. Conta com piso de paralelepípedo em uma parte da extensão (com piso podó tátil e rampas), gramado e também pedra brita (parte do bosque).

Embora tenha atrativos como as mesas em frente ao Planetário e o bosque, a quantidade de estudantes que utilizavam e se apropriavam deste espaço era menor se comparada aos demais espaços pesquisados.

Esta constatação encontra apoio no estudo de Rechia *et al.* (2013), onde foi verificada uma aparente divisão dos espaços externos do Colégio no período da tarde. Por meio de observações de campo e relatos de estudantes foi verificado que havia o local de concentração dos estudantes do Ensino Fundamental (principalmente nos espaços do Complexo do Planetário e do Pátio da Ala par) e o local de maior concentração dos estudantes do Ensino Médio (demais espaços). Além deste fato, outros fatores, como a distância em relação ao edifício principal e à cantina, o pouco tempo destinado ao intervalo e a ausência de bebedouros e banheiros no local também podem auxiliar na explicação em relação à menor quantidade de estudantes utilizando e se apropriando deste espaço nos intervalos e inter turnos.

Conforme o Protocolo de observação dos espaços, dentre as possíveis adaptações que poderiam ser feitas com objetivo de potencializar o espaço do Complexo do Planetário para a ocorrência de atividades lúdicas, cita-se a manutenção da calçada de pedras e a definição de uma frequência regular de manutenção e limpeza do bosque.

Além disso, outra possibilidade estaria relacionada com a emergência de uma discussão envolvendo membros da comunidade escolar em relação aos carros estacionados no pátio, fato que interfere na circulação das pessoas, podendo resultar inclusive em acidente. A oferta de atividades livres para serem desenvolvidas no espaço, como apresentações artísticas e práticas corporais condizentes com as características do local também poderiam influenciar na possibilidade de potencialização da ludicidade.

Já o Pátio da Ala par, além de possibilitar o acesso ao edifício principal, também favorece o acesso ao Complexo do Planetário e ao ginásio, à Arena e ao Pátio atrás das alas. Seu piso é composto por pedra assentada na parte coberta, apresentando alguns buracos e imperfeições, e paralelepípedos na área descoberta, incluindo aí piso podotátil e rampas. Nesse espaço encontra-se um fosso (Figura 28) onde, durante o período de observação de campo, não foi verificada nenhuma forma de uso ou apropriação.



Fig. 28. Fosso localizado no Pátio da Ala par.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

O acesso ao espaço da Arena pode ser feito pelos Pátios das alas par e ímpar e também pelo Pátio atrás das alas, contando com piso de paralelepípedo em quase toda a sua extensão, além de piso podotátil e rampas, o que facilitava o acesso de pessoas com deficiência visual e motora. Entretanto, não possui sinalização em caso de emergência e nem comunicação visual, o que dificulta a localização de outros espaços do Colégio, principalmente para visitantes e estudantes, professores e funcionários novos.

De acordo com o Protocolo de observação dos espaços, dentre as alternativas para potencialização da Arena visando à ocorrência de atividades lúdicas, cita-se o aumento do número de bancos (muitos estudantes sentavam no chão ou ficavam o tempo todo de pé), um planejamento para o espaço coberto, que poderia se transformar em um espaço mais confortável de convívio e inclusive de apresentações e exposições de diversas manifestações artísticas (música, dança, pintura, escultura, teatro etc.).

Já o Pátio localizado atrás das alas pode ser acessado pela Arena, pelos pátios descobertos das duas alas e pelo complexo esportivo. Assim como os demais pátios descobertos, seu piso é de paralelepípedo em praticamente toda a sua extensão, apresentando alguns desníveis que podem dificultar a locomoção por ele. Conta com piso podotátil e rampas, além de possuir um elevador para acesso de deficientes ao complexo esportivo.

Em relação às possíveis adaptações que poderiam ser feitas com objetivo de potencializar este espaço para a ocorrência de atividades lúdicas, cita-se a melhora na iluminação, a oferta de atividades como apresentações artísticas e práticas corporais condizentes com as características do espaço e a possibilidade de melhor utilização da parte coberta, usada apenas como passagem para os espaços do complexo esportivo.

Por fim, o Pátio da Ala ímpar, assim como o Pátio da ala par, possui piso composto por pedra assentada na parte coberta e paralelepípedos na área descoberta, incluindo piso podotátil e rampas. Além disso, também possui duas escadarias por onde os estudantes entram no Colégio.

Como possíveis adaptações, tanto do espaço do Pátio da ala par quanto do Pátio da ala ímpar, que poderiam ser realizadas com objetivo de potencializar a ocorrência de atividades lúdicas, cita-se a colocação de bancos novos e em maior quantidade para atender à demanda de pessoas, projetos para utilização e

otimização dos fossos (por exemplo, mostras de trabalhos artísticos realizados pelos estudantes da Escolinha de Artes) e exposições e apresentações livres nos espaços cobertos.

Nesse sentido, "a boa conservação dos espaços e a existência de equipamentos adequados à faixa etária do aluno são de fundamental importância para a boa qualidade do pátio escolar" (VASSIMON, 2011, p. 190). Como exemplos, a autora cita espaços e equipamentos como quadras cobertas, palco junto às quadras, pistas de corrida e saltos, mesas de jogos diversos (pingue-pongue, xadrez etc.), equipamentos de ginástica (paralelas, barras, prancha abdominal etc.), horta dentre tantos outros, levando-se em consideração as características dos espaços, as vontades das pessoas (estudantes, professores e funcionários) e as possibilidades da escola, principalmente em termos de recursos financeiros.

Concluído este panorama inicial em relação aos espaços ao ar livre do CEP, será apresentada uma análise geral dos espaços pesquisados.

Uma análise dos espaços ao ar livre do Colégio Estadual do Paraná

Para auxiliar nas análises deste primeiro capítulo, recorreremos a uma dentre as maravilhosas e esclarecedoras charges de Quino (Figura 29), que com sua contestadora e sempre alerta Mafalda, pode nos ajudar a elucidar um pouco mais a respeito dos espaços ao ar livre observados e analisados neste estudo.

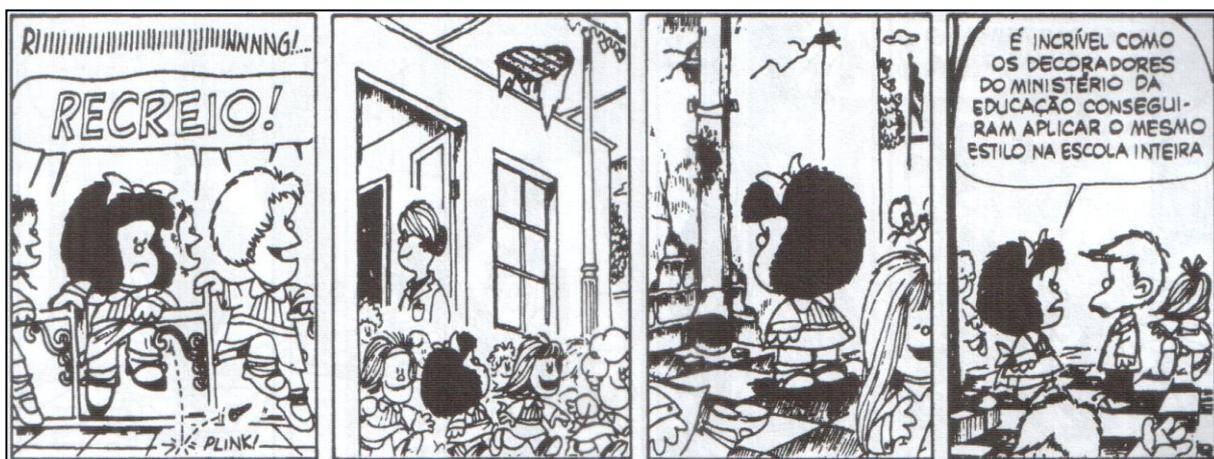


Fig. 29. Charge de Mafalda e o espaço físico escolar.

Fonte: Quino, 2010.

Foram analisados cinco espaços ao ar livre do Colégio Estadual do Paraná, entendendo que aspectos como manutenção e limpeza são alguns dos requisitos básicos para o bom funcionamento e melhor aproveitamento de qualquer espaço, ainda mais em se tratando de um espaço escolar. Um espaço limpo, bem organizado e em boas condições de uso pode contribuir para uma boa educação, uma educação de qualidade.

Em todos os espaços pode-se verificar manutenção constante, nada obstante, aqueles que tinham sua localização mais distante do edifício principal não eram agraciados da mesma forma. Neles as lixeiras estavam danificadas ou eram em menor número, os funcionários circulavam com menor frequência, via-se mais sujeira e folhas espalhadas pelo chão, o que não impedia que também fossem utilizados e apropriados pelos estudantes e demais membros da comunidade escolar.

Aspectos como a falta (no sentido de inexistência) e a demora na manutenção dos espaços refletem na sua qualidade, principalmente estética, e também nas possibilidades de apropriação destes espaços (SANTOS, 2010). Esta menção ao elemento estético do espaço pode ser verificada em uma das falas de uma das pedagogas participantes da pesquisa:

Eu acho que a manutenção dos espaços obviamente há de se pensar que nós estamos em um espaço público, mas é claro que a gente sempre analisa... **que existe em nós essa coisa do olhar da estética e de se imaginar, a gente está sempre pensando naquilo que seria ideal**, então quando a gente olha um espaço como o do Colégio Estadual do Paraná, com seus jardins... com seus espaços de natureza e mesmo com a sua fachada arquitetônica **eu entendo que em termos de manutenção e de organização desse espaço poderia ter um apelo estético e visual mais bonito**. (EPed2 - Grifos do pesquisador).

Desta forma, fatores como organização, limpeza e manutenção poderiam influenciar na possibilidade de uso e apropriação de um determinado espaço. No caso do Colégio, as falas de dez dos treze participantes demonstraram e ilustraram problemas relacionados a estas categorias, conforme alguns relatos de professores e estudantes a seguir: **"Eu acho que a manutenção do colégio como um todo ela precisa... ser melhorada ainda, o colégio está num estado... precisando de uma reforma, de uma revitalização..."** (EPed1). **"...a manutenção é muito precária né, temos aí problemas de... com relação ao uso, o fato de nem sempre estar limpo"**

(ECoord1). "**Então, é meio falha a manutenção desses espaços, mas dentro do possível, visto a dimensão do colégio, de todos os problemas, de todos os setores, é uma manutenção razoável**" (EEst2). Grifos do pesquisador.

Ainda em relação à manutenção dos espaços ao ar livre, o relato de uma professora de Educação Física aponta aspectos como a falta de planejamento e organização permanente em relação à estes espaços, sendo tomadas providência apenas em casos considerados mais emergenciais.

Em relação à manutenção não existe, não existe, dá pra dizer que **não existe um, nem também uma sistematização, nem uma organização de frequência de manutenção...** na verdade o espaço ele vai sendo levado e tocado com, da forma que dá e **quando tem algum problema mais urgente, seja em limpeza ou manutenção é feito aquilo e pronto** (ECoord2 - Grifos do pesquisador).

Problemas relacionados à manutenção e limpeza dos espaços pesquisados foram verificados durante o período de observação de campo, principalmente em relação aos espaços mais afastados do edifício principal. A fala de uma das estudantes, membro do Grêmio estudantil, ilustrou esta afirmativa:

Depende do espaço, tem espaço que não é cuidado, tem espaços que são meio deixados de lado, tem espaço que é mais... que é visto sim, só que como a gente estuda num colégio histórico, patrimônio histórico no caso, eu acho que os processos são muito lentos para o tanto de pessoas que circulam nele. Não são dadas atenção à eles, **porque parece talvez que eles não façam diferença, mas eles fazem muita, um exemplo é o bosque que a gente tem né, que faz muita diferença nas aulas curriculares, no próprio lazer dos alunos** (EEst1 - Grifos do pesquisador).

Em estudo realizado pelo GEPEC em 2011 no CEP, tanto na visão do grupo que realizou a pesquisa, como na dos estudantes que participaram foram verificados e relatados problemas de manutenção e limpeza, principalmente nas áreas externas (RECHIA *et al.*, 2013).

Para Faria (2011), historicamente os pátios escolares passam por uma dupla supressão, uma delas relacionada à diminuição de seus tempos/espaços, da sua qualidade e da sua importância no contexto escolar, principalmente quando o estudante avança no sistema escolar, e a outra à sua progressiva diminuição, dando lugar à construções destinadas a atender outras demandas, como o aumento do número de salas de aula, por exemplo. Ainda para a autora, os pátios escolares

muitas vezes carecem de atributos e qualidade, fatos verificados em relação aos pátios do CEP.

Balmant (2012) cita que a falta de infraestrutura básica é um problema que afeta grande parte das escolas públicas em nosso país, ou seja, seria um problema não apenas de gestão, mas também de falta ou incapacidade da sua resolução satisfatória por meio de políticas públicas.

Como tentativa de auxiliar diante desta problemática, Scheneider (2010) criou o ICME (Índice de Condições Materiais e Estruturais) com o objetivo de ser um instrumento que possibilitaria a avaliação de políticas voltadas às escolas, visando garantir a qualidade educacional das instituições. Para a autora:

As condições materiais e estruturais são entendidas nesse trabalho como questões referentes à estrutura física, equipamentos e materiais pedagógicos da escola. **A garantia da qualidade educacional e, portanto, da efetivação do direito à educação é resultado de um conjunto de fatores entendidos como condições de qualidade, sendo uma destas as materiais e estruturais.** Nesse sentido, avaliar essas questões é necessário para se garantir padrões mínimos de condições de qualidade nas escolas com vistas a garantir o direito à educação (SCHENEIDER, 2010, p. 7). Grifos do pesquisador.

No Projeto Político do Colégio (COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 2011), na parte que trata das metas a serem atingidas pelo Colégio e sua comunidade escolar, há um item que trata exclusivamente da manutenção constante dos espaços, dentre os quais são citados as quadras, o ginásio, as piscinas, o vestiário, a pista de atletismo, o Auditório, o Salão Nobre e demais espaços do Colégio, incluindo aí os pátios e demais espaços pesquisados neste estudo.

Este fato demonstra preocupação pela questão da manutenção e limpeza dos espaços utilizados por aqueles que frequentam o Colégio, embora essa questão ainda não tivesse sido plena e satisfatoriamente resolvida. Dentre as justificativas para tal fato, a falta de funcionários para atender as demandas do Colégio apareceu, de forma recorrente, em vários relatos dos participantes: *"...pelo que eu sei é questão de número de funcionários né, à noite nós estamos assim no limite de funcionários"* (ECoord1). *"É, a falta de funcionários eu acho que é um problema"* (EDir3).

Já o relato de uma das professoras responsáveis pelo G.A.A. apontou certo desequilíbrio entre o número de funcionários para atender as áreas externas (mais

de 20.000 m²) e para o atendimento do edifício principal, fato que poderia explicar os problemas de manutenção observados nos espaços externos:

...na verdade assim, o número de funcionários a gente sempre acha que não é o suficiente, que são 44 mil metros quadrados a área da escola, então, realmente a gente tem em torno de sessenta, setenta funcionários, a maioria deles trabalha na parte interna do colégio, em função das salas de aula. Então, acredito que **no máximo um terço deles está disponível pros espaços externos, pra manutenção e tal** (EFunc1).

Na visão de uma das estudantes, o tamanho do Colégio justificaria os problemas relacionados à manutenção, limpeza, iluminação e organização dos espaços ao ar livre. Para ela:

...a gente acaba vendo que **eles não conseguem atender toda a demanda, devido a ser um colégio grande**. É difícil. Toda a organização, os funcionários. Até o número de funcionários sendo grande, aqui é um número de funcionários grande, acaba não atendendo toda a demanda (EEst2). Grifos do pesquisador.

Já para uma das diretoras de turno, a quantidade de funcionários para atender toda a demanda e as questões burocráticas relacionadas à contratação de funcionários, de responsabilidade da Secretaria Estadual de Educação (SEED) seriam pontos que justificariam tais problemas:

Olha, na realidade **hoje o que prejudica muito o nosso trabalho é a falta de pessoal**, então esse fator humano aí é que deixa o nosso trabalho não adequado... a falta de pessoal realmente deixa a desejar... **então demanda de outras pessoas e essa burocracia é que atrapalha o nosso funcionamento**, mas tentamos e eu acho que até então a gente têm conseguido organizar da melhor maneira possível (EDir4). Grifos do pesquisador.

Na opinião de uma das professoras responsáveis pelo G.A.A. o problema estaria relacionado com as faltas de funcionários ao trabalho, fato que resultaria em uma reconfiguração de funções no Colégio, dificultada pela especificidade de algumas funções em determinados espaços:

...e os próprios funcionários, quando eles não vêm a gente tem a dificuldade também de colocar alguém ali que tenha as características pra ficar naquele lugar, que vá suprir as necessidades, então, são pessoas

que muitas vezes, por virem de fora eles têm que aprender e muitos não têm até inclusive as características para essa função, mas eles estão aqui né e a gente tem que aproveitá-los (EFun2). Grifos do pesquisador.

Entretanto, nem todos os participantes entendiam que a falta, ou melhor dizendo, o número considerado reduzido de funcionários, seria fator determinante para que os espaços externos às salas de aula não tivessem manutenção e limpeza adequadas. Para uma das professoras da equipe diretiva:

A orientação da direção geral é que todos os espaços sejam usados da forma mais democrática possível. Temos vários impedimentos aí, e alguns que não convencem, no sentido de oportunizar o uso para os... estudantes, **porque a desculpa recorrente é a falta de funcionários**. Essa é a desculpa que é mais utilizada. Mas **eu vejo que talvez nós tenhamos um problema de gerenciamento do pessoal que temos**. Porque quando você reúne todo mundo no Salão Nobre ou no refeitório, o número de pessoas é bastante significativo. (EDir2). Grifos do pesquisador.

Uma passagem do diário de campo pode ilustrar e inclusive auxiliar na explicação do cuidado em relação à organização e limpeza de um dos espaços externos do Colégio, mais especificamente do Pátio da Ala par. Esta passagem retrata uma conversa informal com uma das funcionárias do Colégio, responsável pela limpeza daquele espaço, que sintetiza algumas das falas mencionadas anteriormente.

...conversando por alguns minutos com a inspetora (I) pergunto a ela se é responsável pela organização deste espaço, ela diz que sim e que foi ela quem pediu para vir para cá, pois ficava muito chateada em ver o pátio sujo e desorganizado. Continua a conversa dizendo que **o colégio não está muito organizado**, referindo-se ao setor onde trabalha (GAA)... diz que **a quantidade de funcionários não é o problema e sim a falta de organização das tarefas**. (Diário de campo do inter turno manhã - tarde do dia 18 de setembro de 2013). Grifos do pesquisador.

Ainda de acordo com o episódio descrito no diário de campo, a inspetora afirmou gostar da agitação do espaço e que a partir do momento em que ficou responsável por ele percebeu que os estudantes, de maneira geral, também ajudaram na manutenção do local, seja em relação ao cuidado ou à limpeza.

A manutenção destes e dos demais espaços do Colégio dependeria de fatores como organização interna do setor responsável, comunicação entre este setor e a direção, treinamento adequado, e disposição dos funcionários e

professores que, de certa forma, também seriam responsáveis por eles, além da participação ativa de outras pessoas, principalmente dos coordenadores de áreas ou disciplinas.

Em se tratando dos espaços chamados externos, como os pátios, por exemplo, talvez por não serem percebidos nem entendidos por muitos no ambiente escolar como espaços de aprendizagem, verdadeiras salas de aula, percebeu-se problemas relacionados à manutenção e limpeza, fato exemplificado pela fala de uma das coordenadoras da Educação Física.

...eles são usados se necessário de acordo com os conteúdos né, são lembrados, os espaços, de acordo com os conteúdos, **se eles não forem lembrados pelos conteúdos eles são esquecidos**, daria pra dizer isso, eles não são lembrados aí eles vão ser esquecidos nos outros momentos. **E esquecido significa esquecido como espaço, esquecido como manutenção, esquecido em todos os sentidos.** (ECoord2). Grifos do pesquisador.

A fala de outra professora participante do estudo retrata também a importância do professor nesta qualificação dos espaços da escola, sejam eles externos ou não, dando indícios de que a formação do professor, incluindo aí sua história de vida, suas concepções de mundo, de sociedade, de educação e de escola podem ser fatores que possibilitem o repensar a respeito deste tema no ambiente escolar, afinal os diversos espaços escolares possibilitam experiências educativas.

... enquanto geógrafa a gente já fazia sabe, essas aulas fora da sala, mas tomando alguns cuidados, então é avisando onde ia e tal e ocupando alguns espaços, mas eu lembro é... que **inclusive em alguns momentos era até mal visto a gente estar fora de sala, porque era pensando que o espaço da sala era onde se deveria estar, como se o espaço determinasse que é ali que se aprende**, e então eu percebi assim, éh, mas com o tempo isso foi mudando, isso no início quando eu estava aqui, porque os alunos vão sujar, por vários fatores e depois não, eles assim, **ver os alunos, por exemplo, sentados ali mesmo naquele espaço que foi pensado... dos tocos, ou então na grama, então, e eles fazendo, trabalhando e até mesmo com uma tranquilidade que, de repente, na sala de aula eles não teriam, pelo próprio espaço, e até mesmo fazer os alunos entenderem por que isso é um aprendizado pra eles**, porque estão acostumados de um jeito, todo mundo na fila, dentro da sala, quadro e tal, então se está em outro espaço não é sala de aula então não é lugar de aprender, então até isso é... o aprender do aluno, nisso também é importante. (EFunc2). Grifos do pesquisador.

No CEP, os espaços ao ar livre são organizados principalmente em função das atividades curriculares que podem ser realizadas neles. Para uma das coordenadoras de Educação Física, disciplina que utiliza diversos espaços externos no ambiente escolar *"eles são usados, se necessário, de acordo com os conteúdos, são lembrados, os espaços, de acordo com os conteúdos"* (ECoord2), assim como observado no relato de uma das professoras do G.A.A.:

Na verdade, **esses espaços externos, eu entendo que eles são organizados de acordo com a proposta curricular né, então tudo gira em torno do curricular da escola...** Então eu acredito que esses espaços são organizados em função do pedagógico, do curricular (EFunc1). Grifos do pesquisador.

Entretanto, para uma das pedagogas os espaços externos serviriam mais à circulação, devido ao grande fluxo de entrada e saída de estudantes e demais membros da comunidade escolar no CEP diariamente. Segundo ela:

...então eu vejo que os espaços acabam sempre sendo pensados né pela própria necessidade das demandas de trânsito que existe na escola, em termos de ocupação e acessibilidade... eu acho quando a gente fala também em acesso à escola, em acesso aos espaços da escola, aproveitamento dos espaços... (EPed2). Grifos do pesquisador.

Em relação à limpeza, os espaços apresentaram-se limpos, embora em algumas áreas como o bosque e o espaço coberto no Complexo do Planetário, tenham sido verificados entulhos, folhas e galhos espalhados.

Quanto à segurança, por meio da análise dos protocolos, foi possível verificar a presença de extintores, principalmente nos pátios cobertos e na Arena. Entretanto, aspectos referentes à comunicação visual, dentre eles, indicações de saídas de emergência, não foram observados.

Quanto à iluminação, o Pátio localizado atrás das alas e o espaço do Complexo do Planetário foram os locais que apresentaram os maiores problemas, com lâmpadas queimadas e inclusive a ausência de algumas delas, fato que poderia interferir nas possibilidades de uso e apropriação de tais espaços, principalmente no final da tarde e durante o turno da noite.

De acordo com o relatório do Programa Licenciado 2011 (LICENCIAR, 2012), realizado pelo GEPLC no próprio Colégio, locais bem iluminados influenciavam na

segurança e inclusive no esvaziamento ou não de determinados espaços que, quando mau iluminados, poderiam servir para a efetivação de práticas socialmente reprováveis. Já uma iluminação adequada possibilitaria a valorização e a preservação do espaço, pois favoreceria o seu uso e também o seu cuidado. Para um dos professores de Educação Física o ambiente escolar poderia oportunizar vivências para o estudante, *"de forma a conscientizá-lo quanto ao uso dos espaços"* (ECoord3).

Diante disto, Santos (2010, p. 47) afirma que:

A segurança é sem dúvida uma das forças de maior importância quando se trata de permanência ou não em um local seja ele público ou privado, isso por que diz respeito a integridade física dos sujeitos e daqueles que o acompanham. Grifos do pesquisador.

Não obstante, embora tenham sido apresentadas e discutidas as categorias manutenção, limpeza, iluminação, acesso e segurança, finaliza-se este capítulo com a citação de um trecho da fala de um dos participantes do estudo, que sugere uma ampliação do olhar, a partir do questionamento de outros aspectos, como por exemplo, a inovação. Quando questionado a respeito da manutenção dos espaços externos do Colégio, diferentemente dos demais participantes, este professor preferiu uma resposta mais complexa, chamando a atenção para alguns fatores externos para além do ambiente escolar apenas, que certamente influenciariam, não apenas em relação à manutenção do Colégio e demais escolas públicas brasileiras, mas também de todo o sistema educacional do nosso país:

Eu acho que isso é um problema geral assim, um problema a nível de Estado enquanto Governo, não é só o espaço é a escola como um todo, a demora, a burocracia para que sejam feitas as obras, melhorias. Se pensa muito em manutenção, essa palavra infelizmente não pensa no futuro modificar aquilo ali, fazer algo melhor, algo novo, algo diferente, usa, utiliza, o uso, o ambiente, então a gente pensa muito na manutenção, porque o estado tem que corrigir isso, essa manutenção, tá abandonado, a gente percebe esse abandono, isso é claro, isso não tenho como fugir, disso a gente fica até feliz quando acontece uma limpeza, um espaço sei lá uma rede nova alguma coisa assim, uma organização de espaço assim nem que seja pequena na escola mas infelizmente é realidade do Estado. **Enquanto o Estado não começar a dar atenção para a educação como um todo, não só como questão de espaço, faz parte né, é aprendizagem... não vejo um futuro muito bom assim para a escola como um todo, mesmo a gente desenvolver novas atividades**

para evolução, para sair dessa palavra manutenção, inovação.
(ECoord3). Grifos do pesquisador.

A fala anterior do professor sugere que a escola, estando imersa na sociedade, também é determinada pelos sistemas que regem esta mesma sociedade, quais sejam: sistemas sociais, políticos e econômicos, que influenciariam a escola e todos os membros de sua comunidade escolar. Com efeito, nota-se a importância atribuída às estruturas, leis e funcionamento, em detrimento do indivíduo, da pessoa humana (GADOTTI, 2012).

Mesmo diante de normas e regras presentes no interior das escolas, a ludicidade encontra espaço para florescer. Este florescimento do lúdico pode ocorrer a qualquer momento, porém, é nos tempos/espacos dos intervalos e nos momentos em que os membros da comunidade escolar não estão envolvidos com as aulas formais que pode materializar-se de forma mais intensa. Desta forma, o capítulo seguinte abordará questões referentes à possibilidade ou limitação da ludicidade no âmbito escolar.

CAPÍTULO 4

OS TEMPOS/ESPAÇOS ESCOLARES: DA POSSIBILIDADE À LIMITAÇÃO DE VIVÊNCIAS LÚDICAS

Dentre os fenômenos urbanos em processo em nossa sociedade, principalmente nas grandes cidades, verificamos a crescente diminuição e sensível limitação dos espaços destinados às experiências lúdicas (RECHIA, 2006).

Corroborando com esta perspectiva, Pacheco (2006) afirma que nas áreas urbanas faltam espaços para as experiências no âmbito do lazer, em função do crescimento desordenado da cidade, do amplo processo de especulação imobiliária, da falta de políticas públicas e sociais e da ausência de um planejamento adequado.

Não obstante, a escola, sendo parte de uma determinada comunidade, por vezes acaba se tornando um dos poucos espaços ou talvez o único "espaço público de integração, organização e lazer disponível" (PACHECO, 2004, p. 15), conforme explicitado na fala de uma das estudantes:

A falta de organização lá fora e a questão dos lazers fora do Colégio... nós temos uma restrição muito grande de lazer fora do próprio Colégio, são pouquíssimos os nossos exemplos. Caso você não esteja realmente ligado, pesquisando, indo além, não está visível para você, cara a cara, tanto que a sociedade, os jovens de hoje eles tendem a ir para um caminho que não é um bom caminho, porque esses lazers estão condicionados a coisas que são pequenas e dão espaço para pensamentos ruins. (EEst1). Grifos do pesquisador.

Em estudo realizado por Sallas *et al.* (2008) com 900 adolescentes e jovens com idade entre 14 e 20 anos percebeu-se que as saídas com os colegas e amigos era a atividade mais realizada por grande parte dos entrevistados no seu tempo/espaço de lazer. Nessas saídas os namoros, as conversas, as bagunças e a ingestão de bebidas alcoólicas eram as atividades mais frequentes, possivelmente devido à falta de outras alternativas. Os autores sinalizam também que o consumo de álcool era considerado prática comum entre a maioria dos jovens e adolescentes entrevistados e seus grupos de amigos.

Gonçalves e Flores (2011) sinalizam também que o crescente aumento e consolidação das cidades brasileiras têm levado ao adensamento das quadras, à sua quase completa ocupação, reduzindo drasticamente os espaços, dentre os quais os espaços da rua, antes destinados preferencialmente às pessoas e suas diversas formas de ali experienciar o lazer, e também dos tradicionais quintais, partes dos terrenos das casas, os quais foram e ainda continuam sendo utilizados para a efetivação de vivências lúdicas, como jogar e cultivar plantas, por exemplo.

Esta falta de espaços²¹ e equipamentos de lazer²², além de políticas que possibilitem experiências significativas no âmbito do lazer, principalmente nas regiões mais periféricas, empobrecidas e afastadas dos centros urbanos, acaba transformando a escola muitas vezes no único ou em um dos poucos equipamentos de lazer destinados à população, principalmente às crianças e adolescentes.

Tal afirmação pode ser constatada na fala de uma das pedagogas participantes da pesquisa, que citou a diminuição dos espaços nas cidades, apontando algumas das possibilidades que o Colégio oferecia para toda a comunidade escolar por meio dos seus diversos espaços:

eles vêm de espaços tão pequenos de casa, de residência e as pessoas moram em apartamento, têm espaços tão restritos, eu moro num apartamento e é um espaço que te restringe, tem uma hora que você quer, quando você chega aqui e que você pensa assim... eu posso me matricular no esporte pra fazer uma natação, os alunos, eu tenho a oportunidade de fazer a Escolinha de Artes, eu tenho a oportunidade sei lá, de fazer dança, eu tenho a oportunidade, é como se isso, **essa amplitude que ele te dá em termos de opção de atividades, essa amplitude de**

²¹ De acordo com Pellegrin (2004, p. 73), o espaço de lazer é um termo genérico que diz respeito aos lugares em que se desenvolvem ações, atividades, projetos e programas de lazer de modo geral. Do ponto de vista mais amplo, espaço de lazer refere-se a um dos aspectos de uma política de lazer. Diz respeito a como se organizam os diferentes equipamentos em uma cidade, como são distribuídos, que tipo de possibilidades oferecem. Refere-se, também, aos espaços potenciais (vazios urbanos e áreas verdes, por exemplo), aqueles que podem vir a se transformar concretamente em equipamento de lazer. Em suma, a expressão espaço de lazer diz respeito a toda a rede de equipamentos de lazer, vazios urbanos e áreas verdes de uma cidade. Para Santini (1993) *apud* Marcellino *et al.* (2007, p. 15) “os equipamentos são compreendidos como os objetos que organizam o espaço em função de determinada atividade”.

²² Para Santini (1993) *apud* Marcellino *et al.* (2007, p. 15) “os equipamentos são compreendidos como os objetos que organizam o espaço em função de determinada atividade”. Desta forma, os diferentes espaços do colégio contariam com equipamentos não-específicos lazer, que seriam aqueles que originalmente não foram construídos com essa finalidade, porém acabam se configurando como tais, em razão de determinadas circunstâncias, pois, na sua origem, esse espaço era destinado à educação formal (PELLEGRIN, 2004, p. 71). Ainda de acordo com a autora, pode-se dizer que o processo de urbanização e a constituição de uma sociedade urbana contribuíram para que esses espaços passassem a figurar como locais propícios para que o lazer acontecesse.

espaço físico mesmo, geográfico, eu acho que isto tem um efeito muito grande no ser humano sabe, te dá, pode não ser dito, não ser falado, mas isso é sentido de alguma forma por todos nós que estamos aqui. (EPed2). Grifos do pesquisador.

Desta forma, pode-se entender que a escola, embora configurada como equipamento não específico para o lazer (MARCELLINO *et al.*, 2007) acaba, por vezes, cumprindo a função enquanto equipamento de lazer, por meio de seus espaços e equipamentos, além das atividades que disponibiliza à comunidade, principalmente nos períodos para além das aulas formais.

Com efeito, seriam as relações estabelecidas pelas pessoas diante de determinado equipamento, seja ele específico ou não específico para o lazer, as responsáveis pela definição das vivências serem concretizadas ou não a partir do lazer (SILVA, 2011).

Desta forma, seria por meio da ocupação dos espaços que as pessoas estabeleceriam o encontro, as relações, as trocas, os estranhamentos e, por meio das construções efetivadas nestes espaços é que nasceriam os lugares, estabelecidos a partir das experiências humanas nos espaços. Para Escolano (2001) tais construções seriam o salto qualitativo do espaço para o lugar.

Rechia e França (2006, p.63) citam que, na vertente sociológica, “a categoria espaço passa a ser importante instrumento analítico e ferramenta interpretativa”, o que torna o seu estudo um excelente meio para a compreensão de muitas relações estabelecidas, no caso deste estudo, no interior do ambiente escolar. Entretanto, para que isto ocorra é importante que a comunidade escolar se aproprie destes espaços que, por sua vez:

... se torna o local da ação humana, onde coexistem as relações de poder entre ambiente e os sujeitos que nele habitam. Mas assim que o espaço se torna apropriado e dotado de significados para quem o usufrui, ele acaba despertando uma noção de pertencimento transformando-se em lugar para os cidadãos (TSCHOKE *et al.*, 2011).

Ainda segundo Rechia e França (2006, p. 62), a categoria “lugar” “constitui a dimensão da existência que se manifesta por meio de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas e instituições”. O espaço e lugar coexistem. O que para nós inicialmente é definido como um espaço, à medida que estabelecemos

relações com ele e com as pessoas, passa a ser compreendido como um lugar, pois assume outro significado (RECHIA e FRANÇA, 2006).

Ao assumir outro significado para a pessoa, o espaço passa a ter um significado ampliado, possibilitando a identificação, o cuidado, a apropriação e o sentimento de pertencimento²³. Isto porque, "o espaço é muito mais do que apenas dimensões representadas por números, é nele que as diferenças econômicas, sociais e culturais se materializam, bem como, a potencialização das relações sociais" (RECHIA *et al.*, 2013, p. 3) afinal, os espaços também educam (BUFFA, 2007). Pode-se verificar tal afirmação em algumas falas dos participantes da pesquisa, como na exemplificada por uma das professoras da equipe diretiva:

Porque quando, éh... quando eu fui convidada a fazer parte da gestão, uma das preocupações era isso. Era abrir os espaços, entendeu, pra que, pra tornar todos os espaços educativos"... **Porque pra mim, dentro de uma instituição de ensino, todo espaço é espaço educativo.** (EDir2). Grifos do pesquisador.

Para outra participante, também integrante da equipe diretiva do Colégio, "*todos os espaços na escola são espaços educativos, tem que ser, e a gente até tem que cuidar para que eles não se tornem deseducativos*" (EDir1). O seu conceito de espaço deseducativo é explicado por meio de exemplos relacionados a problemas ocorridos em diversos espaços do Colégio, principalmente nos espaços externos:

o aluno se sente desrespeitado naquele ambiente e qual o vínculo que ele vai ter de respeito com a instituição se a instituição não passa isso pra ele? Então, **aquele espaço torna deseducativo porque ele vendo aquelas situações passa pra ele uma imagem de que ele também não precisa cuidar, já tá descuidado, porque que ele vai cuidar...** Então isso eu acho que o aluno ele tem que aprender a manter o que é bom, agora ele tem que receber um espaço... que respeite ele enquanto cidadão. (EDir1). Grifos do pesquisador.

²³ De acordo com Janosz *et al.* (1998) o sentimento de pertencimento promove o respeito pela instituição, pelas pessoas que ali interagem e facilita a adesão às normas estabelecidas no ambiente escolar. Para os autores esse sentimento seria uma das cinco dimensões inter-relacionadas que possibilitariam o estudo do ambiente sócio-educativo de ensino em escolas secundárias. Os outros seriam o clima relacional, o clima educacional, o clima de segurança e a justiça. Ainda para os autores, quando indivíduos sentem que sua comunidade é significativa, promove o contato humano, proporciona proteção e garante o reconhecimento de sua lei e seus esforços, eles desenvolvem um sentimento de pertencimento. Este sentimento auxilia na garantia do respeito pela instituição, pelas pessoas e facilita aderência aos padrões nela estabelecidos.

Esta fala em relação ao espaço deseducativo citado anteriormente pode ser exemplificada por meio do relato de uma das observações realizadas nos espaços para além das salas de aula, como na descrição do diário de campo a seguir:

Neste momento um estudante chega até o espaço com uma bola e uma raquete em mãos e começa a jogar sozinho [aguardando os demais colegas para iniciar as partidas]. Vejo que **este estudante não mexe no papelão que provavelmente irá atrapalhar o jogo** logo em seguida. **Somente a partir do momento em que chegam mais estudantes é que os papelões são afastados um pouco. Agora, ao invés de encostarem-se na parede encostam-se no papelão.** (Diário de campo do Complexo do Planetário - intervalo da tarde do dia 03 de setembro de 2013). Grifos do pesquisador.

Neste local, a partir das observações realizadas, pode-se perceber que poucos estudantes demonstravam cuidar do espaço, da mesma forma com que a administração do Colégio não demonstrava tanto cuidado. Quando se apropriam dos espaços as pessoas tendem a cuidá-lo e mantê-lo.

Esta relação entre espaço e lugar e a possibilidade de atribuição de sentido e significado, por meio das experiências das pessoas, é explicitada e defendida por Tuan (1983, p. 7) da seguinte forma:

na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. Espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado torna-se lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.

O significado atribuído pelas pessoas aos espaços, seja pelo simbolismo, pela experiência ou pelo meio físico (MARANDOLA Jr., 2012), pode influenciar, por meio da ação, na constituição de um sentido de lugar e do próprio ser humano, pois, conforme Chaveiro (2012, p. 264), no “processo de agir no lugar, escolher a ação, experimentar a si mesmo, relacionando-se com o outro, o homem se constitui”.

Entendendo o conceito de lugar como presente no cotidiano, influenciado socialmente, historicamente, culturalmente e simbolicamente, o espaço escolar poderia possibilitar experiências significativas às pessoas, visando à transformação dos espaços, inicialmente indiferenciados, em lugares, com sentido e significado,

além do surgimento de um sentimento de pertencimento, não no sentido de posse, mas de pertencer, de fazer e de se sentir parte do processo.

Isto poderia materializar-se pelo que Chaveiro (2012) conceitua como tarefa do lugar, que envolveria as tramas do modo de produção, dos objetos técnicos, das manifestações culturais, da subjetividade, das ações dos sujeitos, por meio do envolvimento das diferentes corporeidades, tanto no uso, quanto na apropriação do espaço, ressaltando a importância de vivências lúdicas nos diversos tempos/espços da vida, inclusive os da escola.

Desta forma, de acordo com Viñao Frago (2001), a escola seria espaço e lugar. Espaço enquanto algo projetado ou não para determinado uso e lugar no sentido de que tal espaço pudesse ser ocupado, utilizado e, inclusive, apropriado pelas pessoas, afinal o espaço é uma "construção social e o espaço escolar uma das modalidades da sua conversão em território e lugar" (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 69).

Cabe aqui alguns esclarecimentos em relação ao espaço e sua relação de interdependência com o tempo. Em relação ao espaço, Santos (2008) nos alerta para a distinção entre espaço e configuração territorial. Para o autor:

A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. A configuração territorial, ou configuração geográfica, tem, pois, uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais" (SANTOS, 2008, p 62).

Com efeito, o espaço seria formado por um "conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações" (SANTOS, 2008, p. 63). Ainda segundo o autor, tais sistemas não ocorrem de maneira isolada, antes são mutuamente influenciáveis, sendo parte da história que se ocorre em determinado tempo/espaço social. Esta relação entre os objetos e as ações possibilitariam a existência dinâmica dos espaços, bem como suas transformações.

Para Gomes (2008, p. 20) "o tempo/espaço é um produto das relações sociais e da natureza e constitui-se por aspectos objetivos, subjetivos, simbólicos, concretos e materiais, evidenciando conflitos, contradições e relações de poder", aspectos presentes no cotidiano escolar.

Diante do exposto até aqui, acredita-se que o tempo/espaço do intervalo escolar, por meio da apropriação dos diversos espaços da escola, principalmente por parte dos estudantes poderia concretizar-se como um dos momentos propícios para a ocorrência de experiências significativas de lazer.

O intervalo – tempo/espaço escolar que possibilita vivências lúdicas

No CEP, muitos dos seus espaços externos que possibilitam experiências no âmbito do lazer geralmente são acessados (não em sua totalidade) durante a entrada e a saída dos estudantes, durante as aulas (de Educação Física ou de outras disciplinas) e também no horário do intervalo das aulas.

Em relação ao intervalo, este ocorre após três aulas seguidas e tem duração de 20 minutos (nos turnos da manhã e tarde) e 10 minutos (turno da noite). Por meio das observações de campo, percebeu-se que os estudantes utilizavam este tempo escolar de diversas formas: para movimentar-se, lanchar, conversar, descansar, namorar, realizar atividades, jogar, realizar leituras livres, tarefas, trabalhos etc., preparando-se, ao seu final, para mais três aulas até o término do turno.

Dos tempos vividos na escola, o horário do intervalo ou o recreio²⁴ pode ser considerado como aquele em que estudantes, professores e funcionários, salvo algumas exceções, geralmente dispõem de mais liberdade, atribuindo a este tempo escolar uma gama de significados que escapam, em geral, de qualquer registro, podendo ser também um tempo que possibilite e também potencialize relações sociais.

No espaço escolar, geralmente repleto de regras e normas de conduta e muitas vezes fechado e reduzido às salas de aula, os espaços localizados ao ar livre, ou seja, do lado "de fora", são aqueles em que as vivências lúdicas podem ser experienciadas da forma mais espontânea possível, principalmente por parte dos estudantes. Estas experiências ocorrem nos "interstícios do ensino formal, nas circunstâncias em que estes encontram um espaço/tempo para se apropriarem do lugar de forma criativa e inventiva, levando elementos da cultura popular e a alegria

²⁴ Em relação aos recreios escolares, Meurer (2008) tece análises interessantes em relação ao processo pelo qual os recreios escolares se firmaram no currículo da escola primária paranaense. Seu trabalho de dissertação teve como recorte temporal o período entre 1901 e 1924, período em que o autor defende a ocorrência do processo de institucionalização do recreio.

à escola" (RECHIA, 2006, p. 99). Os tempos/espços que possibilitariam o aflorar de inúmeras vivências calcadas no lúdico no ambiente escolar seriam principalmente os momentos da entrada e saída, os intervalos ou recreios e os espaços de tempo entre uma aula e outra, vividos nos tempos/espços dos pátios, das áreas verdes, das cantinas, das quadras etc.

No período em que os estudantes não estão em aula formal, muitas aprendizagens podem ser consolidadas no ambiente escolar, pois são momentos em que estão de certa forma mais livres e receptivos para se relacionarem e também vivenciarem a ludicidade.

Rechia (2006, p. 99), em seu estudo acerca do planejamento dos espaços escolares e suas relações com as experiências do jogar das crianças como forma de manifestação lúdica, observou que são nas “brechas, nos interstícios do ensino formal, nas circunstâncias em que estes encontram um espaço/tempo para se apropriarem do lugar de forma criativa e inventiva”. Estes tempos seriam o horário da entrada, o recreio ou intervalo, o horário da saída, nos eventos promovidos pela instituição, dentre outros (RECHIA, 2006; SANTOS, 2012). Especificamente em relação ao recreio, Rechia (2006, p. 99) afirma que:

...aponto o recreio como sendo um espaço/tempo em que os ideais escolares e a apropriação das escolas pelos alunos encontram-se em descompasso. Em descompasso porque, mesmo com uma cultura escolar que conduz à inibição do brincar e do jogar, as crianças ainda encontram formas de fazê-lo e o fazem no recreio. Esse espaço/tempo não é um tempo planejado dentro das escolas para potencializar as práticas lúdicas.

Diante da realidade do CEP, consta no Projeto Político Pedagógico (COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 2011) recente, dentre as ações a serem implementadas no marco operacional, uma discreta menção à possibilidade de realização de atividades artísticas, culturais, recreativas e esportivas durante o intervalo, todas dirigidas por professores do Colégio. Este fato demonstra uma tentativa de aproveitamento do horário do intervalo por parte dos estudantes, embora no documento não sejam citados os espaços que seriam destinados para tais atividades e de que forma seriam organizadas e propostas.

Esta tentativa de aproveitamento do intervalo pode ser verificada também no seu Regimento Escolar, documento norteador das ações no cotidiano escolar no

Colégio. Discutido pela comunidade escolar no ano de 2012, foi debatido e estabelecido no artigo 297 que os estudantes deveriam ter:

assegurado o direito de acesso às dependências do complexo esportivo (campo, pista de atletismo e quadras) durante o intervalo das aulas, com disponibilização de materiais e equipamentos para a realização de atividades diversas (esportivas, culturais, de leitura etc.), mediante projeto elaborado pela equipe de direção do CEP (COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 2013).

Estes exemplos retratados nos documentos do Colégio demonstram tentativas de qualificação do horário do intervalo, voltadas principalmente aos estudantes. Entretanto, nos referidos documentos não são descritas informações relacionadas à forma com que as atividades poderiam ser organizadas e propostas, bem como os responsáveis diretos por tais iniciativas. Desta forma, embora os estudantes tivessem assegurado o direito de usufruir de espaços e atividades durante este tempo escolar, ações visando a qualificação do intervalo ainda não tinham sido implementadas até o término desta pesquisa.

O melhor aproveitamento dos espaços externos durante os intervalos foi mencionado nas falas de alguns dos participantes da pesquisa, como relatado por uma das professoras que atua no G.A.A. e outra que compõe a equipe diretiva:

Então, eu tenho visto uma movimentação diferente nos intervalos agora, acho que está mais agitado pra eles, então é o momento deles ali... **mas eu acho que poderia ser mais aproveitado**, outra coisa que eu vejo também é que o Fundamental, os meninos eles vão lá pra pista e aí a gente vê que muitos vão, sentam ali na arquibancada pra fazer o lanche e outros vão jogar, trazem as bolas e tal e esse espaço eu vejo um espaço de vida nesse momento... **então daria pra ter algumas atividades também pra eles eu acho que direcionadas né, mas eles mesmos se organizam**, então e vão e correm, vão para um lado e pro outro. (EFun2). Grifos do pesquisador.

Ah, eu acho importante, a escola é pública e a palavra já tá dizendo, público é de todos e sendo bem utilizado eu não vejo problema nenhum... se tiver transcorrendo tudo normalmente eu não vejo problema nenhum, até mesmo o inspetor não precisa interferir, professor não precisa interferir e a direção muito menos. (EDir4).

Tschoke *et al.* (2011) defendem a escola enquanto espaço que possibilita o desenvolvimento de cada cidadão. Para as autoras, esta possibilidade seria materializada a partir do momento em que as pessoas fossem estimuladas a

fazerem algo que gostassem, que se sentissem bem, que lhes desse prazer, usufruindo dos espaços e do que estivesse disponível neles, acrescentando formação pessoal e educacional às vivências ocorridas nesses espaços.

Com base no exposto anteriormente, é importante ressaltar em relação ao tempo/espaço do intervalo ou recreio que, de acordo com o Sindicato dos estabelecimentos de ensino do Estado de São Paulo:

as atividades livres ou dirigidas, durante o período de recreio, possuem um enorme potencial educativo e devem ser consideradas pela escola na elaboração da sua Proposta Pedagógica. Os momentos de recreio livre são fundamentais para a expansão da criatividade, para o cultivo da intimidade dos alunos mas, de longe, o professor deve estar observando, anotando, pensando até em como aproveitar algo que aconteceu durante esses momentos para ser usado na contextualização de um conteúdo que vai trabalhar na próxima aula. Na legislação, o recreio e os intervalos de aula são horas de efetivo trabalho escolar, conforme conceituou o CNE, no Parecer CEB nº 05/97: "As atividades escolares se realizam na tradicional sala de aula, do mesmo modo que em outros locais adequados a trabalhos teóricos e práticos, a leituras, pesquisas ou atividades em grupo, treinamento e demonstrações, contato com o meio ambiente e com as demais atividades humanas de natureza cultural e artística, visando à plenitude da formação de cada aluno. **Assim, não são apenas os limites da sala de aula propriamente dita que caracterizam com exclusividade a atividade escolar de que fala a lei** (SIEESP, 2011). Grifos do pesquisador.

O intervalo ou espaço de tempo livre na escola foi e continua sendo objeto de estudo para diversos pesquisadores, tomando por base temas como a criação de estilos de vida saudáveis, o sedentarismo, o *bullying*, o comportamento dos estudantes e até mesmo o gostar ou não deste momento na rotina escolar (PEREIRA, 2006; SILVA *et al.*, 2010).

No cotidiano escolar, permeado por tensões e contradições, diversos são os momentos que possibilitariam aprendizagens, entendidas não somente como aquelas ocorridas no interior da sala de aula, a partir dos conteúdos considerados escolares, mas também aquelas presentes nos intervalos ou naqueles momentos sem aula, estabelecidas por meio de relações sociais e muitas vezes caracterizadas por meio de vivências lúdicas.

Diante disto, Bracht (2003, p. 14) defende que a escola pode e deve operar a partir de uma nova articulação entre o que é desenvolvido na sala de aula, ou seja, os conteúdos lógico-rationais e o universo lúdico, "ênfatizando a mediação e

complementaridade entre os dois, implicando, por sua vez, na ressignificação da finalidade educativa e dos elementos que a constituem".

O jogo no intervalo e intervalo "jogado"

As observações de campo possibilitaram a visualização e identificação de algumas atividades que aconteciam nos espaços pesquisados, nos momentos de intervalo e inter turno. O "Jogo no intervalo" refere-se às variadas possibilidades de jogar, embora em espaços restritos e o "intervalo jogado" é utilizado como referência ao descuido observado neste tempo/espaço escolar em diversos momentos.

Por meio das observações de campo percebeu-se que a maioria dos estudantes passava todo o tempo do intervalo ou do inter turno sentado, em pequenos grupos ou sozinhos. Além disso, também foram verificadas outras atividades, como jogos diversos, conversas, caminhadas, leituras livres, ouvir músicas, namoros, utilizar o aparelho celular, realização de trabalhos e tarefas.

Estas observações vão ao encontro da relação entre o jogo e ambiente escolar proposta por Santos (2012, p. 51). Segundo a autora:

Quando adentramos em uma escola, temos a oportunidade de observar várias manifestações jocosas que podem acontecer simultaneamente. Dependendo da faixa etária dos estudantes, deparamo-nos com jogos que evidenciam a fantasia, a perseguição, a competição coletiva, dentre outros.

Tais manifestações de jogos seriam mais fáceis de ocorrer nos momentos em que os estudantes estivessem "mais livres" e nesta posição de liberdade de ação dentro do ambiente escolar é que o desejo de jogar seria manifestado (SANTOS, 2012).

Entretanto, embora os intervalos no Colégio possibilitassem a ocorrência destas atividades, percebeu-se certo descuido e desconsideração do potencial educativo desse tempo escolar por parte de muitos dos responsáveis pela instituição.

O relato de uma das estudantes que compunha o Grêmio estudantil, demonstrou que atividades que pudessem gerar problemas, como dos estudantes machucarem-se, por exemplo, não eram estimuladas e até mesmo proibidas pela

direção. A estudante cita as batalhas de Rap e dança, proporcionadas pelos estudantes do Grêmio durante alguns intervalos do ano como alternativa à falta de opções neste tempo escolar. Segundo ela:

Atividades do Grêmio, batalhas de dança e rap,... fora isso **a direção não deixa ter atividades que não sejam paradas, elas tem que ser paradas e nada pode machucar alguém ou dar errado**. Pode acontecer tanta coisa que não deixam por medo. Abrir os espaços, deixar jogar bola ali no meio (Arena), o próprio jogo de xadrez aqui atrás (Mesas em frente ao Planetário), **são pequenas coisinhas assim e a gente teria mais ideias ao longo do tempo que mudaria bastante no Estadual**. (EEst1). Grifos do pesquisador.

A maioria dos entrevistados entendia o intervalo como um momento curto de tempo, principalmente destinado ao descanso, à alimentação, ida ao banheiro e encontro com colegas de outras turmas, o que acabava limitando a possibilidade de potencialização desse tempo escolar, principalmente em relação à oferta de jogos e outras atividades.

Embora constasse no Regimento Escolar (COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 2012) que este tempo escolar pudesse ser qualificado, por meio de projeto apresentado pelas direções de turno, não foram observadas ações em relação a um planejamento e organização específicos para os intervalos, conforme o relato de uma das diretoras de turno, quando questionada em relação ao fato de haver alguma forma de organização para os intervalos e inter turnos:

Não, sendo bem franca eu acho que não, **organização específica pensando nessa questão deles assim eu acho que não**, eu acho que o que pensa é na preservação do patrimônio neste momento, desta organização, **pensa assim no patrimônio como um todo... de evitar que as pessoas pichem, então pensam neste tipo de organização mas não no estudante nesse horário, nesse horário pensa-se no patrimônio**. (EDir3). Grifos do pesquisador.

Esta preocupação com o patrimônio pode ser observada pela presença e circulação de inspetores pelos espaços pesquisados, principalmente naqueles mais próximos ao edifício principal. Para uma das professoras de Educação Física o Colégio dispunha de inspetoras que ficavam apenas observando o andamento das atividades, das conversas, simplesmente fazendo uma espécie de vigilância.

As falas a seguir também ilustravam questões referentes ao que ocorria no tempo/espço dos intervalos. Para uma das professoras de Educação Física:

Em relação ao intervalo também nada (risos), **não tem nenhuma organização**, eu também acho que **o intervalo é muito curto** na verdade, o aluno sai da aula, até ele descer, **passar no banheiro, comer alguma coisinha, mal cumprimentou alguns amigos** na verdade já está na hora de voltar pra sala, então, por questão de tempo eu também não consigo ver muita coisa pra ele fazer no intervalo. (ECoord2). Grifos do pesquisador.

Para ela, o intervalo era considerado um período de descanso, um tempo destinado ao lanche, às conversas com os amigos e ao descanso, visando o retorno às aulas e demais atividades. De forma muito parecida, uma das diretoras de turno entende que:

o intervalo é o espaço dele (estudante), **que já é limitado e eu acho que o estudante já tem muitas coisas pra fazer**, daí tem que lanchar, tem que conversar, tem que trocar ideias, tem que ir na secretaria, na biblioteca, então, aqueles vinte minutos realmente escoam. **O inter turno também, se ele vai, ele tem o almoço dele depois ele já vai se preparar para a atividade**. (EDir4). (Grifos do pesquisador).

Para esta diretora, o intervalo era um momento para descansar, respirar e, embora curto, era um tempo bem visto, que possibilitava um descanso mental aos estudantes, devido principalmente à quantidade de aulas que tinham por dia, ou seja, seis aulas.

Delalande (2012, p. 65), em seu estudo do pátio destinado ao recreio ou intervalo, enquanto lugar de socialização, entende que tal tempo escolar muitas vezes "costuma ser percebido como um momento de pausa e vigilância pelos professores, que vêem nele, para seus alunos, um modo de re-criar as forças necessárias ao trabalho em classe".

Em relação à potencialização da ludicidade no tempo/espço do intervalo escolar Rechia (2006), após analisar 23 escolas das redes municipal, estadual e privada de ensino afirma que o tempo/espço do intervalo ou do recreio:

não é um tempo planejado dentro das escolas para potencializar as práticas lúdicas. Ao contrário, é um **espaço destinado ao descanso, à recuperação, à compensação**, que de certa forma busca o aumento do

rendimento, portanto se justifica a falta de espaços reservados para tais manifestações. (Grifos do pesquisador).

O entendimento do intervalo como tempo/espaço de descanso também foi verificado por meio do relato de umas das estudantes que participaram do estudo. Para ela, o intervalo possibilitava, além do descanso o lazer enquanto momento de compensação e recuperação para a volta às aulas:

... **você pode esquecer da pressão da sala de aula e comer um pouco, sair.** É porque o meu intervalo é de dez minutos, mas eu lembro da manhã... nossa era bem sossegado... porque dentro de três aulas... você acaba sempre focando, acaba ficando com dor de cabeça às vezes e isso não é saudável, **então aquele intervalo é um espaço de lazer.** (EEst1). Grifos do pesquisador.

Com base nos relatos citados anteriormente, o período do intervalo em muitas escolas por vezes é entendido, seja por professores, estudantes e funcionários, como um momento que reforça o "modelo de lazer como momento de compensação e como premiação devido ao esforço sério empreendido no trabalho intelectual escolar, principalmente realizado em sala de aula" (BRACHT, 2003, p. 14).

Para a outra estudante que compunha o Grêmio estudantil, o intervalo era um momento para conversar com os colegas de outras salas e passear pelo Colégio, fato demonstrado por meio desta passagem do diário de campo: "*Os estudantes andam geralmente em grupos pequenos, a maioria em duplas, geralmente do mesmo sexo, vão e vem, de um lado para o outro*". Tal observação pode estar relacionada com a falta de opções durante o tempo/espaço dos intervalos e inter turnos no Colégio.

Para França (1994, p. 80) as escolas, em sua maioria, são constituídas por espaços "sociofugidios", ou seja, espaços portadores "de uma estrutura de características semifixas, projetando a imagem da arquitetura e do ambiente, influenciando no comportamento das pessoas que tendem a se isolar", fato percebido durante a pesquisa no CEP, onde foi observado certo quadriculamento, distribuindo os indivíduos, conferindo a cada um o seu lugar demarcado.

Em todos os espaços pesquisados, as atividades verificadas por meio das observações de campo estavam relacionadas com as conversas, principalmente

entre pares do mesmo sexo, geralmente em grupos pequenos (três a cinco pessoas), namoros, leituras livres, ouvir música e utilizar o celular, conforme pode ser observado por meio da figura 30, que retrata um momento do intervalo do turno da tarde na Arena, espaço externo mais utilizado e apropriado pelos estudantes neste tempo/espaço.



Fig. 30: Vista da Arena durante o intervalo.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Já em relação à ocorrência de práticas corporais realizadas nestes espaços, foram observados o tênis de mesa (Espaço do Complexo do Planetário), o *Foursquare*²⁵ (Pátio coberto da Ala par) e uma vez ou outra algum estudante quicando ou brincando com uma bola pelo pátio.

Dentre essas práticas corporais, o jogo de *Foursquare*, presente no CEP desde o ano de 2009, com suas diversas formas de jogar transmitidas de ano em

²⁵ O *Foursquare* ou *Squareball* é um jogo praticado em uma quadra dividida em quatro quadrantes, cada um destes ocupado por uma pessoa. Cada jogador deve rebater a bola objetivando acertar o campo adversário. No CEP foram pintados quatro tabuleiros no Pátio coberto da ala par. O jogo foi trazido por um professor de Educação Física no ano de 2009 e desde então é praticado pelos estudantes de diversas formas, principalmente nos intervalos e no inter turno entre a manhã e a tarde.

ano por estudantes e professores, tendo seu espaço prioritário de jogo o Pátio coberto da Ala par foi retratado na fala de uma das professoras que atuava no G.A.A.. A figura 31 ilustra os estudantes jogando durante um dos intervalos:

Ah, o que eu sempre vejo é o pessoal do Fundamental aqui com aquela bolinha assim, eu não entendo ainda o que é aquilo ainda mas eles adoram, porque eu sempre tenho que atravessar em função que eu tenho que observar ali no Laboratório de Prótese que sempre tem alguma coisa ali... **Porque eles não estão nem aí, porque o espaço é deles, eles tomam conta mesmo eu acho bem interessante isso.** ...a gente verifica que eles vêm e é bem setorizado, esse espaço é da bolinha... (EFun1). Grifos do pesquisador.



Fig. 31. Estudantes jogando *Foursquare* durante o intervalo.

Fonte: Acervo do autor, 2013.

Outras práticas corporais também foram citadas pelos participantes do estudo, muitas ocorrendo nos espaços onde os estudantes não tinham acesso permitido, embora este mesmo acesso também não lhes fosse negado, sugerindo certa abertura em relação aos demais espaços no tempo/espaço do intervalo, evidenciada na fala de uma das diretoras de turno:

...eles utilizam, tem alguns estudantes que pegam, vão jogar bola, tem estudantes que vão conversar, tem estudantes que vão ler, como a nossa comunidade é bem grande há uma diversidade, tem estudante

que vai se reunir com outros estudantes, é... até mesmo de faixa etária diferente E **tem lá os pequenos que não trocam a bola por nada, deixam de comer, deixam de ir ao banheiro, deixam de fazer qualquer coisa pra ter a bola ter o acesso éh... muitos deles me imploram pra utilizar a quadra, utilizar o campo de futebol, mas às vezes tem treinamento, às vezes tem aula então se pudesse** né, a gente com a coordenação de Educação Física, organizar um horário que aquilo esteja livre, acho que a gente pode atender melhor aí os nossos alunos e eles vão gostar bastante. (EDir4). Grifos do pesquisador.

Em seu estudo, Rechia (2006) observou que muitas escolas, sejam elas públicas ou privadas, controlam de maneira exagerada o acesso a muitos dos seus já exíguos e precários espaços, equipamentos e inclusive materiais, principalmente nos momentos em que os estudantes teriam mais liberdade dentro do ambiente escolar, como nos períodos de troca de turnos (inter turnos), nos intervalos e recreios e até mesmo nos momentos sem aula. Para a autora, estes espaços, equipamentos e materiais são disponibilizados, na maioria das vezes, apenas durante as aulas de Educação Física, "sob a alegação de que a escola não pode se abster da necessidade de ordem" (p. 101).

Entretanto, nos espaços que compunham o complexo esportivo foram observadas diversas de uso e apropriação por parte dos estudantes nos períodos de inter turno e intervalo, principalmente relacionadas às práticas corporais, mais especificamente aos esportes coletivos futebol e basquetebol. Embora o complexo esportivo não tenha sido incluído na pesquisa, no momento da realização das observações no espaço do Pátio atrás das alas, também foram realizadas algumas observações neste espaço, que se encontrava ao lado.

Chamou-nos a atenção o fato do número crescente de estudantes que utilizavam e se apropriavam, principalmente das quadras e do campo, nos horários do intervalo, conforme visualizado por meio da figura 32 a seguir.



Fig. 32. Estudantes nos espaços do complexo esportivo durante o intervalo.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

A seguir, alguns trechos do diário de campo ilustram algumas atividades que ocorriam neste espaço:

Vejo estudantes na arquibancada e após bater o sinal para o intervalo mais estudantes vêm até o complexo esportivo, muitos descem em pequenos grupos e também trazendo seus materiais (bolas)... Às 15h31 o espaço conta com mais de 60 estudantes, começa a chover e muitos continuam no espaço e outros tantos descendo. O treinamento ocorrendo impossibilita que alguns estudantes se apropriem deste espaço. Minutos depois a professora responsável pelo treinamento empresta uma bola de basquete e alguns estudantes começam a jogar na outra metade da quadra... vejo estudantes caminhando pela pista e se pendurando em estruturas como as tendas e as muretas ao lado da pista. (Diário de campo do Complexo esportivo - intervalo da tarde do dia 24 de outubro de 2013).

A falta de alternativas planejadas e organizadas pelo Colégio resultava no fato dos estudantes trazerem objetos e materiais próprios para realizar as práticas, como bolas, por exemplo.

Embora, de acordo com o Regimento Escolar (COLÉGIO ESTADUA DO PARANÁ, 2013) fosse vedado ao estudante trazer e utilizar no Colégio diversos materiais, dentre eles bolas, percebeu-se que essa regra não era cumprida por alguns estudantes, que se valiam de suas astúcias para burlar algumas regras da instituição.

Para Certeau (2008), quando as regras estão postas diante das pessoas, são as astúcias que entram em cena, resultando nas elaboração e execução das táticas que serão utilizadas para burlar, contornar essas mesmas regras. A astúcia estaria relacionada com a capacidade de aproveitar o tempo não vigiado ou pouco monitorado, o momento, sendo, desta forma, ocasional, inesperada (CERTEAU, 2008).

Neste caso, embora fosse contrário ao Regimento, o fato de alguns estudantes burlarem as regras (estratégias) para poderem jogar em espaços considerados inacessíveis no horário do intervalo não era considerado negativo para alguns dos entrevistados. Segundo uma das diretoras de turno, que embora defendesse o cumprimento e respeito às regras, também era importante procurar entender a situação dos estudantes naquele momento:

Eu entendo assim, **se aquilo não tiver prejudicando a paz do ambiente, a organização eu não vejo problema**, a partir do momento que aquilo desequilibrou uma dessas partes aí sim nós vamos pra legalidade, claro que nosso Regimento está sendo reformulado e é uma coisa que não é, que não está engessada... então eu vejo assim: esse ano vai mudar, para o ano que vem vai mudar também, porque as pessoas estão mudando, a nossa clientela está mudando e muitas vezes a gente não enxerga isso, até mesmo por uma questão de cultura, de formação, eu vim de uma formação totalmente bitolada e hoje o estudante que eu trabalho ele tem uma liberdade que nossa, entendeu é fantástica se bem usada, então, o Regimento precisa acompanhar essa dinâmica, então: **não pode trazer, eu acho que trazer não é o problema, não pode utilizar de forma não adequada, isso que eu entendo**. (EDir4). Grifos do pesquisador.

Ainda de acordo com Certeau (2008), se as estratégias seriam as formas de poder estabelecidas por meio de regras e normas advindas de um mapeamento prévio, no caso do Colégio, pelo seu Regimento escolar, as táticas não obedeceriam a tais regras do lugar, pois estariam mais ligadas às pessoas e suas ações, de forma mais individualizada do que coletiva.

Desta forma, as táticas poderiam ser utilizadas pelos estudantes para usar e se apropriar dos espaços, se não infringissem seriamente as regras (estratégias),

podendo resultar inclusive na sua modificação, gerando novas estratégias, neste caso, para o uso e apropriação dos espaços durante os intervalos. Este fato sugere um ciclo contínuo entre táticas e estratégias. O que hoje pode ser caracterizado como uma tática utilizada para ludibriar uma determinada regra pode, por meio do trabalho coletivo das pessoas, se tornar regra amanhã, resultando no surgimento de uma nova estratégia e, por consequência, de novas táticas.

Diante disto, poderíamos supor, neste caso, que tanto estudantes quanto professores e funcionários estariam, no cotidiano escolar, ao mesmo tempo e de formas diferentes, submetendo-se a determinadas estratégias e articulando astúcias, construindo outras maneiras de subverter os mecanismos impostos a eles.

Desta forma, cada grupo desenvolveria suas próprias táticas em torno de uma mesma questão, ou seja, das possibilidades de uso e apropriação dos espaços do complexo esportivo durante o intervalo. Como exemplo, os inspetores e professores, provavelmente visando a evitar conflitos com os estudantes e/ou sensibilizados, entendendo que o fato de estarem jogando em espaços que estariam esvaziados durante o intervalo não iria interferir na rotina do Colégio não se oporiam diante de tal iniciativa por parte dos estudantes.

Objetivando investigar as possibilidades e formas de apropriação pelos estudantes dos espaços lúdicos da escola nos momentos em que não estavam em aula formal, Rechia (2006, p. 99), por meio de suas observações de campo, retrata que mesmo diante de muitas dificuldades relacionadas aos espaços destinados ao brincar, os estudantes, por meio de táticas e astúcias próprias brincavam, jogavam, se divertiam, (re)significando os poucos espaços livres que dispunham, por meio das diversas possibilidades de interação com o lugar, "passando de um corpo aparentemente dócil e silencioso, vivido em sala de aula, para um corpo brincante e criativo", vivido nos diversos espaços da escola, principalmente naqueles que possibilitavam mais liberdade de movimentação, como os pátios, áreas verdes, quadras e parquinhos.

Retomando a fala da diretora anteriormente citada, percebe-se novamente a possibilidade, no futuro, do desenvolvimento de um projeto que vise qualificar o tempo/espaço do intervalo no Colégio, pensamento que vai ao encontro do relatado por uma das professoras de Educação Física:

Por exemplo, pensando, eu sempre questioneei o fato de não ter acesso, dos alunos não terem acesso ao espaço do campo, por exemplo, no intervalo, **eu acho que poderíamos repensar um trabalho de conscientizá-los de que temos um tempo determinado, temos que cumprir com nossos deveres enquanto horário...** terminou o intervalo vamos usar o... voltar para a sala de aula, eu acho que talvez fosse feito um trabalho neste sentido com os nossos alunos, ampliar esses espaços pra eles, não vejo que seria problema, poderíamos fazer uma tentativa. (ECoord1). Grifos do pesquisador.

A possibilidade de desenvolvimento de um trabalho de conscientização por meio do acesso, uso e apropriação dos demais espaços externos do Colégio, ou seja, aqueles situados no complexo esportivo, também é visualizada por outro professor de Educação Física do CEP, demonstrando que a disciplina, por meio de seus professores, poderia desenvolver ações nesse sentido nas escolas, de preferência com o apoio e incentivo de todos os segmentos que compõem a escola:

Como a gente falou não é só aluno, **a gente fala de aluno mas também a gente está pensando no espaço utilizado pelos alunos, mas essa consciência que professores e funcionários da escola, de uma maneira geral tem que ter...** o professor também tem que ter a consciência de que é um espaço diferenciado (..) que ele tem um papel fundamental nisso. (ECoord3). Grifos do pesquisador.

Em relação ao conhecimento do que ocorria nos intervalos e inter turnos, boa parte dos entrevistados, principalmente os professores, falaram que não conheciam muito bem o que acontecia neste tempo escolar, devido ao fato de estarem trabalhando ou fazerem seu horário de intervalo junto aos demais colegas na sala dos professores. Quando se referiram ao intervalo, alguns inclusive destacaram os aspectos negativos e problemas ocasionados em tal momento.

Eu não sei se eu tenho noção, porque eu ando nos intervalos mas como você não é da mesma faixa etária, **às vezes você anda mas você não está assim tão inteirada das coisas, do que realmente acontece, eu tenho algumas informações principalmente das coisas erradas que acontecem**, mas às vezes do que está acontecendo de bom talvez eu não tenha outra informação. (EDir3). Grifos do pesquisador.

Olha... ocorre, **ocorre algumas coisas às vezes não muito agradáveis...** O colégio é muito grande e tem alguns espaços assim é, mau aproveitados, usados inadequadamente ou... ah... por exemplo, eu já peguei aluno fumando nos espaços assim mais isolados, gazeando aula, escondidos gazeando. (ECoord1). Grifos do pesquisador.

Embora tenham sido feitas menções aos aspectos considerados negativos do intervalo, os pontos positivos como a possibilidade de experienciar atividades prazerosas, a liberdade e a socialização, além de um certo saudosismo em relação aos intervalos da época de escola dos professores foram verificados em muitas falas:

...lembramos que o recreio era uma das, um dos momentos mais prazerosos do período escolar e o que nós propomos hoje? Não temos um espaço adequado aqui, temos os carros atrapalhando os espaços, temos, o que os nossos alunos têm à tarde, as mesas de tênis de mesa. (ECoord1). Grifos do pesquisador.

O intervalo é o melhor momento que tem, eu acredito que do dia letivo, porque na verdade, querendo ou não, é aqui que eles se socializam. Então, mesmo em sala de aula, eles fazem isso, mas o **intervalo pra mim significa liberdade**, que é uma coisa ele faz o que quer, então na aula ele tem que estar condicionado ao que ta acontecendo ali, mas no intervalo ele tem a liberdade de conversar com o colega da outra turma, de um espaço arejado... **para mim o intervalo significa liberdade, significa diversão, significa prazer.** (EFunc1). Grifos do pesquisador.

As constatações citadas anteriormente apontam que, no caso do CEP, assim como em muitas de nossas escolas, “o recreio não tem nenhum sentido próprio, senão um vínculo de dependência com o que ocorre antes e o que deve ocorrer depois dele” (TRILLA, 2006, p. 44).

Pereira (2005) cita que, em muitas situações, o horário do intervalo é desvalorizado pela escola, com espaços de pequenas dimensões e oferta reduzida quanto às oportunidades de jogos e atividades, convívio, observação, modificação e manipulação da natureza.

Tais problemas observados em muitas de nossas escolas, principalmente pelas condições precárias de seus espaços físicos, seriam desfavoráveis à potencialização de vivências lúdicas no ambiente escolar, conforme exemplificado por Rechia (2006, p. 100):

Em certas escolas pesquisadas, constatamos uma ausência de planejamento com relação aos espaços físicos. Muitas escolas visualizam somente como possibilidades quadras poliesportivas ou quadras de cimento predeterminadas para a realização de alguns esportes tradicionais, transformando tudo em “cimento”, com uso restrito às aulas formais de Educação Física, deixando em segundo plano preocupações com espaços mais harmoniosos (áreas verdes e/ou pontos de encontro, por exemplo) para vivências lúdicas espontâneas, nos interstícios das aulas formais.

Diante disto, entende-se a escola como espaço que sofre influência dos acontecimentos citadinos, como a oferta cada vez menor de espaços de convívio, por exemplo, cita-se Rodrigues (2003, p. 93), que questiona a possibilidade de escolarização e, por que não, de educação de qualidade com a “crescente exiguidade dos pátios, áreas comuns, das quadras de esporte, e das salas de aula para crianças e jovens que também perdem seus espaços nas casas, apartamentos, *playgrounds*, nas ruas, praças...”.

Esta diminuição ou até mesmo falta de espaços em muitas escolas interfere na organização do horário do intervalo, geralmente carente de espaços adequados de convívio, e, por muitas vezes, um período de tempo simplesmente negligenciado em muitas escolas (PEREIRA, 2006).

Entretanto, no caso específico do CEP, conforme as observações e campo, percebeu-se que estudantes e outros membros da comunidade escolar (professores e funcionários principalmente), durante o intervalo, independente do espaço reduzido, vivenciaram atividades que poderiam estar relacionadas ao âmbito do lazer, como por exemplo, as rodas de conversas animadas com os colegas e amigos, as contemplações, principalmente em algum espaço mais tranquilo, as leituras livres de algo de interesse das pessoas, as práticas corporais livres, dentre outras tantas possibilidades, fato que demonstra e sugere tal tempo escolar, ou seja, o intervalo, como sendo, nas palavras de Trilla (2006, p. 45-46), “catarse necessária (física e psíquica) para voltar à aula”, “um parêntese de vida” e, nos casos mais extremos, “uma explosão de alegria”, em que os estudantes, e por que não os demais membros da comunidade escolar, podem se manifestar da forma como verdadeiramente são, ou talvez até o ponto em lhes seja permitido ser com espontaneidade (TRILLA, 2006).

Neste contexto, parece evidente que a oferta de atividades, espaços e equipamentos que pudessem ser acessíveis aos estudantes no período do intervalo poderiam propiciar, além de experiências no âmbito do lazer, a efetivação de inúmeras aprendizagens, dentre elas o aprendizado da tomada de decisão pelos estudantes, por exemplo, em relação à escolha da atividade de seu interesse, à socialização do conhecimento, à sociabilização com os colegas e outros estudantes, ao aprendizado de certas regras da conduta humana, à capacidade de se colocar no

lugar do outro (PEREIRA, 2005), além de confrontá-los diante de suas potencialidades e limitações.

Recorrendo novamente a Francesco Tonucci (2008), a figura 33 sugere as aprendizagens ocorridas durante os intervalos nas escolas, muitas vezes despercebidas e incompreendidas por professores, pedagogos, funcionários e inclusive estudantes.

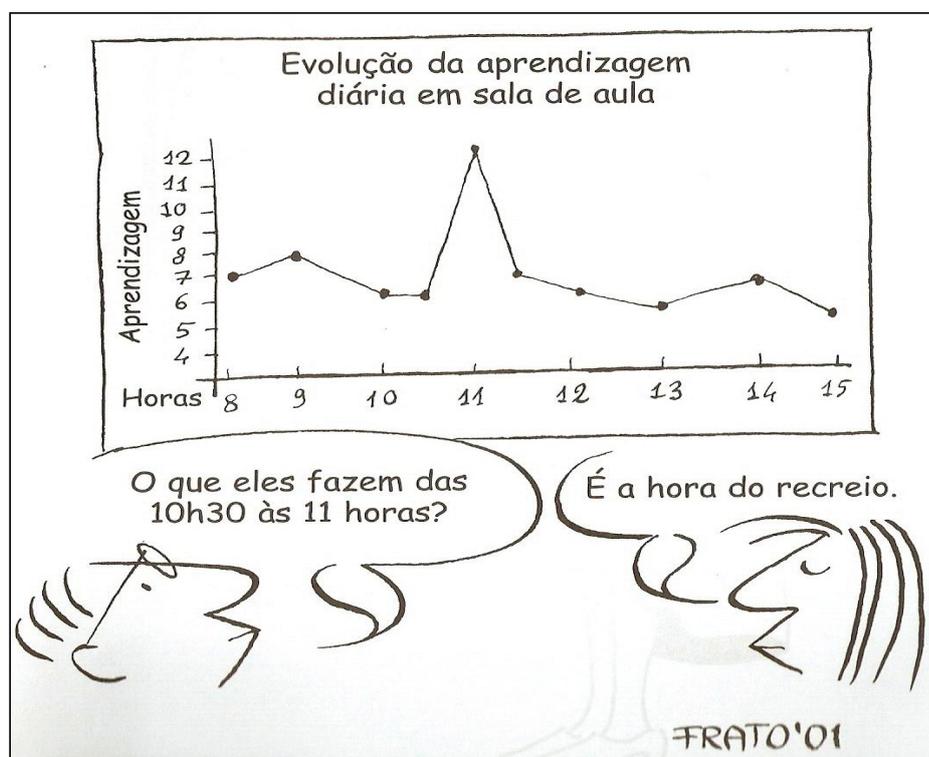


Fig. 33. Horário do recreio na escola.
Fonte: Tonucci, 2008.

As atividades realizadas pelos estudantes durante o horário do intervalo das aulas estariam inseridas no âmbito da sua cultura lúdica, caracterizada por Stigger (2009) como as atividades realizadas em espaços e tempos em que as pessoas estariam livres das obrigações e do trabalho, ocorrendo de acordo com as suas possibilidades de escolhas.

Ainda de acordo com o autor, estas atividades passariam por processos educativos, pelo fato de se inserirem no contexto das práticas da “cultura vivenciada no tempo disponível”, inseridas nos processos de socialização pelos quais as

peças passam por toda sua vida social, inclusive na escola (STIGGER, 2009, p. 82).

Stigger (2009) também cita a importância da reflexão em relação aos processos educacionais que acontecem em circunstâncias não formais, neste caso específico, que ocorrem no horário do intervalo, nos períodos em que não há aula, ou ainda naqueles em que os estudantes não estão em aula. O autor considera, em diversos estudos, que as vivências ocorridas no âmbito do lazer evidenciam-se como reguladoras do comportamento das pessoas e dos grupos, oferecendo referências para a vida individual e coletiva em cada universo particular.

Campolina e Oliveira (2009) também sinalizam tal possibilidade. Segundo as autoras "crianças e adolescentes, a partir das situações que vivenciam em contextos socioculturais concretos, aprendem comportamentos, afetos, aspirações e sentidos subjetivos, que refletem seu contexto cultural e institucional" (CAMPOLINA e OLIVEIRA, 2009, p. 376).

No caso do CEP, consideradas as características dos seus espaços físicos, a ampliação qualitativa das possibilidades de vivências no âmbito do lazer poderia influenciar de forma positiva na formação humana, que tem como base, segundo o Projeto Político Pedagógico da instituição (COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 2011, p. 26) "os ideais de equidade, de igualdade, de ética, de justiça social, de solidariedade e de democracia, e não ideais discriminatórios, individualistas, de dominação e exclusão social", por parte de estudantes, professores, funcionários e demais membros da comunidade escolar.

Com efeito, o que Arroyo (2011) chama de luminosidades, ou melhor, novas luminosidades devem ser procuradas e encontradas no âmbito escolar, luminosidades estas alimentadas a partir do cotidiano da escola, materializado por meio do convívio entre aqueles que são considerados os sujeitos do ato educativo.

Com base no exposto até o momento, o tópico a seguir é destinado às considerações finais da presente pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do mapeamento dos espaços ao ar livre que possibilitariam experiências no âmbito do lazer no Colégio Estadual do Paraná, percebeu-se que fatores como acesso, acessibilidade, limpeza, manutenção, organização e planejamento destes espaços poderiam ser considerados imprescindíveis para que estudantes, professores, funcionários e demais membros da comunidade escolar pudessem utilizar e se apropriar da escola como um todo. Estas possibilidades de uso e apropriação dos espaços podem refletir no sentido de reforçar as relações humanas dentro do ambiente escolar e, espera-se, ultrapassando seus muros, que ainda continuam altos em relação à cidade ao seu redor.

Os resultados desta pesquisa demonstraram, em relação às categorias manutenção, limpeza, acesso, iluminação e segurança, que os espaços externos pesquisados no Colégio apresentavam poucos problemas. Alguns dos problemas verificados, por meio da aplicação dos protocolos, foram observados nos espaços externos mais distantes ao edifício principal. Dentre as possíveis justificativas, pode-se inferir o número reduzido de funcionários (considerado por muitos dos participantes) para atender à demanda de espaços, tanto internamente quanto externamente, o pouco tempo destinado aos intervalos na instituição e o desconhecimento e desconsideração do potencial educativo desses espaços, principalmente dos pátios, por muitos dos responsáveis pela instituição, denotando menor preocupação, organização e planejamento em relação a estes locais.

Além disso, o planejamento e organização destes espaços e dos demais espaços escolares, visando a propiciar diversas formas de uso e apropriação por parte dos membros da comunidade escolar, desde que coerentes com as características inerentes à escola, poderiam possibilitar o estabelecimento de novas relações entre as pessoas, relações de respeito, de cuidado, de cooperação, de ajuda, de olhar e entendimento de que estão lado a lado no cotidiano da escola.

A pesquisa de fontes históricas demonstrou que os espaços externos (pátios) foram ressignificados com o passar dos anos, passando de locais destinados, no início, principalmente à circulação das pessoas, para locais onde poderiam ser realizadas atividades, contendo inclusive mobiliários e equipamentos que possibilitavam mais conforto (bancos, armários etc.), logo, novas formas de uso

e apropriação por parte não apenas dos estudantes, mas de toda a comunidade escolar.

Quanto às observações de campo, percebeu-se que as atividades realizadas pelos estudantes nos períodos de intervalo e inter turno, ou seja, fora do período formal das aulas, estavam relacionadas principalmente às conversas em pequenos grupos, passeios pelos pátios, leituras livres, lanche e descanso. Práticas corporais sistemáticas também foram observadas, como o tênis de mesa no espaço do Complexo do Planetário e o *Foursquare* no Pátio coberto da Ala par, denotando número reduzido de opções em relação à possibilidade de vivenciar a ludicidade por meio de práticas corporais nos tempos/espços escolares em que os estudantes não estavam em aula formal.

A possibilidade reduzida de vivências durante o intervalo pode estar relacionada com a falta de planejamento e organização dos intervalos, visto que o Colégio não possui, pelo menos até o término desta pesquisa, projeto de qualificação deste tempo escolar, embora tal possibilidade esteja garantida em documentos como o Projeto Político Pedagógico e o Regimento Escolar.

A dificuldade dos estudantes em acessar outros espaços externos do Colégio, como o complexo esportivo, também resultava na impossibilidade de muitos em vivenciarem a ludicidade, principalmente por meio de práticas corporais.

Espços como o campo gramado, a pista de atletismo, as quadras, arquibancadas, dentre outros, não foram objeto de estudo nesta pesquisa pelo fato de, na época da elaboração do projeto, não serem/estarem acessíveis aos estudantes nos tempos/espços em que não eram ministradas aulas formais, ou seja, nos intervalos e inter turnos. Entretanto, percebeu-se que tais espaços, por vezes eram utilizados e apropriados pelos estudantes, muitas das vezes sem o acompanhamento de inspetores ou disponibilidade de materiais pelo Colégio.

Quanto aos professores e funcionários, percebeu-se, por meio das observações de campo e das entrevistas, que a maioria não utilizava nem se apropriava dos espaços externos do CEP, embora fossem ofertadas diversas atividades relacionadas às Artes, à Educação Física e às Línguas Estrangeiras. Tal fato foi justificado principalmente pela falta de tempo destes profissionais no Colégio, considerado essencialmente como local de trabalho. Os relatos dos participantes apontaram que o CEP oferecia grande diversidade de espaços e atividades, que poderiam ser melhor aproveitados pela comunidade escolar, principalmente pelos

professores que, na maioria das vezes, utilizavam e se apropriavam dos espaços externos apenas nos momentos das aulas formais.

Boa parte dos entrevistados também criticou a falta de mais iniciativas e atividades destinadas a professores e funcionários nos períodos em que não estão trabalhando, além da pouca divulgação das atividades que eram ofertadas. Os professores ficavam, na sua maioria, restritos ao espaço da sala dos professores, e os funcionários, por sua vez, utilizavam e se apropriavam mais de outros espaços externos, como os jardins, por exemplo, demonstrando que havia pouca interação entre estudantes, professores e funcionários nos tempos/espços dos intervalos e inter turnos.

A apropriação dos diversos espaços escolares pelos membros da comunidade escolar, independente se estes espaços estiverem localizados "internamente" ou "externamente", além do entendimento de que todos os espaços influenciam-se e interrelacionam-se, pode auxiliar no estabelecimento das relações de uso, apropriação, trocas, ou seja, de ensino aprendizagem, não apenas em relação aos espaços da escola, mas com os demais espaços educativos da cidade, sejam eles públicos ou privados. Iniciar esse processo verdadeiramente educativo pelo ambiente escolar não pode, nem deve ser pensado como pré requisito para o uso e apropriação da cidade, e sim como algo que deva ocorrer simultaneamente, já que o espaço escolar está inserido no espaço mais amplo da cidade, não sendo uma ilha à parte e totalmente isolada.

Caberia à escola fazer a sua parte, prestar a sua contribuição enquanto instituição efetivamente educadora, o que poderia resultar em significativos avanços para a cidade e toda a sociedade, principalmente no que tange às relações humanas estabelecidas nos diversos tempos/espços da vida.

Em relação ao que acontecia durante os intervalos e inter turnos, percebeu-se, por meio da perspectiva dos participantes, que a maioria desconhecia o que ocorria nestes tempos/espços escolares nos locais onde os estudantes tinham acesso liberado (pátios). Além disso, quase todos os entrevistados entendiam que o CEP possuía diversos espaços que possibilitariam experiências de lazer, que poderiam inclusive refletir nas formas de uso e apropriação de outros espaços da cidade.

Entendendo a escola como sendo constituída por diversos espaços além dos tradicionais como as salas de aula, laboratórios e biblioteca, nos demais

espaços, como os pátios, por exemplo, experiências e aprendizagens significativas podem ocorrer e se consolidar, passando muitas vezes despercebidas aos olhos, vigilância e conhecimento de professores, funcionários, gestores, pais, responsáveis e inclusive de muitos estudantes. Essas experiências poderiam ser calcadas nos princípios da ludicidade e do lazer.

Em relação à concepção de lazer dos participantes, percebeu-se, por meio de suas respostas, que a maioria entendia o lazer como descanso, como um momento que propiciava prazer, um momento de realizar algo que quisessem e de que gostassem. O lazer enquanto fenômeno humanístico, que possibilita não apenas o descanso, mas também o divertimento e o desenvolvimento por meio do convívio social entre as pessoas, não foi verificado por meio das falas dos entrevistados, sugerindo a predominância de uma visão mais funcionalista do lazer.

Os entrevistados também entendiam que o lazer e a escola possuíam uma relação, principalmente pelo fato do Colégio contar com diversos espaços e oferecer inúmeras atividades culturais. Entretanto, não foi verificada menção ao fenômeno do lazer nos documentos que norteavam a concepção de escola e o funcionamento do Colégio (Projeto Político Pedagógico e Regimento Escolar).

A maioria dos entrevistados entendia que o lazer seria possível de ocorrer principalmente no contraturno escolar, mais especificamente durante as atividades ofertadas neste período, embora fossem elas direcionadas por um professor (Educação Física, Arte ou Línguas), portanto, não realizadas de forma totalmente livre e autônoma pelas pessoas, ou durante aquelas que possibilitavam liberdade de escolha em tempos/espaços disponíveis, como apresentações de teatro, música, dança, mostras, exposições, dentre tantas outras ofertadas no Colégio.

A diversidade de espaços ao ar livre que o Colégio dispõe seria um dos facilitadores para a ocorrência do lazer nas suas dependências. Estes espaços poderiam contemplar, respeitadas as suas características próprias e originais, diversas vivências lúdicas e de lazer, por meio da oferta de atividades e da potencialização das formas de uso e apropriação. Poderiam se efetivar como verdadeiros espaços/lugares de harmonia, de liberdade, por meio da valorização e potencialização das relações humanas, não apenas entre os estudantes, mas de todos os membros da comunidade escolar.

Desta forma, espaços como o bosque e os pátios possibilitariam ainda mais o encontro com os colegas, as rodas de conversa, o descanso, a contemplação, a

reunião de grupos, as comemorações, a leitura livre, espaço para criação e apresentações culturais, dentre tantas outras possibilidades relacionadas aos interesses culturais.

Os espaços do complexo esportivo (campo gramado, pista de atletismo, quadras e arquibancadas) poderiam se tornar espaços de vivência e potencialização de inúmeras práticas corporais, possibilitando experiências corporais, lúdicas e de lazer durante os tempos/espaços do intervalo e inter turno. Exemplos de atividades relacionadas às práticas corporais foram as oficinas de skate e bicicleta - realizadas por professores e estudantes durante a semana cultural de 2013 -, o evento Parkouritiba 2013 - em que praticantes de *Parkour*²⁶ de Curitiba e de outras cidades se encontraram no CEP para praticar, ensinar e trocar experiências -, as batalhas de *break*²⁷ promovidas pelo Grêmio estudantil durante alguns intervalos, a montagem e vivência de *Slackline*²⁸ durante alguns intervalos do turno da manhã - promovida por um professor de Educação Física -, a vivência de xadrez gigante e de tabuleiro - iniciativa de um estudante do turno da manhã -, dentre outras.

Além dos espaços físicos, outro facilitador seriam as forças coletivas²⁹ de estudantes, professores e funcionários, que poderiam agir no sentido de buscar, de forma conjunta e articulada, alternativas para o uso e apropriação dos espaços por meio de uma gama de possibilidades de vivências que propiciassem o lúdico, a liberdade, a alegria. O Colégio dispõe de vários setores como a Escolinha de Artes e a Educação Física, que juntamente com o Grêmio estudantil, o G.A.A., a Direção,

²⁶ O *Parkour* é a prática de se movimentar de forma rápida e eficiente pela cidade, superando qualquer obstáculo no percurso, usando apenas o corpo. É uma prática corporal contemporânea surgida no final do século XX, na França (PREREIRA e ARMBRUST, 2010).

²⁷ O *break*, também conhecido como dança de rua surgiu na década de 1930 nos Estados Unidos, quando dançarinos desempregados faziam seus shows nas ruas. Para Darido e Júnior (2007) os representantes da cultura *hip-hop* atualmente são os principais praticantes e difusores desta dança.

²⁸ Prática corporal surgida na década de 1980 com montanhistas. Consiste em uma fita de *nylon* presa entre duas árvores, colunas ou outro objeto resistente. Possui modalidades diferentes para cada perfil de praticante, podendo ser praticada em parques, praças, ruas, montanhas, sobre rios e/ou piscinas etc.

²⁹ Para Tschoke *et al.* (2011) as forças coletivas surgiram a partir da autonomia individual. As forças coletivas seriam potencializadas a partir do momento que pudéssemos pensar e agir para além de nós mesmos enquanto indivíduos (forças individuais), ou seja, de forma coletiva e integrada com outras pessoas (forças coletivas). Estas forças sociais (individuais e coletivas) poderiam, a partir de sua atuação nos espaços, possibilitar que os mesmos se tornassem vivos, por meio de diversas possibilidades de apropriação ou que permanecessem vazios.

Equipe Pedagógica dentre outros, poderiam buscar parcerias e projetos visando a qualificar culturalmente os tempos/espços dos intervalos e inter turnos.

Por meio dos relatos dos participantes e das observações de campo tal fato ficou evidente, denotando a falta de articulação e diálogo entre muitas das pessoas que desenvolvem seu trabalho nesses setores no Colégio.

Em relação às possíveis barreiras apontadas pelo estudo, a primeira delas seria a ausência de planejamento e organização dos tempos escolares em que os estudantes estariam sem aula formal, principalmente nos intervalos. Esta barreira poderá ser transposta no futuro breve, conforme relatos de vários dos participantes, que demonstraram preocupação e vontade de ajudar, visando à qualificação deste tempo escolar. Outro indício é o fato dos documentos que norteiam o Colégio, como o PPP e o Regimento Escolar, apontarem para a possibilidade de planejamento e organização do intervalo, mediante projeto apresentado pela equipe diretiva.

Outra barreira quanto ao uso e apropriação dos espaços externos do Colégio verificada por meio deste estudo foi a dificuldade de acesso a determinados espaços, principalmente aqueles localizados no complexo esportivo, como as quadras, o campo gramado, a pista de atletismo e as arquibancadas. Embora, conforme visualizado por meio das observações de campo, tais espaços estivessem sendo acessados pelos estudantes durante o intervalo e inter turno, percebeu-se também a ausência de planejamento quanto ao uso desses espaços, seja pela falta de inspetores nos locais ou pela indisponibilidade de oferta de materiais para a realização de atividades, visto que os estudantes tinham que trazer objetos de casa, prática proibida pelo Regimento Escolar. Esta falta de planejamento e organização em relação a este acesso atualmente permitido poderia resultar, futuramente, na total proibição de acesso destes espaços por parte dos estudantes.

Como barreira pode-se citar também a visão de alguns dos responsáveis pela organização e planejamento dos espaços no Colégio, que entendiam, segundo relatado nas entrevistas, o horário do intervalo como momento de descanso apenas, destinado à recuperação das energias para a volta às aulas. Esta visão desconsidera e desqualifica o tempo/espço do intervalo como tempo/espço que possibilita uma diversidade de aprendizagens, por meio da oferta de espaços e atividades aos estudantes, professores e funcionários. Para muitos dos entrevistados, principalmente professores, o ambiente escolar é um local onde apenas o trabalho é visualizado e possível.

Diante disso, entendo que a ocorrência de vivências no âmbito do lazer é uma realidade no CEP, sendo estas efetivadas em diversos dos seus espaços, estejam eles localizados no edifício principal ou ao seu redor, principalmente nos momentos em que as pessoas não estão envolvidas com o trabalho, seja ele educativo ou não. Muitas dessas vivências, principalmente aquelas materializadas nos espaços externos às salas de aula, ocorrem nas brechas surgidas nos diversos tempos escolares, principalmente nos momentos dos intervalos, dos inter turnos ou nas atividades culturais oferecidas pelo Colégio, como apresentações, mostras, exposições etc.

É importante ressaltar que tais vivências, para estarem relacionadas ao fenômeno do lazer, devem ser experienciadas a partir da livre escolha das pessoas, nos tempos/espacos que têm disponíveis.

Para a inclusão e verdadeira inserção do lazer no ambiente escolar torna-se imprescindível a predisposição e ação conjunta de membros da comunidade escolar, principalmente dos gestores e responsáveis pela administração e organização da escola.

Não obstante, não bastaria apenas um olhar, discussão e busca de formação em relação ao fenômeno do lazer e sua inclusão nos currículos escolares. Seria preciso também possibilitar a sua materialização e a potencialização do que já ocorre, por meio da oferta de vivências que propiciassem o convívio a partir de experiências culturais diversas, sem desconsiderar, mas sim valorizando toda a gama de experiências das pessoas, vividas em outros contextos da cidade. Seria preciso possibilitar uma educação por meio do lazer no ambiente escolar, que proporcionasse também uma educação para o lazer, seja na escola, seja para além dos seus muros.

Desta forma, o lazer tornar-se-ia um verdadeiro inédito viável, na acepção de Paulo Freire, um inédito real e verdadeiro que possibilitaria novas formas de convivência na escola, tornando-a uma escola mais viva, que não preparasse apenas para o mundo do trabalho, mas que possibilitasse a cada um viver da forma mais plena possível suas potencialidades, conhecendo novos e diferentes modos de pensar e viver em um mundo contemporâneo que se transforma a passos largos e apressados.

Entre avanços e retrocessos, entre liberdades condicionadas e formas de repressão veladas ou explícitas, a escola se faz, se constrói ou desconstrói dinâmica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.A.B.; GUTIERREZ, G.L. **O lazer no Brasil: de Getúlio Vargas à globalização**. São Paulo: Phorte, 2011.

ALVES, Gilberto Luiz. **A produção da escola pública contemporânea**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

ARROYO, Miguel G. O aprendizado do direito à cidade: Belo Horizonte - a construção da cultura política. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 26, p. 23-38, dez. 1997.

_____, Miguel. Educação e exclusão da cidadania. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** Ester Buffa, Miguel Arroyo e Paolo Nosella (Orgs.). 14. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____, Miguel. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

AZEVEDO, G.A.N.; RHEINGANTZ, A.; TÂNGARI, V.R. Pátio escolar – que lugar é esse? In: **O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres: uso, forma e apropriação**. Gisele A. N. Azevedo, Vera R. Tângari e Paulo A. Rheingantz (Orgs.). Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011.

BADIA, Denis D. Cultura, imaginário e escola. In: **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Rosa Fátima de Souza e Vera Teresa Valdemarin (Orgs.). Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

BALMANT, Ocimara. Em péssimo estado de conservação. In: **Revista Nova Escola**. Ano IV, nº 19, 2012.

BATISTA, Cleide Vitor Mussini; MARTINS, Fábio Luís. Manifestações lúdicas de lazer e a escola: a diversidade em questão. In: **Educação em Revista**, Marília, v.9, n.1, p.47-60, jan.-jun. 2008.

BENCOSTTA, Marcus Levy; CORREIA, Ana Paula Pupo. Arquitetura moderna e espaços modelares para as práticas esportivas em ambiente escolar: o exemplo do Colégio Estadual do Paraná (Curitiba, 1943-1950). In: **Revista Linhas** (Revista do

Programa de Pós Graduação em Educação - UDESC), Florianópolis, v. 12, n. 01, p. 95 – 110, jan. / jun. 2011.

BOTO, Carlota. A civilização escolar como projeto político e pedagógico da modernidade: cultura em classes, por escrito. In: **Cad. Cedes**, Campinas, v. 23, n. 61, p. 378-397, dezembro 2003.

BRARDA, Analia; RIOS, Guillermo. Argumentos e estratégias para a construção da Cidade Educadora. In: GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto; CABEZUDO, Alicia. (Orgs.). **Cidade Educadora**: princípios e experiências. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196/96**. Brasília, DF; 2003.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 44. ed. atualizada e ampliada. São Paulo: Saraiva, 2010.

BRACHT, Valter. Educação Física escolar e Lazer. In: WERNECK, C.L.G.; ISAYAMA, H.F. (Orgs.). **Lazer, Recreação e Educação Física**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2003. P. 147-172.

CAMARGO, Luiz Octávio L. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMPOLINA, Luciana de Oliveira; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. Cultura escolar e práticas sociais: episódios cotidianos da vida escolar e a transição para a adolescência. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.35, n.2, p. 369-380, maio/ago. 2009.

CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB fácil**: leitura critico-compreensiva, artigo a artigo. 17 ed. Atualizada e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CASTRO, Elizabeth Amorim de; IMAGUIRE, Marialba Rocha Gaspar. **Ensaios sobre a Arquitetura em Curitiba 2**: Colégios e Educandários. Curitiba: Maxigráfica e Editora Ltda, 2006.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 15 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e lugar: elos da produção da existência. In: **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer, Livia de Oliveira (Orgs.). São Paulo: Perspectiva, 2012.

COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. **Projeto Político-Pedagógico**. Colégio Estadual do Paraná: Ensino fundamental, médio e profissional. Curitiba, 2011.

COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. **Regimento Escolar**. Colégio Estadual do Paraná: Ensino fundamental, médio e profissional. Curitiba, 2013.

CORREIA, Ana Paula Pupo. Arquitetura escolar: a cidade e a escola rumo ao “progresso” – Colégio Estadual do Paraná (1943-1953). In: **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. Marcus Levy Albino Bencostta (Org.). São Paulo: Cortez, 2005.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. de. **Para ensinar Educação Física**. Campinas: São Paulo: Papyrus, 2007.

DELALANDE, Julie (2012). O pátio de recreio: um lugar de socialização e de cultura infantis. In: **Aprender pela vida cotidiana**. Gilles Brougère & Anne-Lise Ulmann (Orgs.). Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

ELALI, Gleice A. Do intramuros ao extramuros: comentários sobre a apropriação dos espaços livres da escola e pela escola. In: **O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres**: uso, forma e apropriação. Gisele A. N. Azevedo, Vera R. Tângari e Paulo A. Rheingantz (Orgs.). Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011.

ESCOLANO, Agustín. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Antonio Viñao Frago e Agustín Escolano (Orgs.). 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FARIA, Ana Beatriz Goulart de. O pátio escolar como ter[ritó]rio [de paisagem] entre a escola e a cidade. In: **O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres**:

uso, forma e apropriação. Gisele A. N. Azevedo, Vera R. Tângari e Paulo A. Rheingantz (Orgs.). Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011.

FARIA, Eliene L.; DEBORTOLI, José A. O.; RESENDE, Leandra F.; COELHO, Luciano S.; LUCE, Patrícia C. Lazer e educação: abordando as práticas culturais de crianças e jovens como contexto de aprendizagem. In: **Estudos do Lazer: um panorama**. Hélder Ferreira Isayama e Silvio Ricardo da Silva (Orgs.). Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. Marcus Levy Albino Bencostta (Org.). São Paulo: Cortez, 2007.

FARFUS, Daniele. **Espaços educativos: um olhar pedagógico**. Curitiba: Ibpex, 2011.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro. **Caos – espaço – educação**. São Paulo: ANNABLUME, 1994.

FREIRE, João Batista. **O jogo: entre o riso e o choro**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Uma só escola para todos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

_____, Moacir. **Escola cidadã**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____, Moacir. **Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito**. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto; CABEZUDO, Alicia. (Orgs.). **Cidade Educadora: princípios e experiências**. São Paulo: Cortez, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer, trabalho e educação: Relações históricas, questões contemporâneas**. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____, Christianne Luce. Estudos do Lazer e Geopolítica do Conhecimento. In: **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.3, set/2011.

GONÇALVES, F.M.; FLORES, L.R. Espaços livres em escolas – questões para debate. In: **O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres: uso, forma e apropriação**. Gisele A. N. Azevedo, Vera R. Tângari e Paulo A. Rheingantz (Orgs.). Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011.

GROENEWALD, T. *A phenomenological research design Illustrated*. **International Journal of Qualitative Methods**. v. 3, n. 1, 2004.

GUTIERREZ, G. L. **Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. 22 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

JANOSZ, M.; GEORGES, P.; PARENT, S. *L'environnement Socioéducatif à l'École Secondaire: Um Modèle Théorique pour Guider l'Évaluation du Milieu* (O ambiente socioeducativo na escola secundária: um modelo teórico para guiar a avaliação do meio). In: **Canadian Journal of Psycho-Education**. v. 27, n. 2, 1998, p. 285-306.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, n.1, jan./jun. 2001

KOWALTOWSKI, Doris C. C. **Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

KOWALTOWSKI, D. C. C.; DELIBERADOR, M. S. Os pátios e as áreas livres no processo de projeto de arquitetura escolar no Estado de São Paulo. In: **O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres: uso, forma e apropriação**. Gisele A. N. Azevedo, Vera R. Tângari e Paulo A. Rheingantz (Orgs.). Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 22 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

LICENCIAR. **Relatório do Programa Licenciár**. Ano 2011. Pró-reitoria de graduação e educação profissional. Coordenação de políticas de formação de professor. UFPR, 2012.

LICENCIAR. **Relatório do Programa Licenciár**. Ano 2012. Pró-reitoria de graduação e educação profissional. Coordenação de políticas de formação de professor. UFPR, 2013.

MARANDOLA Jr. Sobre ontologias. In: **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer, Lívia de Oliveira (Orgs.). São Paulo: Perspectiva, 2012.

MARCASSA, Luciana. **As faces do lazer: categorias necessárias à sua compreensão**. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Caxambu, 2003.

MARCASSA, L. Lúdico. In: **Dicionário Crítico de Educação Física**. Fernando Jaime González, Paulo Evaldo Fensterseifer (Orgs.). 2. ed. rev. Ijuí: Editora Unijuí, 2008.

MARCASSA, L.; MACARENHAS, F. Lazer. In: **Dicionário Crítico de Educação Física**. Fernando Jaime González, Paulo Evaldo Fensterseifer (Orgs.). 2. ed. rev. Ijuí: Editora Unijuí, 2008.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: Uma Introdução**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

_____, Nelson Carvalho. **Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana: o caso da RMC - Região Metropolitana de Campinas**. Nelson

Carvalho Marcellino, Felipe Soligo Barbosa, Stéphanie Helena Mariano, Alice da Silva, Érica Aparecida de Oliveira Fernandes (Orgs.). Curitiba, PR: OPUS, 2007.

_____, Nelson Carvalho. **Lúdico, educação e educação física**. Nelson Carvalho Marcellino (Org.). 3 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

_____, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. 16. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

MARCELLINO, N.C.; SILVA, D.A.M.; STOPPA, E.A.; ISAYAMA, H.F.; MELO, V.A. **Dimensão cultural do lazer no cotidiano escolar**. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2011.

MARINHO, Alcyane; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Dos clássicos aos contemporâneos: revendo e conhecendo importantes categorias referentes às teorias do lazer. In: **Teorias do Lazer**. Giuliano Gomes de Assis Pimentel (Org.). Maringá: Eduem, 2010.

MELO, S.I.L. **Apostila do processo de validação de instrumentos de medida**. Florianópolis: UDESC, 2002.

MELO, V. A. Conteúdos Culturais. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MEURER, Sidmar dos Santos. **Para descanso do 'espírito' e provento do 'vigor físico'**: o processo de institucionalização do recreio no currículo da escola primária paranaense (1901 – 1924). 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

MILITÃO, Albigenor; MILITÃO, Rose. (2000). **Jogos, dinâmicas & vivências grupais**. Rio de Janeiro: Qualitymark.

MOLINA, ROSANE MARIA K. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. In: **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Vicente Molina Neto e Augusto N. S. Triviños (Orgs.). 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MOLL, Jaqueline. A cidade educadora como possibilidade - apontamentos. In: **Cidade educadora: a experiência de Porto Alegre**. Leslie Toledo; Maria Luiza Rodrigues Flores e Marli Conzatti (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2004.

MONTEIRO, Sueli Aparecida Itman. Cultura escolar e imaginário. In: **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Rosa Fátima de Souza e Vera Teresa Valdemarin (Orgs.). Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

OLIVEIRA, Márcio Piñon de. Para compreender o “Leviatã Urbano” – A cidadania como nexos político-territorial. In: **A produção do espaço urbano**. Agentes e processos, escalas e desafios. CARLOS, A.F.A.; SOUZA, M.L.; SPOSITO, M.E.B. (Orgs.). São Paulo: Editora Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Sueli Mara de; BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. **O trabalho e o lazer como unidade dialética no processo de humanização**. In: Anais da 35ª Reunião Anual da ANPEd. Educação, cultura, pesquisa e projetos de desenvolvimento: O Brasil do século XXI. Porto de Galinhas: Pernambuco, 2012.

PACHECO, Eliezer. A cidade educando a escola. In: **Cidade educadora: a experiência de Porto Alegre**. Leslie Toledo; Maria Luiza Rodrigues Flores e Marli Conzatti (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2004.

PACHECO, R. T. B. A escola pública e o lazer: impasses e perspectivas. In: **Dialética do lazer**. Valquíria Padilha (Org.). São Paulo: Cortez, 2006.

_____, R. T. B. Lazer, educação e cidadania: qual o papel da escola pública. In: **Revista Lazer e Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. dezembro, p. 9-27, 2010.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **O mundo da criança**. 8 ed. Lisboa: McGraw-Hill, 2001.

PELLEGRIN, Ana De. Espaço de lazer. In: **Dicionário crítico do lazer**. Christianne Luce Gomes (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PEREIRA, Maria Beatriz Oliveira. Lazer e educação na infância, pensar os espaços de recreio. In: **Lazer no espaço urbano: transversalidade e novas tecnologias**. João Eloir Carvalho (Org.). Curitiba: Champagnat, 2006.

PEREIRA, Beatriz; CARVALHO, Graça (Orgs.). “**Novos modelos de análise e intervenção**: actas do Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde, 2, Braga, Portugal, 2005”. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2005.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. 1. ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

PINTO, L. M. S. M. Vivência lúdica no lazer; análise de jogos, brinquedos e brincadeiras. In: MARCELLINO, Nelson. (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Papirus, 2007.

QUINO. Joaquim Salvador Lavado. **Toda Mafalda**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RECHIA, S. O jogo do espaço e o espaço do jogo em escolas da cidade de Curitiba. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v.27, n.2, p. 91-104, jan. 2006.

RECHIA, Simone; FRANÇA, Rodrigo de. O estado do Paraná e seus espaços e equipamentos de esporte e lazer: apropriação, desapropriação ou reapropriação? In: **Esporte e Lazer**: subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas. Fernando Marinho Mezzadri; Fernando Renato Cavichioli; Doralice Lange de Souza (Orgs.). Jundiaí: Fontoura, 2006.

RECHIA, Simone, BETRÁN Javier Olivera. Parques urbanos de Barcelona: relação entre usos principais e combinados, a diversidade nas formas de apropriação e a segurança. In: **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 181-202, julho/setembro, 2010.

RECHIA, Simone; FONSECA, Fernando R. da; SANTOS, Karine do Rocio V. dos; VIEIRA, Flavia Gonzaga L.; TSCHOKE, Aline; SILVA, Emilia Amélia P. Costa e. Os espaços retratados no Colégio Estadual do Paraná: Diferentes olhares, uma mesma realidade. In: **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.4, dez/2013.

RODRIGUES, S.B.P. **Espaço escolar e cidadania excluída**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

ROMALLI, O. de O. **História da Educação no Brasil**: (1930/1973). 31 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SALLAS, A.L.F.; VILLA, R.D.; BEGA, M.T.S.; MORAES, P.R.B.; AMARAL, C.; ANDRADE, C.C.; SILVA, S.L.C.; GUIMARÃES, P.R.B.; WAISELFISZ, J.J. **Os jovens de Curitiba: esperanças e desencantos, juventude, violência e cidadania.** 2 ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2008.

SCAGLIA, Alcides. **Jogo: um sistema complexo. O jogo dentro e fora da escola.** Silvana Venâncio e João Batista Freire (orgs.). Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SANTIN, Silvino. **Da alegria do Lúdico à opressão do rendimento.** Porto Alegre: EST/ESEF-UFRGS, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4ª ed. 4. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____, Milton. **Por uma outra globalização.** Do pensamento único à consciência universal. 20ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SANTOS, Karine do Rocio Vieira dos. **Forças sociais no Parque Cachoeira em Araucária - PR: Conexões entre estrutura físico – espacial, cultura local e formas de apropriação.** 2010. 75 f. Monografia (Graduação) - Bacharelado em Educação Física. Departamento de Educação Física. UFPR, Curitiba. 2010.

SANTOS, G. F. L. **Jogos tradicionais e a Educação Física.** Londrina: EDUEL, 2012.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações.** 11. ed. rev. 1ª reimpr. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SCHNEIDER, Gabriela. **Política educacional e instrumentos de avaliação: Pensando um índice de condições materiais da escola.** 2010. 250 f. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação em Educação, do Setor de Educação, UFPR, Curitiba, 2010.

SIEESP. Sindicato dos estabelecimentos de ensino do Estado de São Paulo. Disponível em: < <http://www.sieeesp.org.br/index.php?acao=51&codigo=386>>. Acesso em: 15 set 2011.

SILVA, Diego Augusto Santos Silva; SILVA, Roberto Jerônimo dos Santos Silva; PETROSKI, Edio Luiz. Comportamento sedentário no recreio escolar e fatores sociodemográficos associados. In: **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 21, n. 2, p. 255-261, 2. trim. 2010.

SILVA, Tiago Felipe da. Lazer, Escola e Educação Física Escolar: Encontros e Desencontros. In: **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.1, mar/2011.

SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 2. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

STIGGER, Marco Paulo. Lazer, cultura e educação: Possíveis articulações. In: **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 73-88, jan. 2009.

STRAUBE, Ernani Costa. **Do Licêo de Curitiba ao Colégio Estadual do Paraná**. Curitiba: FUNDEPAR, 1993.

TONUCCI, F. **Frato**: 40 anos com olhos de criança. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TRILLA, Jaume. **A pedagogia da felicidade**: superando a escola entediante. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____, Jaume. A educação não-formal. In: **Educação formal e não-formal**: pontos e contrapontos. Trilla, J.; Ghanem, E.; Arantes, V.A. (Orgs.). São Paulo: Summus, 2008.

TSCHOKE, Aline; TARDIVO, Thais Gomes; RECHIA, Simone. Como a escola se tornou também espaço de lazer da comunidade: os programas inseridos a escola Maria Marly Piovezan. In: **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 1-11, jan./abr. 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo, Difel, 1983.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

UFPR. Licenciatar 2013. Disponível em: <<http://www.prograd.ufpr.br/licenciar.html>>. Acesso em 20 de março de 2013.

VASSIMON, T. R. A renovação das escolas do Rio de Janeiro no período de 2001 a 2010. In: **In: O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres: uso, forma e apropriação. Gisele A. N. Azevedo, Vera R. Tângari e Paulo A. Rheingantz (Orgs.). Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011.**

VIÑAO FRAGO, Antonio. *Historia de la educación y historia cultural: Posibilidades, problemas, cuestiones*. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 0, Set/Out/Nov/Dez 1995.

_____, Antonio. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Antonio Viñao Frago e Agustín Escolano (Orgs.). 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VULBEAU, Alain. A educação ao longo da cidade. In: **Aprender pela vida cotidiana**. Gilles Brougère & Anne-Lise Ulmann (Orgs.). Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ANEXOS

ANEXO 1: Protocolo de observação de espaços e equipamentos de lazer – GEPLEC – Colégio Estadual do Paraná

MATERIAL NECESSÁRIO: Prancheta, caneta, fita métrica e câmera fotográfica.

A. Nome (*nome Oficial do espaço*):

B. Endereço:

C. Área total (*Quanto mede a área ocupada pelo espaço?*):

D. Data da observação:

E. Horário da observação:

F. Contato do espaço: (*nome do responsável pelo espaço, caso haja*):

G. E-mail (*do responsável*):

H. Telefone (*do responsável*):

I. Órgão responsável (*Órgão responsável pelo espaço, prefeitura, estado, privado, etc.*):

J. Localização (*do órgão responsável*):

K. Horário de funcionamento:

L. Valor (*Se há cobrança de alguma taxa para a utilização de qualquer espaço ou equipamento e o valor cobrado*).

FUNÇÃO PRIMÁRIA (1)**FUNÇÃO SECUNDÁRIA (2)**

(Coloque dentro dos parênteses, na ordem que achar mais conveniente, de usos primários e secundários. As funções que não tiverem relação com o espaço podem ser deixadas em branco).

- | | | | |
|---|--|--|-------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Trabalho | <input type="checkbox"/> Educação | <input type="checkbox"/> Religiosa | <input type="checkbox"/> Viários |
| <input type="checkbox"/> Cívicos | <input type="checkbox"/> Domésticos | <input type="checkbox"/> Gastronômicos | <input type="checkbox"/> Ecológicas |
| <input type="checkbox"/> Esportivas | <input type="checkbox"/> Recreativas | <input type="checkbox"/> Turismo | <input type="checkbox"/> Sociais |
| <input type="checkbox"/> De expressão física e atlética | <input type="checkbox"/> Qualidade de Vida | <input type="checkbox"/> Culturais | <input type="checkbox"/> |
- Outros. Quais
-
-

HISTÓRICO

Ano de fundação: _____

Breve descrição (Resumo da história do local, o que tinha antes no lugar, porque se deu sua construção, reformas ocorridas, etc.):

1. CONDIÇÕES DE MANUTENÇÃO**1.1 Limpeza:**

1.1.1 O serviço de limpeza atende a demanda do espaço?-----(Sim Não)

1.1.2 Qual a periodicidade da limpeza do local?

1.2 Segurança:

1.2.1 A estrutura do equipamento atende as necessidades de segurança (extintores, saídas de emergência, grades e etc.)?-----(Sim Não)

Por quê?

1.2.2 Você sente-se seguro neste local?-----(Sim Não)

1.2.3 Há rondas periódicas de guardas e/ou policias no local?-----(Sim Não)

1.2.4 A periodicidade das rondas é adequada?-----(Sim Não)

1.3 Iluminação:

1.3.1 O local é bem iluminado internamente?-----(Sim Não)

1.3.2 O local é bem iluminado externamente?-----(Sim Não)

Obs:

1.4 Manutenção:

1.4.1 Existe serviço de manutenção?----- () Sim () Não

1.4.2 O serviço de manutenção é adequado?----- () Sim () Não
Por quê?**2. ACESSO AO LOCAL**

2.1 Linha de ônibus adaptado:----- () Sim () Não

2.1.1 Quais linhas?

2.2 Há ponto de ônibus com faixa de circulação livre de 1,20m?----- () Sim () Não

3. CALÇADA EM FRENTE

3.1 Existe calçada de acesso?----- () Sim () Não

3.2 Inclinação:----- () Nível () Inclinação

3.3 Apresenta desníveis (*buracos*):----- () Sim () Não

3.4 Largura da calçada:----- () > 1,20m () < 1,20 m

3.5 Possui obstáculos?----- () Sim () Não

3.6 O calçamento é antiderrapante e plano?----- () Sim () Não

3.7 Existem guias rebaixadas de acesso ao equipamento?----- () Sim () Não

3.8 Piso tátil de alerta próximo a desníveis, guias rebaixadas?----- () Sim () Não

3.9 Existem folhas e flores caídas no chão, deixando-o escorregadio? () Sim () Não

3.10 Há dispositivo de acionamento de pedestres entre 0,80 a 1,20m ? () Sim () Não

3.11 Há Bancos na rota acessível, inviabilizando a passagem?----- () Sim () Não

3.12 Há Vasos e plantas na rota acessível, inviabilizando a passagem?----- () Sim () Não

4. ESTACIONAMENTO

4.1 Existe estacionamento?----- () Sim () Não

4.1.1 Atende a demanda?----- () Sim () Não

4.2 Existe bicicletário?----- () Sim () Não

4.2.1 Atende a demanda?----- () Sim () Não

4.3 1% de vagas demarcadas para pessoas com deficiência:----- () Sim () Não

4.4 Dimensão da vaga: 5m X 2,50+1,20m de faixa de circulação:----- () Sim () Não

4.5 Sinalizadas:----- () Sim () Não

4.6 Vagas próximas ao acesso:----- () Sim () Não

5. CIRCULAÇÃO INTERNA DO EQUIPAMENTO

- 5.1 Piso regular, firme e estável:----- () Sim () Não
- 5.2 Passagem livre com mínimo de 1,20m de largura:----- () Sim () Não
- 5.3 Possui escadas:----- () Sim () Não
- 5.4 Possui rampa:----- () Sim () Não
- 5.4.1 Largura mínima de 1,20m:----- () Sim () Não
- 5.4.2 Inclinação máxima de 8,33%:----- () Sim () Não
- 5.5 Possui obstáculos para a circulação?----- () Sim () Não
- 5.6 Existe Comunicação Visual interna (placas, etc.) no equipamento?() Sim () Não
- 5.6.1 A comunicação visual interna é adequada?----- () Sim () Não
- Por quê?
-
-

6. CIRCULAÇÃO EXTERNA DO EQUIPAMENTO

- 6.1 Piso regular, firme e estável:----- () Sim () Não
- 6.2 Passagem livre com mínimo de 1,20m de largura:----- () Sim () Não
- 6.3 Possui escadas:----- () Sim () Não
- 6.4 Possui rampa:----- () Sim () Não
- 6.4.1 Largura mínima de 1,20m:----- () Sim () Não
- 6.4.2 Inclinação máxima de 8,33%:----- () Sim () Não
- 6.5 Possui obstáculos para a circulação?----- () Sim () Não
- Por quê?
-
-

- 6.6 Existe Comunicação Visual externa (placas, etc.) no equipamento?() Sim () Não
- 6.6.1 A comunicação visual externa é adequada?----- () Sim () Não
- Por quê?
-
-

7. SANITÁRIOS

- 7.1 Possui sanitários exclusivos para usuários?----- () Sim () Não
- 7.1.1 O número de sanitários atende a demanda?----- () Sim () Não
- 7.2 A limpeza dos sanitários é satisfatória?----- () Sim () Não
- 7.3 A manutenção dos sanitários é satisfatória?----- () Sim () Não
- 7.4 Os sanitários atendem todos os tipos de público?----- () Sim () Não
- Por quê?
-
-

- 7.5 A Localização é próxima da circulação principal?----- () Sim () Não
- 7.6 Há portas com abertura externa sem interferir na circulação:----- () Sim () Não
- 7.7 Há símbolo internacional de acesso?----- () Sim () Não

7.8 O piso é antiderrapante?----- () Sim () Não

8. VASO SANITÁRIO

8.1 Possui vaso sanitário?----- () Sim () Não

8.1.1 A quantidade atende a demanda do equipamento?----- () Sim () Não

8.2 A porta tem fácil abertura em caso de travamento?----- () Sim () Não

8.3 Box mínimo de 1,50m X 1,70m:----- () Sim () Não

8.3.1 Box com porta c/ abertura externa:----- () Sim () Não

8.4 Altura total de 0,46m do piso:----- () Sim () Não

8.5 Válvula de descarga no máximo 1,00m do piso:----- () Sim () Não

8.6 Alavanca para acionamento da válvula:----- () Sim () Não

Obs:

9. LAVATÓRIO

9.1 Possui Lavatório?----- () Sim () Não

9.1.1 A quantidade atende a demanda do local?----- () Sim () Não

9.2 Suspenso ou meia coluna:----- () Sim () Não

9.3 Proteção de sifão a 0,25m de face frontal:----- () Sim () Não

9.4 Altura máxima de 0,80m:----- () Sim () Não

9.5 Altura livre inferior de 0,73m do piso:----- () Sim () Não

9.6 Torneira automática ou de pressão no máximo de 0,50m frontal:----- () Sim () Não

9.7 Barra de apoio na altura do lavatório:----- () Sim () Não

9.8 Espelho plano a 0,90m do piso e altura de 1,80m:----- () Sim () Não

9.9 Espelho inclinado:----- () Sim () Não

9.10 Apoio para volumes de 0,80m a 1,20m do piso:----- () Sim () Não

9.11 Saboneteira de 0,80 a 1,20m do piso:----- () Sim () Não

10. MOBILIÁRIO

10.1 Telefone

10.1.1 Possui telefone público?----- () Sim () Não

10.1.2 O aparelho funciona?----- () Sim () Não

10.1.3 Existem telefones adaptados?----- () Sim () Não

10.1.4 Área de aproximação frontal com 0,80m X 1,20m:----- () Sim () Não

10.1.5 Altura inferior e livre de 0,73m do piso:----- () Sim () Não

10.1.6 Sinalização tátil de alerta:----- () Sim () Não

10.1.7 Comandos entre 0,80m e 1,20m:----- () Sim () Não

10.2 Bebedouro

10.2.1 Possui Bebedouro?----- () Sim () Não

10.2.1.1 Atende a demanda?----- () Sim () Não

10.2.2. Atende diversos públicos (def físicos, idosos, crianças etc.)?---- () Sim () Não

Por quê?

-
-
- 10.2.3 Altura livre inferior de 0,73m:----- () Sim () Não
 10.2.4 Bica no lado frontal a no máximo 0,90m do chão:----- () Sim () Não
 10.2.5 Existe manutenção no mobiliário?----- () Sim () Não
 10.2.6 A manutenção é adequada?----- () Sim () Não
 Por quê?
-
-

10.3 Recepção e administração

- 10.3.1 Existem materiais e equipamentos para atendimento ao cidadão?() Sim () Não
 Obs:
-
-

- 10.3.2 Os equipamentos e materiais são adequados?----- () Sim () Não
 10.3.3 Os equipamentos e materiais atendem a demanda?----- () Sim () Não

10.4 Almoxarifado

- 10.4.1 Existe almoxarifado?----- () Sim () Não
 10.4.1.1 O espaço é adequado?----- () Sim () Não
 Obs:

10.5 Outros itens do mobiliário

Obs:

11. EQUIPAMENTOS DE ESPORTE E LAZER

11.1 Equipamento A (nome do equipamento):

- 11.1.2 O estado de conservação do equipamento é satisfatório?:----- () Sim () Não

Por quê?

- 11.1.3 Existem materiais para a prática da atividade?----- () Sim () Não

Quais?

11.1.4 Os materiais atendem a demanda?----- () Sim () Não

11.1.5 Piso regular, firme e estável:----- () Sim () Não

11.1.6 Possui escadas:----- () Sim () Não

11.1.7 Possui rampa:----- () Sim () Não

11.1.8 Formas de utilização pela comunidade:

() Trabalho

() Educação

() Religiosa

() Viários

() Cívicos

() Domésticos

() Gastronômicos

() Ecológicas

() Esportivas

() Recreativas

() Turismo

() Sociais

() De expressão física e atlética

() Qualidade de Vida

() Culturais

()

Outros. Quais:

11.1.9 Descreva as faixas etárias/ gênero predominante, conforme os horários de uso:**Manhã:**

Tarde:

Noite:

11.1.10 Atividades propostas/projetos/programas (Atividades formais, aulas e etc. Especificar programa, modalidade e faixa etária atendida):

ANEXO 2: Roteiro das entrevistas semiestruturadas – EQUIPE DIRETIVA

1. Entrevistado (a) nº: _____ Data da entrevista: ____/____/2013
2. Início da entrevista: _____ Término da entrevista: _____ Tempo: _____
3. Local onde foi realizada a entrevista: _____
4. Cargo que ocupa no Colégio: _____
5. Área de atuação como professor: _____
6. Formação: _____
7. Instituição de formação: _____ Ano: _____
8. Tempo de serviço como funcionário do Estado do Paraná: _____
9. Tempo de serviço no Colégio: _____
10. Funções que já desempenhou no Colégio: _____

1. Como os espaços externos ao redor do prédio principal são organizados pela direção? (acesso, manutenção, adequações, criação de novos espaços etc.).

1.1. Você tem alguma crítica ou sugestão a esta forma de organização no Colégio?

2. Existe alguma forma de organização dos espaços externos que vise atender também os professores e funcionários?

2.1. Se sim, fale a respeito dela. Se não, o que você pensa a respeito disso?

3. A comunidade escolar participa de alguma forma no planejamento dos espaços do Colégio?

3.1. Se sim, como ocorre tal participação? Se não, por quê?

4. Você dispõe de algum tempo livre no Colégio? Se sim, o que costuma fazer nele?

4.1. O que poderia e/ou gostaria de fazer? Se não, porquê? Se não, gostaria de dispor de algum tempo livre no Colégio? Se sim, explique melhor.

5. Em relação ao tempo livre que os estudantes dispõem no Colégio, ou seja, quando não estão envolvidos em alguma atividade formal, como você entende a organização da direção para atendê-los? (Intervalo, inter turno, aulas vagas etc).

6. Como você percebe as diversas formas de uso e apropriação dos espaços externos pelos estudantes, professores e funcionários?

6.1. Você acredita que isto possa influenciar nas formas como eles usam e se apropriam das ruas, praças, enfim, da cidade? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

6.2. Você faz uso e se apropria de algum (s) espaço (s) externo (s) do Colégio? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

7. Você entende o Colégio como um espaço que possibilita experiências no âmbito do lazer? Se sim ou não, fale mais a respeito.

8. Para você o que é lazer?

9. Você estabelece alguma relação entre escola e lazer? Fale mais a respeito. Isto ocorre no interior do CEP?

10. Para você o CEP tem espaços que possibilitem experiências de lazer? Fale mais a respeito.

ANEXO 3: Roteiro das entrevistas semiestruturadas – Coordenadores Ed. Física

1. Entrevistado (a) nº: _____ Data da entrevista: ____/____/2013
2. Início da entrevista: _____ Término da entrevista: _____ Tempo: _____
3. Local onde foi realizada a entrevista: _____
4. Cargo que ocupa no Colégio: _____
5. Área de atuação como professor: _____
6. Formação: _____
7. Instituição de formação: _____ Ano: _____
8. Tempo de serviço como funcionário do Estado do Paraná: _____
9. Tempo de serviço no Colégio: _____
10. Funções que já desempenhou no Colégio: _____

1. De que forma você percebe a organização dos espaços ao redor do prédio principal? (acesso, manutenção, adequações, criação de novos espaços etc).

1.1. Você tem alguma crítica ou sugestão a esta forma de organização no Colégio?

1.2. Como coordenador (a) de Educação Física você exerce alguma influência nesse processo? Se sim, de que forma, se não, por quê?

2. Você conhece alguma forma de organização dos espaços externos que vise atender também os professores e funcionários? Se sim, fale a respeito dela. Se não, o que você pensa a respeito disso?

3. Enquanto membro da comunidade escolar, você participa do planejamento e da organização dos espaços externos do Colégio? Se sim, como ocorre tal participação? Se não, por quê?

4. Você dispõe de algum tempo livre no Colégio? Se sim, o que costuma fazer nele?

4.1. Se não, gostaria dispor de algum tempo livre no Colégio? Se sim, o que poderia e/ou gostaria de fazer? Se não, porquê?

5. Em relação ao tempo livre que os estudantes dispõem no Colégio, ou seja, quando não estão envolvidos em alguma atividade formal, como você percebe a organização do Colégio para atendê-los? (Intervalo, inter turno, aulas vagas etc).

5.1. O que representa o intervalo para você? Você tem conhecimento do que ocorre neste tempo escolar nos espaços onde os estudantes têm acesso liberado? Fale mais a respeito.

6. Como você percebe as diversas formas de uso e apropriação dos espaços externos pelos estudantes, professores e funcionários?

6.1. Você acredita que isto possa influenciar nas formas como eles usam e se apropriam das ruas, praças, enfim, da cidade? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

6.2. Você faz uso e se apropria de algum (s) espaço (s) externo do Colégio? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

7. Você entende o Colégio como um espaço que possibilita experiências no âmbito do lazer? Se sim ou não, fale mais a respeito.

8. Para você o que é lazer?

9. Você estabelece alguma relação entre a escola e o lazer? Fale mais a respeito. Como isto ocorre no interior do CEP?

10. Para você o CEP tem espaços que possibilitam experiências de lazer? Fale mais a respeito.

ANEXO 4: Roteiro das entrevistas semiestruturadas – Chefia do G.A.A. e funcionário

1. Entrevistado (a) nº: _____ Data da entrevista: ____/____/2013
 2. Início da entrevista: _____ Término da entrevista: _____ Tempo: _____
 3. Local onde foi realizada a entrevista: _____
 4. Cargo que ocupa no Colégio: _____
 5. Área de atuação como professor (Chefia do G.A.A.): _____
 6. Formação: _____
 7. Instituição de formação: _____ Ano: _____
 8. Tempo de serviço como funcionário do Estado do Paraná: _____
 9. Tempo de serviço no Colégio: _____
 10. Funções que já desempenhou no Colégio: _____
-

1. Como os espaços ao redor do prédio principal são organizados? (acesso, manutenção, adequações, criação de novos espaços etc). Você tem alguma crítica ou sugestão a esta forma de organização no Colégio? Você exerce alguma influência nesse processo? Se sim, de que forma, se não, por quê?

2. Você conhece alguma forma de organização dos espaços externos que vise atender também os professores e funcionários? Se sim, fale a respeito dela. Se não, o que você pensa a respeito disso?

3. Enquanto membro da comunidade escolar, você participa de alguma forma no planejamento dos espaços do Colégio? Se sim, como ocorre tal participação? Se não, por quê?

4. Você dispõe de algum tempo livre no Colégio? Se sim, o que costuma fazer nele? O que poderia e/ou gostaria de fazer? Se não, porquê? Se não, gostaria de dispor de algum tempo livre no Colégio? Se sim, explique melhor.

5. Em relação ao tempo livre que os estudantes dispõem no Colégio, ou seja, quando não estão envolvidos em alguma atividade formal, como você percebe a organização da direção para atendê-los? (Intervalo, inter turno, aulas vagas etc).

6. Como você percebe as diversas formas de uso e apropriação dos espaços externos pelos estudantes, professores e funcionários? Você acredita que isto possa influenciar nas formas como eles usam e se apropriam das ruas, praças, enfim, da cidade? Se sim, de que forma? Se não, por quê? Você faz uso e se apropria de algum (s) espaço (s) externo do Colégio? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

7. Você entende o Colégio como um espaço que possibilita experiências no âmbito do lazer? Se sim ou não, fale mais a respeito. Para você o que é lazer? Você estabelece alguma relação entre escola e lazer? Fale mais a respeito.

8. Para você o CEP tem espaços que possibilitem experiências no âmbito do lazer? Fale mais a respeito.

ANEXO 5: Roteiro das entrevistas semiestruturadas – Chefia Divisão Educacional

1. Entrevistado (a) nº: _____ Data da entrevista: ____/____/2013
 2. Início da entrevista: _____ Término da entrevista: _____ Tempo: _____
 3. Local onde foi realizada a entrevista: _____
 4. Cargo que ocupa no Colégio: _____
 5. Área de atuação como pedagoga (o): _____
 6. Formação: _____
 7. Instituição de formação: _____ Ano: _____
 8. Tempo de serviço como funcionário do Estado do Paraná: _____
 9. Tempo de serviço no Colégio: _____
 10. Funções que já desempenhou no Colégio: _____
-

1. De que forma você percebe a organização dos espaços ao redor do prédio principal? (acesso, manutenção, adequações, criação de novos espaços etc). Você tem alguma crítica ou sugestão a esta forma de organização no Colégio? Você exerce alguma influência nesse processo? Se sim, de que forma, se não, por quê?

2. Você conhece alguma forma de organização dos espaços externos que vise atender também os professores e funcionários? Se sim, fale a respeito dela. Se não, o que você pensa a respeito disso?

3. Enquanto membro da comunidade escolar, você participa de alguma forma no planejamento dos espaços do Colégio? Se sim, como ocorre tal participação? Se não, por quê?

4. Você dispõe de algum tempo livre no Colégio? Se sim, o que costuma fazer nele? O que poderia e/ou gostaria de fazer? Se não, porquê? Se não, gostaria de dispor de algum tempo livre no Colégio? Se sim, explique melhor.

5. Em relação ao tempo livre que os estudantes dispõem no Colégio, ou seja, quando não estão envolvidos em alguma atividade formal, como você percebe a organização da direção para atendê-los? (Intervalo, inter turno, aulas vagas etc).

6. Como você percebe as diversas formas de uso e apropriação dos espaços externos pelos estudantes, professores e funcionários? Você acredita que isto possa influenciar nas formas como eles usam e se apropriam das ruas, praças, enfim, da cidade? Se sim, de que forma? Se não, por quê? Você faz uso e se apropria de algum (s) espaço (s) externo do Colégio? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

7. Você entende o Colégio como um espaço que possibilita experiências no âmbito do lazer? Se sim ou não, fale mais a respeito. Para você o que é lazer? Você estabelece alguma relação entre escola e lazer? Fale mais a respeito.

8. Para você o CEP tem espaços que possibilitem experiências no âmbito do lazer? Fale mais a respeito.

ANEXO 6: Roteiro das entrevistas semiestruturadas – Estudantes

1. Entrevistado (a) nº: _____ Data da entrevista: ____/____/2013
 2. Início da entrevista: _____ Término da entrevista: _____ Tempo: _____
 3. Local onde foi realizada a entrevista: _____
 4. Série que estuda no Colégio: _____
 5. Turno em que estuda no Colégio: _____
 6. Há quantos anos estuda no Colégio: _____
 7. Funções que ocupa no Grêmio: _____
-

1. De que forma você percebe a organização dos espaços ao redor do prédio principal? (acesso, manutenção, adequações, criação de novos espaços etc).

1.1. Você tem alguma crítica ou sugestão a esta forma de organização no Colégio?

1.2. Você exerce alguma influência no processo de organização destes espaços? Se sim, de que forma, se não, fale mais a respeito.

2. Você conhece alguma forma de organização dos espaços externos que vise atender também os professores e funcionários? Se sim, fale a respeito dela. Se não, o que você pensa a respeito disso?

3. Enquanto membro da comunidade escolar, você participa da organização e planejamento dos espaços externos do Colégio? Se sim, como ocorre tal participação? Se não, por quê?

4. Você dispõe de algum tempo livre no Colégio? Se sim, o que costuma fazer nele? Se não, gostaria de dispor de algum tempo livre no Colégio?

4.1. O que poderia e/ou gostaria de fazer neste tempo no Colégio?

5. Em relação ao tempo livre que os estudantes dispõem no Colégio, ou seja, quando não estão envolvidos em alguma atividade formal, como você percebe a organização da direção para atendê-los? (Intervalo, inter turno, aulas vagas etc).

5.1. O que representa o intervalo para você? Você tem conhecimento do que ocorre neste tempo escolar nos espaços onde os estudantes têm acesso liberado? Fale mais a respeito.

6. Como você percebe as diversas formas de uso e apropriação dos espaços externos pelos estudantes, professores e funcionários?

6.1. Você acredita que isto possa influenciar nas formas como eles usam e se apropriam das ruas, praças, enfim, da cidade? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

6.2. Você faz uso e se apropria de algum (s) espaço (s) externo do Colégio? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

7. Você entende o Colégio como um espaço que possibilita experiências de lazer? Se sim ou não, fale mais a respeito.

8. Para você o que é lazer?

9. Você estabelece alguma relação entre escola e lazer? Fale mais a respeito.

9.1. Na sua opinião, como isto ocorre no interior do CEP?

10. Para você o CEP tem espaços que possibilitam experiências de lazer? Fale mais a respeito.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: Roteiro das observações semiestruturadas sistemáticas

Pesquisa: ***Os espaços de lazer do Colégio Estadual do Paraná: possíveis espaços de aprendizagem para o uso da cidade no tempo/espaço de lazer***

Responsável: Prof. Fernando Richardi da Fonseca
UFPR - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação Física

Espaço: _____ Data: ____/____/2013.

1. Características gerais do espaço:

2. Condições do espaço neste dia (manutenção, acesso, limpeza, depredação, riscos para as pessoas etc.):

3. Descrição das atividades realizadas pelas pessoas neste espaço. Incluir na descrição informações referentes à faixa etária, gênero e quantidade aproximada de participantes:

4. Dia da semana, período de ocorrência, horário e condições referentes ao clima:

5. Profissionais do colégio presentes no espaço e ações desenvolvidas por esses profissionais. Caso não seja observado nenhum, sugerir quantos e onde poderiam se localizar para auxiliar com vistas a potencializar o uso e apropriação do espaço. Caso seja observado algum profissional, porém, nenhuma ação, sugerir possibilidades de ações:

6. Observações relacionadas às adaptações no espaço e nos equipamentos que possibilitam o uso e apropriação do espaço por meio de vivências lúdicas:

7. Observações relacionadas às adaptações que poderiam ser feitas para potencializar o uso e apropriação do espaço por meio de vivências lúdicas:

8. Outras observações pertinentes:

APÊNDICE 2: Termo de consentimento livre e esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Nós, _____, pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o (a) Senhor (a), professor coordenador da Educação Física do Colégio Estadual do Paraná a participar de um estudo intitulado “**Os espaços de lazer do Colégio Estadual do Paraná: possíveis espaços de aprendizagem para o uso da cidade no tempo/espaço de lazer**”. Os benefícios e vantagens em participar deste estudo estão relacionados com a possibilidade da direção da escola, professores, pais e dos próprios estudantes entenderem com maior profundidade o processo de uso e apropriação dos diversos espaços externos do colégio, com o objetivo de propor, caso seja necessário e possível, medidas que visem otimizar tal processo.

- a) O objetivo desta pesquisa é investigar as experiências no âmbito do lazer possíveis de ocorrer no Colégio Estadual do Paraná a partir dos seus diversos espaços externos, considerando-se as formas de planejamento e organização de tais espaços.
- b) Caso você participe da pesquisa, será necessário realizar uma entrevista contendo questões relacionadas ao tema da pesquisa. A data e horário para a realização da entrevista serão previamente comunicados. Durante a entrevista o pesquisador responsável utilizará um gravador com o objetivo de facilitar a transcrição do conteúdo. A entrevista será realizada nas dependências do colégio, em sala disponibilizada pela direção. Após a transcrição da entrevista você receberá uma cópia com o conteúdo integral objetivando validar a entrevista para o estudo. Você não é obrigado (a) a responder todas as perguntas.
- c) Para tanto você deverá comparecer no Colégio Estadual do Paraná para realizar a entrevista, com duração estimada em aproximadamente 1 hora, em horário previamente marcado que não prejudique a sua rotina de trabalho.
- d) Alguns riscos relacionados ao estudo podem ser relação ao participante se sentir desconfortável em relação à uma pergunta específica durante a entrevista.

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal _____

Pesquisador Responsável _____

Orientador _____ Orientado _____

- e) Os benefícios esperados com essa possibilidade da direção da escola, professores, pais e dos próprios estudantes entenderem com maior profundidade o processo de uso e apropriação dos

diversos espaços externos do colégio, com o objetivo de propor, caso seja necessário e possível, medidas que visem otimizar tal processo. No entanto, nem sempre você será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir para o avanço científico.

- f) Os pesquisadores Fernando Richardi da Fonseca - Mestrando em Educação Física pela UFPR (telefone: 88362867, e-mail: gandalffer@yahoo.com.br) e Prof.^a Dr.^a Simone Rechia - professora do Departamento de Educação Física da UFPR, responsáveis por este estudo poderão ser contatados no Departamento de Educação Física da UFPR, situado na rua Coração de Maria, 92
Campus Jardim Botânico - CEP 80210-132 - Curitiba/Paraná
Telefone: (41) 3360-4329 para esclarecer eventuais dúvidas que o (a) Sr. (Sra.) possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.
- g) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.
- h) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas (orientadora). No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e seja mantida a confidencialidade. A sua entrevista será gravada, respeitando-se completamente o seu anonimato. Tão logo transcrita a entrevista e encerrada a pesquisa o conteúdo será desgravado ou destruído.
- i) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo você não receberá qualquer valor em dinheiro.
- j) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal _____

Pesquisador Responsável _____

Orientador _____ Orientado _____

Eu, _____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem que esta decisão.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

(Assinatura do sujeito de pesquisa ou responsável legal)
Local e data

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE 3: Termo de assentimento**TERMO DE ASSENTIMENTO****TERMO DE ASSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título do Projeto: Os espaços de lazer do Colégio Estadual do Paraná: possíveis espaços de aprendizagem para o uso da cidade no tempo/espaço de lazer

Investigador: Fernando Richardi da Fonseca

Local da Pesquisa: Colégio Estadual do Paraná

Endereço: Av. João Gualberto, 250, Alto da Glória, Curitiba/PR

O que significa assentimento?

O assentimento significa que você concorda em fazer parte de um grupo de adolescentes, da sua faixa de idade, para participar de uma pesquisa. Serão respeitados seus direitos e você receberá todas as informações por mais simples que possam parecer.

Pode ser que este documento denominado TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que você não entenda. Por favor, peça ao responsável pela pesquisa ou à equipe do estudo para explicar qualquer palavra ou informação que você não entenda claramente.

Informação ao Participante:

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, com o objetivo de investigar as experiências no âmbito do lazer possíveis de ocorrer no Colégio Estadual do Paraná a partir dos seus diversos espaços externos, considerando-se as formas de planejamento e organização de tais espaços.

Os benefícios esperados com essa pesquisa estão relacionados com a possibilidade da direção da escola, professores, pais e dos próprios estudantes entenderem com maior profundidade o processo de uso e apropriação dos diversos espaços externos do colégio, com o objetivo de propor, caso seja necessário e possível, medidas que visem otimizar tal processo.

Desta forma, você será convidado (a) a participar da pesquisa respondendo questões de uma entrevista, com duração aproximada de uma hora. A data, horário e local para a realização da entrevista serão definidos com antecedência, de forma que não prejudique sua rotina de estudos e/ou trabalho (estágio).

As informações dadas por você durante a entrevista serão gravadas e guardadas sob responsabilidade do pesquisador responsável por este estudo. Após a análise das informações o pesquisador se compromete a descartar o material (apagar os arquivos de áudio).

Sua identidade será preservada. Caso aceite em participar voluntariamente da pesquisa, o pesquisador responsável entrará em contato para esclarecer possíveis dúvidas e agendar a data, local e horário para a realização da entrevista.

Caso você aceite participar, será agendada uma entrevista com duração de aproximadamente uma hora, no Colégio Estadual do Paraná, em data e horário a combinar e que não prejudiquem sua rotina de estudos e/ou trabalho (estágio).

Riscos podem estar relacionados ao constrangimento que você possa vir a ter no momento da entrevista ou na hora de responder alguma questão específica. Caso isto ocorra você terá a liberdade de deixar de responder qualquer questão da entrevista, bem como poder retirar-se do estudo a qualquer momento.

A sua participação é voluntária. Caso você opte por não participar não terá nenhum prejuízo no seu atendimento.

Contato para dúvidas

Se você ou os responsáveis por você tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou no caso de riscos relacionados ao estudo, você deve contatar o(a) Investigador(a) do estudo **Fernando Richardi da Fonseca, telefone fixo 33640532 e celular 88362867**. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como um participante de pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259. O CEP é constituído por um grupo de profissionais de diversas áreas, com conhecimentos científicos e não científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada da pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos.

Rubricas:

Participante da Pesquisa e /ou responsável legal _____

Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE _____

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DO PARTICIPE:

Eu li e discuti com o investigador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.

Eu receberei uma cópia assinada e datada deste Documento DE ASSENTIMENTO INFORMADO.

NOME DO ADOLESCENTE	ASSINATURA	DATA
---------------------	------------	------

NOME DO INVESTIGADOR	ASSINATURA	DATA
----------------------	------------	------

Rubricas:

Participante da Pesquisa e /ou responsável legal _____

Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE _____

Comitê de ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da FUFPR
Rua Pe. Camargo, 280 – 2º andar – Alto da Glória – Curitiba-PR – CEP:80060-240
Tel (41)3360-7259 - e-mail: cometica.saude@ufpr.br

APÊNDICE 4: Matriz Analítica – Roteiro para elaboração das entrevistas semiestruturadas

OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERGUNTAS
Investigar as relações entre o fenômeno do lazer e o âmbito escolar no Colégio Estadual do Paraná	<p>Mapear os espaços ao ar livre, identificando o planejamento e organização desses espaços que possibilitam experiências no âmbito do lazer no Colégio Estadual do Paraná</p>	<p>Como os espaços ao redor do edifício principal são organizados pela direção? (acesso, manutenção, adequações, criação de novos espaços etc.). Você tem alguma crítica ou sugestão a esta forma de organização no seu turno?</p> <p>Existe alguma forma de organização dos espaços externos que vise atender também os professores e funcionários? Se sim, fale a respeito dela. Se não, o que você pensa a respeito disso?</p> <p>A comunidade escolar participa de alguma forma no planejamento dos espaços do Colégio? Se sim, como ocorre tal participação? Se não, por quê?</p>
	<p>Identificar as formas de uso e apropriação dos espaços ao ar livre por estudantes, professores, funcionários e equipe diretiva, verificando possibilidades e experiências no âmbito do lazer</p>	<p>Em relação ao tempo livre que os estudantes dispõem no Colégio, ou seja, quando não estão envolvidos em alguma atividade formal, como você entende a organização da direção para atendê-los? (Intervalo, inter turno, aulas vagas etc.).</p> <p>Você dispõe de algum tempo livre no Colégio? Se sim, o que costuma fazer nele? O que poderia e/ou gostaria de fazer? Se não, porquê? Se não, gostaria de dispor de algum tempo livre no Colégio? Se sim, explique melhor.</p>
	<p>Identificar as formas de compreensão dos diversos espaços ao ar livre pela equipe diretiva, professores, funcionários e estudantes do Colégio e da relação entre o fenômeno do lazer e a escola</p>	<p>Como você percebe as diversas formas de uso e apropriação dos espaços externos pelos estudantes, professores e funcionários? Você acredita que isto possa influenciar nas formas como eles usam e se apropriam das ruas, praças, enfim, da cidade? Se sim, de que forma? Se não, por quê? Você faz uso e se apropria de algum (s) espaço (s) externo (s) do colégio? Se sim, de que forma? Se não, por quê?</p> <p>Você entende o Colégio como um espaço que possibilita experiências no âmbito do lazer? Se sim ou não, fale mais a respeito. Para você o que é lazer? Você estabelece alguma relação entre escola e lazer? Fale mais a respeito.</p> <p>Para você o CEP tem espaços que possibilitem experiências no âmbito do lazer? Fale mais a respeito.</p>